

Construções III

medo e paixão na formação analítica



Construções III

medo e paixão na formação analítica

**Joselane Campagna da Silva
Deise Cabral Comparin
Thalita Gabinio e Souza
Odete Maria Koltermann
(Organizadoras)**

**Gráfica Mundial
Campo Grande, MS, 2013**

Título original: Construções III: medo e paixão na formação analítica

Organizadora(s): Joselane Campagna da Silva
Deise Cabral Comparin
Thalita Gabinio e Souza
Odete Maria Koltermann

Capa: Rosy Ozório

Revisão ortográfica: xxxxx

Revisão técnica: ????

Editoração eletrônica: Ereni dos Santos Benvenuti

Impressão: Gráfica Mundias

1ª edição: xxxx 2013

Tiragem: xxxxx

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da ABC. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

FICHA CATALOGRÁFICA

A maior riqueza do homem é a sua incompletude

Manuel de Barros

A maior riqueza do homem

é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.*

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.



Prefácio



Sumário



Apresentação

É com muita satisfação que apresentamos a você, leitor, mais um trabalho organizado pela ABC, o livro **Construções III**. Ele é resultante de uma bela coletânea de trabalhos de colegas de diversas regiões do país. São produções científicas de Candidatos em Formação Psicanalítica que compartilham seus conhecimentos e suas reflexões.

Na primeira parte, que reserva espaço para trabalhos relacionados ao subtítulo do livro, **“Medo e Paixão na Formação Analítica”**, temos quatro trabalhos. No primeiro deles, as autoras Cláudia Morais, Luzia Patusco, Maria de Lourdes Contini e Wanya do Nascimento trazem para a discussão um tema que permeia toda a formação analítica. No trabalho intitulado “O Desejo de ser analista: medo e paixão”, as autoras abordam as vivências paradoxais de medo e paixão que permeiam a atualidade da formação psicanalítica. Refletem ainda sobre o contínuo processo de construção e desconstrução vivido pelos candidatos durante a formação.

O segundo trabalho, de autoria de Christiane Paixão, que tem como título o mesmo dado ao subtítulo do livro, “Medo e Paixão na Formação Analítica”, faz considerações acerca dos medos e paixões que envolvem a aprendizagem do ofício de se tornar analista, e da importância da experiência da análise no processo de formação.

Outro trabalho é o da colega Silvia Villa Verde Ribeiro, intitulado “Considerações sobre o amor”. Neste, a autora se utiliza das obras de Freud e Platão para conceitualizar a dimensão da ideia de “amor”.

Para finalizar esta primeira parte, o trabalho do colega Eduardo Brod Méndez, “A paixão pelo ofício e a aquisição de

seus truques-cozinhar e psicanalisar”. Nele, o autor associa suas duas paixões: a psicanálise e a culinária, utilizando-se de metáfora comuns a ambas, traçando um paralelo entre a aquisição do conhecimento e experiência presentes no ato de psicanalisar e cozinhar.

Na seção de temas **“Pensando a Clínica”** encontramos três trabalhos. O primeiro deles é o trabalho de Sandra Bulhões, “A delicada complexidade do encontro analítico. Transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas”. Nele, a autora aborda a relação analítica com um paciente durante sete anos de análise. Busca, em diversos referenciais teóricos, formas de compreender o mundo interno de seu paciente e rever sua postura enquanto analista, e as transformações que aconteceram a partir deste encontro.

O texto intitulado “Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico”, de Patrícia Lima de Oliveira, traz como proposta a reflexão sobre o processo de transformação que acontece no diálogo entre analista e analisando, e as mudanças que ocorrem a partir desta relação.

Em “Sobre o Amor Transferencial”, Carolina Cibella propõe a discussão do conceito de transferência e seu difícil manejo na situação analítica. Considera que casos de transferência nem sempre configuram uma transferência amorosa ou erótica propriamente dita e que a transferência erótica pode nem sempre ser um entrave ao processo analítico.

Na terceira parte do livro, **“Reflexões em Psicanálise”**, o leitor encontrará cinco trabalhos que são um convite à reflexão. O primeiro deles, “Adolescentes em situações de conflito com a lei, abandono familiar e adicção às drogas: realidade psíquica e realidade social”, de Almira Rodrigues, faz uma reflexão à luz da psicanálise sobre situações destrutivas enfrentadas por adolescentes, abordando aspectos de vulnerabilidade física e psíquica desses adolescentes, que viven-

ciam contextos de desestrutura familiar, adicção e situações de conflito com a lei.

No texto de Petruska Menezes, “Hipóteses do despertar da consciência de si mesmo do indivíduo”, a reflexão parte de pressupostos desenvolvidos pelo psicanalista Armando Ferrari, que aborda a percepção de si mesmo que se desenvolve a partir da relação analítica.

No trabalho intitulado “A lona da esperança”, de Renata Martinelli Duarte, a autora aborda o conceito de transitoriedade e faz uma reflexão a partir de um texto de Freud, “Sobre a transitoriedade” (1915), e do filme “O Palhaço” (2011), dirigido por Selton Mello. E mostra que, tanto Freud como o dono do circo, acreditavam na possibilidade de “reconstrução”.

Em “Por que ainda ler Freud?”, Berta Hoffmann Azevedo parte de um questionamento e apresenta uma reflexão a partir de Freud, pioneiro na psicanálise, suas contribuições e as de seus seguidores contemporâneos, na história do movimento psicanalítico.

Para finalizar, no trabalho “Santidade: um funcionamento mental?”, a autora Eliane Souto de Abreu levanta hipóteses para identificar aspectos psicopatológicos e psicodinâmicos presentes na santidade, tomando como referência, em especial São Francisco de Assis.

Enfim, aqui está uma bela coletânea de trabalhos vindos dos quatro cantos do Brasil, com diversidade de temas e formas de pensar a psicanálise, que muito enriquecem o livro. Acreditamos que o leitor terá excelentes oportunidades de reflexão e desejamos que sua leitura instigue novos pensamentos e discussões estimulando o exercício psicanalítico.

O projeto do livro **Construções** vem conquistando, a cada gestão, respeitabilidade e reconhecimento, e mais uma vez contou com o apoio e incentivo da FEBRAPSI.



Medo e Paixão na Formação Analítica



O desejo de ser analista: medo e paixão

The desire to be analyst: fear and passion

El deseo de ser analista: miedo y pasión

Cláudia Evangelista Ruiz Martins Moraes

Luzia de Souza Patusco

Maria de Lourdes Jeffery Contini

Wanya Fátima Ayala do Nascimento

Instituto de Psicanálise da SPMS. E-mails: claudiaruiz_psico@yahoo.com.br; luziapsic@hotmail.com; ml.contini@hotmail.com; wanyapsi@gmail.com.

Resumo: A Formação Psicanalítica tem sido amplamente discutida ao longo do tempo, gerando muitos debates dentro do movimento psicanalítico. Neste artigo, pretendemos explorar tal temática na perspectiva do medo e da paixão diante do que significa tornar-se analista na nossa sociedade atual. Como bem aponta Tanis (2006, p.2), “cada nova geração de analistas (re-cupera esse debate) e vê-se solicitada a resignificá-lo à luz dos desafios que a mutante realidade impõe”. Muitos afetos permeiam a condição de vir a ser analista, cujo impacto parece mobilizar parte de nossa energia psíquica frente ao seu efeito paradoxal e desafiador. Tornar-se analista requer um contínuo esforço de constantes construções e desconstruções, e ao mesmo tempo faz-se necessário admitir que este esforço sempre será insuficiente exigindo novas buscas. Suportar esta incompletude sem resignar ou sucumbir, pode ser a possibilidade mais segura para suportar também a condição de ser analista.

Palavras-chaves: desejo; medo; paixão; formação psicanalítica.

Abstract: Formation in Psychoanalysis has been well discussed for a long time, creating a lot of debates within the psychoanalytical movement. In this article, we aim to explore such thematics, in the perspective of fear and passion in face of what it means to become a psychoanalyst in our current society. As it was well observed by Tanis (2006), “each new generation of analysts (recovers this debate) and sees themselves asked to re-define it under the light of the challenges which a mutant reality imposes” (p.2). Many feelings pervade the condition to become an analyst, whose impact seems to mobilize part of our psychic energy in face of its paradoxical and challenging effect. To become an analyst requires a continual effort of constant construction and destruction and, at the same time, it is necessary to admit that this effort will always be insufficient, demanding new searches. To bear this feeling of incompleteness without resigning or succumbing could be the safest possibility to also endure the conditions of being an analyst.

Key-words: desire; fear; passion; formation in psychoanalysis.

Resumen: La formación Psicoanalítica ha sido ampliamente discutida a lo largo del tiempo, generando muchos debates dentro Del movimiento psicoanalítico. En este artículo, intentamos explorar tal temática en la perspectiva del miedo y de la pasión delante de lo que significa tornarse psicoanalista en nuestra sociedad actual. Como bien lo observa Tanis (2006), “cada nueva generación de psicoanalistas (supera ese debate) y se ve solicitada a redefinirlo a la luz de los desafíos que la realidad mudable impone” (p.2). Muchos afectos permean la condición de tornarse psicoanalista, cuyo impacto parece movilizar parte nuestra energía psíquica frente a su efecto paradójico y desafiador. Tornarse psicoanalista demanda un esfuerzo continuo de constantes construcciones y desconstrucciones y, simultáneamente, se hace necesario admitir que este esfuerzo siempre será insuficiente, exigiendo nuevas búsquedas. Suportar este hueco sin resignarse o sucumbir puede ser la posibilidad más segura para suportar también la condición de ser un psicoanalista.

Palabras-clave: deseo; miedo; pasión; formación psicoanalítica.

A Psicanálise, como sabemos, nasce na perspectiva de uma consciência crítica da Modernidade retirando o eu e a razão da centralidade da vida humana, e assinalando para o mal-estar moderno como produção subjetiva e cultural. Freud aponta para o descentramento do sujeito em relação ao próprio desejo inconsciente em sua primeira tópica. Em *Mal-estar na Civilização*, ele desvela a condição trágica do ser humano frente ao desamparo diante da vida, introduzindo a noção de pulsão de morte, formulada a partir da segunda tópica.

Segundo Tanis (2006) a Psicanálise, enquanto teoria e método, não propõe nenhuma ortopedia psíquica, mas sim uma transformação “a partir de um fazer-saber sobre a natureza inconsciente da subjetividade, promovendo no a-posteriori do ato interpretativo a desalienação desta mesma subjetividade condenada, até então, à repetição” (TANIS, 2006 p. 5). Portanto, não será através de uma compreensão intelectual ou de busca de completude narcísica que poderá formar um bom analista, visto que a apreensão do objeto psicanalítico é inviável se o buscarmos através das vias exclusivamente racionais.

Ao ingressar numa instituição de formação psicanalítica a visão do candidato, inicialmente, mostra ser mais romântica, pois inclui um encantamento permeado por fantasias e idealizações, e à medida que segue este percurso os dados de realidade começam a surgir acompanhados de frustrações inerentes a natureza conflitiva e transformadora deste processo de vir a ser analista. Como diz Mezan *apud* Tanis (2006, p. 6), este é:

O périplo pelo qual o personagem se educa para vida, enfrentando-se com a decepção, com a dor e com a perda das ilusões, mas também tomando conhecimento de suas possibilidades, de seus limites e de suas responsabilidades.

Nesta perspectiva, o desejo de ser analista é posto a prova e é investigado constantemente por questões subjetivas que despertam afetos intensos importantes para esta trajetória, sendo a análise pessoal uma condição privilegiada e fundamental para as mudanças propostas enquanto analistas em construção. Bouwman (2009, p. 97) destaca a este respeito que:

O que está em questão no ato de criar um analista, como destino de uma análise, é a relação que o sujeito passa a estabelecer com o seu desejo, uma relação de saber e de insuficiência.

A Formação sustentada no clássico tripé: análise pessoal, supervisão clínica e seminário teórico, ainda hoje é foco de importantes discussões, não tanto pela sua forma, mas, pelo conteúdo que abrange, diante das novas configurações do campo psicanalítico e das significativas transformações culturais que impactam na constituição da nossa subjetividade. Esses fenômenos se transformam em desafios para os futuros analistas, não só diante das novas demandas trazidas pelos pacientes da contemporaneidade, mas, especialmente no que se refere a nossa construção subjetiva do lugar do “ser analista”, que envolve o medo e a paixão.

Entendemos que o analista empenhado em sua formação busca recursos para constituir um novo lugar na posição analítica ao desenvolver o seu estilo por meio do bom uso de sua análise pessoal; apropriando-se de conhecimentos teóricos e técnicos que o auxiliará na condução dos principais conceitos psicanalíticos; e estabelecendo uma forma de comunicação e escuta analítica mais afinada com seus pacientes, desenvolvida através do processo de supervisão.

Muitos afetos permeiam a condição de vir a ser analista, cujo impacto parece mobilizar parte de nossa energia

psíquica frente ao seu efeito paradoxal e desafiador. Somos impulsionados a investir nesta paixão e nos sentimos seduzidos pelas descobertas e construções realizadas, ao mesmo tempo em que também sentimos medo e nos protegemos daquilo que nos assusta, muitas vezes recuando ou adiando determinados avanços.

Como se forma o analista diante dos afetos do medo e da paixão? A palavra medo vem do latim *metus*, conceito que se refere à apreensão que sentimos de algo que venha a acontecer contrário àquilo que pretendemos. É um estado afetivo e emocional para nos adaptarmos ao meio. Paixão vem do grego *pathos* que também dá origem ao termo *patologia*, que quer dizer o estudo das paixões.

O medo e a paixão, sem dúvida, irão rondar a constituição do analista, pois sabemos que sua formação tem como condição necessária sua análise para abrir o espaço da ressignificação da própria subjetividade, ou seja, ter contato com o seu inconsciente e tudo que esse contato irá demandar em termos de afetos. Sabemos que não é somente a análise pessoal a condição necessária quando o assunto diz respeito à Formação, mas, a entendemos como força motriz dessa caminhada.

Aceitar que o pensamento sempre supõe certa intensidade de angústia e que a criação de uma nova representação do mundo se dá na fronteira da loucura é o preço a pagar, em termos freudianos, para que a alegria (spinoziana) possa advir. (SPINOZA apud SOUZA, 2011, p. 287).

Enquanto candidatas, podemos definir medo e paixão como dois sentimentos que expressam as sensações em relação a este processo antes e durante a Formação Psicanalítica. O medo geralmente surge bem antes de sermos postulantes ou candidatas, ele se faz muito presente nas entrevistas iniciais: é o medo de não ser aceito.

Durante a Formação nos deparamos com um medo que nos acompanha por todo o processo, o qual se manifesta por meio destas indagações: Como se tornar um bom analista sem se despersonalizar e sem perder a própria identidade e a criatividade? O que de fato precisamos aprender? O que precisamos preservar? O que precisamos abandonar?

Heiman (1950) constata no trabalho dos iniciantes que, pelo medo, estes ignoram ou sufocam seus sentimentos. E esta mesma autora coloca que:

O objetivo da própria análise do analista não é o de torná-lo um cérebro mecânico que pode produzir as interpretações baseando-se em um procedimento puramente intelectual, mas capacitá-lo para sustentar os sentimentos que são despertados nele, em vez de descarregá-los (como o paciente faz). Se um analista tenta trabalhar sem consultar seus sentimentos, suas interpretações são pobres. (HEIMAN, 1950, p. 2).

Sobre a paixão pela Formação, consideramos que no começo ela vem acompanhada de intensa projeção e idealização como toda paixão. O candidato projeta na instituição aquilo que está relacionado ao seu próprio mundo interno. Com o passar do tempo surge a capacidade de desidealizar, de recolher as projeções e de abrir espaço para uma percepção mais inteira, onde é possível aceitar que nada é perfeito.

De forma lúdica, podemos relacionar a nossa experiência até o momento enquanto candidatas a Formação Psicanalítica às fases do desenvolvimento psicosexual infantil segundo Freud. O erotismo oral se manifesta no início deste processo durante os seminários teóricos, cujos candidatos demonstram uma necessidade de receber e serem nutridos por um conhecimento pronto, ou seja, almejam a incorporação do

objeto e quando tal necessidade não é atendida ou satisfeita reagem normalmente com ataques a estes objetos.

Na fase posterior, no meio do processo de Formação, evoluímos para a fase anal e podemos verificar maior controle dos impulsos agressivos por considerarmos a capacidade de produzir algo que é de nosso próprio mérito. Assim nos sentimos menos ameaçados e mais envolvidos com o prazer pelo ato de exercitar uma atividade nova de forma autônoma. O que ocorre neste período durante a Formação Psicanalítica sugere ser uma melhor adaptação ao modelo institucional proposto, e vislumbramos não apenas receber o conhecimento, mas também acumulá-lo e nos preparamos para reproduzi-lo com a autorização da supervisão oficial.

Em seguida, podemos associar à fase fálica a continuidade desta etapa em que por meio da escolha de um paciente e um supervisor somos direcionados a nossa própria prática clínica, ou seja, a zona de erotização se estabelece de forma mais definida.

Em relação ao período de latência, observamos nos relatos de alguns colegas que estão encerrando as atividades da Formação, a vivência de uma espécie de luto e confusão relacionadas a condição de vir a ser analista, o que provoca muitas vezes um recalamento e sublimação destes desejos assustadores e ao mesmo tempo propulsores...

Percebemos que apesar de haver um tempo mínimo estabelecido, a duração da Formação Psicanalítica é muito particular a cada candidato. O tempo ao qual nos referimos e que nos interessa é o do relógio interno, cuja cronologia não obedece à ordem da razão e seu sentido só poderá ser reconhecido e conduzido por aqueles que se submetem a uma experiência de entrega afetiva através de sua análise pessoal rumo a busca da própria verdade.

Tornar-se analista, portanto, requer um contínuo es-

forço de constantes construções e desconstruções, e ao mesmo tempo faz-se necessário admitir que este esforço sempre será insuficiente exigindo novas buscas. Suportar esta incompletude sem resignar ou sucumbir, pode ser a possibilidade mais segura para suportar também a condição de ser analista.

Para concluir essa pequena reflexão, podemos dizer que a Psicanálise e a Formação é algo que nos angustia, mas, nos liberta, do mesmo modo que nos envolve por se tratar de um processo complexo que exige entrega e renúncias. O medo e a paixão irão mover este processo do começo ao fim, sendo nesse contexto cheio de encontros e paradoxos que “nasce” o futuro analista... medo e paixão!

Referências

BOUWMAN, M. W. Desafios da formação psicanalítica: reflexões em torno da análise do analista. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 32, p. 95-102, nov. 2009.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HEIMANN, P. On countertransference. *Int. J. Psychoanal*, 31 (1): 81-84, p. 2, ano 1950. Traduzido pela Psicanalista Maria Fernanda Marques Soares (Psicanalista Didata da SPMS), em 1990.

<http://origemdapalavra.com.br/palavras/medo/>. Acesso em: 14 fev. 2013.

SOUZA, M. L. R. Cartas a uma jovem psicanalista. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 44, n. 81, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000200023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 fev.

24 ✎ Cláudia E. R. M. MORAIS; Luzia S. PATUSCO; Ma. de Lourdes J. CONTINI; Wanya F. A. NASCIMENTO. *O desejo de ser analista: medo e paixão*, p. 15-23

2013.

TANIS, B. Considerações sobre a formação psicanalítica: desafios atuais. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, v. 7, p.02-13, año 2006.



Medo e Paixão na Formação Analítica

Fear and Passion in the Analytic Training

Miedo y Pasión en la Formación Analítica

Christiane Paixão

Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de
Porto Alegre.

Resumo: A autora propõe discutir a formação analítica pelo viés da experiência transferencial do analista, com um analista que nos precede. Aporta a transferência como veículo condutor das paixões no encontro analítico, daí derivando paradoxalmente o maior medo do analista, o de aprofundar a análise.

Palavras-chave: formação analítica; resistência; transferência.

Abstract: The author aims to discuss analytic education from the perspective of the psychoanalyst's transference experience, with an analyst that came before us. Transference is viewed as a driving force of passions in the analytical encounter. Paradoxically, this turns out to be the psychoanalyst's greatest fear – delving into the analysis.

Keywords: analytic education; resistance; transference.

Resumen: La autora propone discutir la formación analítica desde la mirada de la experiencia transferencial del analista, con un analista que nos precede. Trata la transferencia como vehículo conductor de las pasiones en el encuentro analítico, derivando de ahí, de manera paradójica, el más grande miedo del analista, el de profundizar el análisis.

Palabras clave: formación analítica; resistencia; transferencia.

“O narrador toma o que narra da experiência,
Da sua própria ou da referida. E a converte
Por sua vez em experiência daqueles que
Escutam a sua história”.
(Walter Benjamin – O Narrador – 1985)

Numa conversa com um jovem colega a respeito da formação analítica, sou questionada sobre o que mudava com a finalização desse percurso formal. O que mudava dentro de mim? Sua pergunta se dirigia para o interior, não para o exterior. Sinto que fui surpreendida.

Olho com mais atenção. Percebo no olhar desse colega, iniciante nos caminhos da psicanálise, um grande entusiasmo, um enorme desejo de ser ele mesmo um psicanalista e com a expectativa de que um dia se chega lá. Haverá o dia em que serei psicanalista e sobre o que não restarão dúvidas?!

Pergunto se o que penso enxergar no colega é o que já me ouvi dizer e desejar. Se já compartilhei dessa ilusão apaixonada, de que ser psicanalista é um lugar ao qual se chega e lá fica-se instalado. No entanto, com o tempo e com a experiência aprendemos que não é um lugar físico, tampouco um lugar a espera de ser ocupado, é sim uma função que precisa ser sustentada a cada palmo do caminho, avaliando se estamos à altura do que o ofício nos exige.

Como articular essa instigante indagação com a proposta de conversarmos e escrevermos sobre o medo e a paixão na formação analítica? Claramente há uma solicitação para que o analista fale de si, do seu próprio percurso, não das normas formais propostas pelos institutos de psicanálise. Convoca-se o analista a falar do seu próprio desejo, daquilo que o põe em movimento, bem como do que o paralisa.

Horenstein (2012, p. 10), em seu trabalho “O vaso e as sementes de girassol. Notas para uma tradição que virá”, refere:

Ai Wei Wei (artista chinês) apresenta uma instalação na Tate Modern, de Londres, chamada Sementes de Girassol: um milhão de peças de porcelana pequenas, que representavam sementes, foram espalhadas pelo piso. Cada uma delas, indistinguível na aparência, era no entanto única, pintada a mão por um artesão chinês. A obra simbolizava, segundo o autor, a individualidade no aparente uniforme.

Poderia ser esta uma bela forma de representarmos o desejado numa formação analítica, que passa necessariamente pela experiência de uma análise, no divã, com um analista que nos precede. Experiência transferencial que encontra guarida em todas as teorias psicanalíticas. Isso é indiscutível.

A teoria da análise é suscetível para Freud, do ensino; a experiência de análise, pelo contrário, se articula para ele com a transmissão e se sustenta em uma dimensão de desejo. (CABRAL, 2012, p. 111).

Se a experiência transferencial está na base daquilo que se transmite como função analítica a ser desenvolvida no percurso de uma formação, é por esse caminho que irei me aventurar a falar. A partir daqui, isso irá nos distinguir. Por essa razão tomamos a exposição “sementes de girassol” como uma metáfora poética daquilo que se pretende que passe individualmente nesse caminho da formação analítica.

Voltemos ao tema proposto, medo e paixão seriam ingredientes inerentes à formação? Diz a sabedoria popular que o medo paralisa e a paixão cega!

Tomemos o medo, do que temos medo? Existe um objeto ao qual temer? O tema proposto sugere que sim. Se existe medo, de onde vem, do sujeito praticante da análise, do analista, condutor da análise? Possivelmente a resposta mais rápida

seria atribuímos o medo ao paciente, colocarmos o refletor naquela direção. O paciente resiste a se ligar a nós, resiste ao tratamento, resiste a aprofundar-se no conhecimento do seu inconsciente e hoje em dia se dirá que são os pacientes que nem querem análise. Esse, um discurso relativamente comum entre os analistas, tanto entre os analistas em formação, como entre os mais experientes.

Proponho redirecionarmos o foco. Poderíamos ligar medo à angústia? A angústia do analista. Proponho que o façamos.

Medo e paixão, ou medo das paixões?

Freud (1974a) irá discutir entre outras coisas a transferência sob o viés da resistência. Pergunta ele como a transferência, serve tão admiravelmente a resistência? Estava Freud intrigado com as manifestações transferenciais (amorosas, eróticas e hostis) de seus pacientes e com a necessidade de compreender que essas manifestações não se dirigiam a pessoa do analista, eram acima de tudo reedições de impulsos eróticos ocultos e esquecidos. De um lado servindo ao recalque, de outro operando na busca de ter satisfeita a pulsão, sendo uma forma de dar voz aos desejos inconscientes. Sabemos que Freud (1974b) irá postular cinco tipos de resistência, e que colocará acento na resistência de transferência, carregada de impulsos eróticos que se opõe ao processo analítico.

Os impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que sejam, mas esforçam-se por reproduzir-se de acordo com a atemporalidade do inconsciente e sua capacidade de alucinação. Tal como acontece nos sonhos, o paciente encara os produtos do despertar de seus impulsos inconscientes como contemporâneos e reais; procura colocar suas paixões em ação sem levar em conta a situação real. (FREUD, 1974a, p. 143).

Freud não hesita em descrever que no calor da neurose de transferência, o paciente vive a relação transferencial com um sentimento de realidade, tal como o sentimento que temos quando sonhamos. A realidade é a realidade do desejo, e é isso que é posto em ação.

Neste caminho, nada pode dar garantias aos viajantes! Contamos com a transferência, veículo condutor das paixões reencenadas no campo da análise. Contamos com a escuta do inconsciente do paciente e do analista, o que faz do ofício analítico essa tarefa impossível. Também contamos com a qualidade da fala e da linguagem, companheiras privilegiadas para caminhar no país do outro (LECLAIRE, 1992).

Contamos acima de tudo com a capacidade do analista de se sustentar no lugar do “objeto atrator” que atrai a libido para si, cria a transferência, ou melhor, a neurose de transferência. A libido está pronta para saltar em direção a pessoa do analista, a ir a procura de um abrigo, de um porto que a amarre, “para então voltar a sua fonte, ao ponto de partida” (NASIO, 1999).

Seria esse o maior desafio de um analista, sustentar a posição de atrair para si toda a libido do paciente e ao mesmo tempo recusá-la? Oferecer-se como objeto para demanda de amor/ódio do paciente, ocupando o lugar de objeto atrator e paradoxalmente recusando atender diretamente a essa demanda?

A recusa (renúncia) é aqui entendida como constitutiva de todo o dispositivo analítico, e que alheada ao princípio de abstinência trabalha no sentido de promover a capacidade negativa.

Não é apenas a reserva, a ação do analista, não é apenas o silêncio matizado do analista... a não resposta as demandas de amor, mas também é, no momento da segunda recusa, como se o analista dissesse: não há

relação sexual possível. (NASIO, 1999, p. 76).

Neste sentido, a abstinência do analista promove a regressão e favorece a transferência. Sempre lembrando que a par da transferência do paciente, existe a transferência do analista, a que foi passível de transformação na sua própria análise e que segue com ele, disponível para o uso.

O analista veste, transveste, investe o objeto com o mistério de seu silêncio e de sua recusa de gratificação, para fazer sentir que o objeto é sempre insatisfação, e esta é a condição para que haja demanda de amor. (LEITE; PAIM, 2012, p. 57).

A propósito dessas idéias, remeto a uma situação clínica. Gabriel, 7 anos, as voltas em buscar uma saída para seu conflito edipiano, propõe a seguinte brincadeira: coloca duas cadeiras no centro da sala em torno das quais devemos correr. Devo correr para pega-lo e vice-versa. Em um determinado momento, questiona, entre intrigado e frustrado: por que tu corre para fugir de mim e não corre para me pegar? Interpreto seu desejo de que eu corra para ele! Ao que ele responde: não! Eu quero que tu corra para me pegar e corra para fugir de mim!

A transferência enquanto demanda de amor está posta nas palavras do paciente. Bem como, o desejo de não ser atendido. Por hora precisa apenas usufruir do espaço da análise como um playground para expressar seus desejos inconscientes. Ao analista cabe acompanhá-lo nesta travessia, consentindo ao paciente que possa manifestar seu desejo e se faça análise.

No campo que estamos descrevendo, as paixões de amor e ódio são evocadas pelo encontro analítico, as paixões de transferência.



Acredito como Nasio (1999) que o primeiro objeto transferencial do analisando não é o analista, mas a relação subjetiva do analista com a psicanálise. Dito de outro modo, a confiança do analista adquirida na sua própria análise, a de ter sido beneficiado por ela. Experiência que funciona como um fio condutor, que nos liga a psicanálise e fundamenta o nosso fazer, no entanto é importante ter em mente que sempre restarão obstáculos no exercício do nosso ofício, que passam pelas resistências do próprio analista, paradoxalmente a de aprofundar a análise.

Talvez seja ainda mais difícil manter-se analista do que formar-se analista, face as inúmeras tentações de relaxar no trabalho indispensável com o inconsciente, dentro de um campo analítico que necessita ser mantido e protegido constantemente. (EIZIRIK, 2012, p. 6).



Surpreendente tal questão! Aprendemos um ofício que nos torna capazes de transitar pelo inconsciente do outro, no entanto, nisso residiria nossa maior resistência, nossa maior angústia. O medo das paixões evocadas no trabalho da análise.

Diante de tal questão, só nos resta trabalhar no sentido de conduzirmos a análise até onde pudermos, pois diante do paciente estamos sós, fundamentalmente sós. O que nos dá guarida? A confiança na transferência, confiança adquirida na nossa própria análise, nossa principal herança.

Nós, psicanalistas, somos os guardiões de certa experiência perdida. Não me refiro aqui tão somente à experiência analítica, mas a experiência pura, que parece condenada a desaparecer. E a transmitimos um a um, de analista a analisando, ao ouvido, como um mistério, como um fogo que não deve ser apagado, no milagre da transferência. E,



nesse sentido, se estivermos a altura da nossa função, enquanto houver psicanalistas haverá psicanálise. (HORENSTEIN, 2012, p. 10).

Referências

BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIM, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Original publicado em 1936.

CABRAL, A. Transmissão e ensino: uma antiga tensão em busca de novas respostas. *Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise*, v. 10, n. 1, p. 108-113, 2012.

EIZIRIK, C. L. O analista em construção. *FEBRAPSI Notícias*, ano XIV, n. 46, p. 4-6, abr. 2012.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. Vol. XII. Original publicado em 1912.

_____. Inibições, sintomas e ansiedade. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. Vol. XX. Original publicado em 1926.

HORENSTEIN, M. *O vaso e as sementes de girassol*. Notas para uma tradição que virá. In: CONGRESSO FEPAL, 29. São Paulo: FEPAL, 2012.

LECLAIRE, S. *O país do outro*. O inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LEITE, L. C.; PAIM FILHO, I. A. *Novos tempos, velhas recomendações*. Sobre a função analítica (1912-2012). Porto Alegre: Sulina, 2012.

NASIO, J. D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Considerações sobre o amor

Considerations about Love

Consideraciones del amor

Silvia Villa Verde Ribeiro

Membro Aspirante do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica
de Porto Alegre.

Resumo

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o amor do ponto de vista filosófico, destacando a teoria platônica em O Banquete e interligando-a com as ideias de Freud sobre esse tema. A ênfase desse trabalho está em demonstrar que, tanto na filosofia como na psicanálise, o amor é incompatível com o caos.

Abstract

The aim of this paper is to reflect about love of the philosophical point of view, highlighting the platonic theory (The Banquet of Plato) and linking it with Freud's ideas on this topic. The emphasis of this work is to demonstrate that, both in philosophy and in psychoanalysis, love is incompatible with chaos.

Resumen

El objetivo de este artículo ES reflejar el amor de el punto de vista filosófico, destacando la teoría platónica (El Banquete de Platón) y su vinculación con las ideas de Freud sobre este tema. El énfasis de este trabajo es demostrar que, tanto em filosofia como em el psicanálisis, el amor ES incompatible com el caos.

A pessoa que ama é a expressão mais clara da imperfeição natural do homem e de sua busca de perfeição. (Allan Bloom)

Introdução

A escolha deste tema está relacionada às reflexões que venho fazendo sobre o amor há algum tempo. Para a realização deste trabalho, o sentido que busco tem uma dimensão mais ampla do que o conceito de transferência erótica. A partir de algumas leituras, veio-me o desejo de organizar minhas reflexões sobre este assunto tão fascinante. O ponto de partida é o amor no seu sentido comum, filosófico, seu ingresso no universo da psicanálise, priorizando o arcabouço teórico criado por Freud.

O amor é uma emoção enigmática, potente, dos seres humanos, que se estende através dos séculos, evocando imagens, metáforas e, inspirando poetas. Apesar disso, poucas vezes houve o desejo epistemológico de desvendar o seu caráter (BERGMANN, 1997), talvez, pelo fato de amor ter múltiplos, díspares e contrastantes significados. A imprecisão da palavra amor reflete precisamente a nossa incapacidade de defini-la.

Quando o vinculamos ao ponto de vista da psicanálise, nos deparamos com uma dimensão teórica que o conduz a uma subjetividade muito mais ampla do que aquela que de início se poderia imaginar.

Freud (1921), em *Psicologia de grupo e análise do ego*, concebe libido como expressão extraída da teoria da afetividade. Chamamos assim a energia considerada uma grandeza quantitativa das pulsões que se referem a tudo o que podemos entender sobre o nome de amor. Cabe ressaltar que a teoria da libido está presente do início ao fim na obra freudiana como sinônimo de afeto psíquico.

Amor como expressão de ideias filosóficas

Na linguagem comum, a palavra amor designa a relação entre os sexos, quando seletiva ou eletiva, sendo acompa-

nhada por amizades e afetos positivos, (ternura, solicitude). Nessa perspectiva, o amor se distingue das relações sensuais ou eróticas. Essas não se baseiam na escolha pessoal, mas na necessidade anônima e impessoal de relações sexuais. “Fazer amor” relaciona-se a sexo.

Amar designa várias gamas de relações interpessoais: amigos, familiares, cidadãos, objetos inanimados – obras de arte, livros, objetos ideais (justiça, bem e glória) – atividades ou formas de vida das quais se pode dizer que ostentam significados imprecisos, podendo ser expressas por muitas palavras. Por isso a palavra amor sendo polissêmica, essa diversidade deve ser considerada na filosofia, porque recorre, a modelos segundo os tipos de experiências amorosas (ABBAGNANO, 2007).

Do ponto de vista mítico, o temor do homem antigo diante do amor se atribuía aos poderes de um deus especial. Assim, o poder do amor era vivido como manifestação do deus do amor.

Os gregos viram no amor uma força unificadora e harmonizadora e a compreenderam com base no amor sensual, na concórdia política e na amizade. A temática do amor é comum a quase todos os filósofos gregos, que o entendiam como o princípio que governa a união dos elementos naturais e da relação entre os seres humanos.

Hesíodo e Parmênides foram os primeiros a sugerir que o amor é a força que move as coisas, que as une e as mantém juntas. Empédocles reconheceu, no amor, a força que une os quatro elementos e, na discórdia, a força que os separa. O reino do amor é o *esfero*, a fase culminante do *ciclo cósmico*, na qual todos os elementos estão ligados na mais completa harmonia em oposição ao caos (ABBAGNANO, 2007).

Platão foi quem, por primeiro, deu tratamento filosófico ao amor. Nele foram apresentadas as características do amor sexual. Tais características são generalizadas e sublima-

das. Amor é carência, insuficiência, necessidade e, ao mesmo tempo, desejo de conquistar e conservar o que não se possui. Depois, o amor volta-se à beleza, à aparência ou desejo do bem. É desejo de suplantar a morte, daí o instinto de gerar, próprio de todos os animais. É a via pela qual o ser mortal procura se salvar na imortalidade não permanecendo sempre o mesmo como os seres divinos, deixa atrás de si algo de novo ao perpetuar a espécie.

Platão distingue tantas formas de amor quantas são as formas do belo, desde a beleza sensível até a da sabedoria, a mais elevada de todas. Daí o vínculo da sabedoria com a filosofia. Esse filósofo empenha o homem numa difícil busca dialética, a partir da sua curiosidade, sendo essa a via da própria filosofia. A doutrina platônica do amor contém elementos de uma análise positiva do fenômeno amoroso e também oferece o modelo de uma metafísica do amor que será retomada várias vezes na história da filosofia (ABBAGNANO, 2007).

No *Banquete de Platão*, em 416 a.C, celebra-se a vitória de Agatão no debate entre filosofia e poesia, incluindo conteúdos religiosos. Os participantes do banquete escolhem para discursar – há seis discursos – o tema que trata do pequeno deus Eros. Há um sétimo discurso, de Alcebiades, que louva Sócrates.

Platão sugere, nesta obra, a revelação de um mistério ligado à divindade menor de Eros, aproximando-o do fenômeno da tirania. O fenômeno Eros inicialmente ligado ao desejo amoroso, projeta-se no campo das ambições do domínio político. Ressalta-se que nenhum dos oradores acreditava na divindade de Eros, até porque os deuses eram uma convenção.

Aristófanis, num dos discursos, revela o mistério da natureza humana. Segundo ele, nossa origem, ancestral está ligada a dois tipos de divindades, as cósmicas, dos bárbaros, e as olímpicas, civilizadoras, relacionadas a duas eras que marcam uma transformação na natureza humana, ou seja, a tran-



sição da barbárie para a civilização. Enquanto na segunda há apenas dois gêneros, macho e fêmea, na primeira, havia três: macho, fêmea e um terceiro, comum de dois, que desaparece, mas cujo nome permaneceu amaldiçoado: o andrógênio. Os três tinham forma esférica, globular. O gênero masculino era filho do Sol, o feminino, da Terra; o andrógênio, da Lua, composto da matéria do Sol e da Terra (PLATÃO, 2010).

O mito conta que nossos antepassados, as divindades cósmicas, por terem pensamentos insolentes, decidiram invadir o céu, morada dos deuses olímpicos. A rebelião fracassou. Com a vitória dos olímpicos, mais civilizados, Zeus, seu líder, decidiu punir sua insolência cortando-os longitudinalmente ao meio, encarregando Apolo de costurar as peles do lado cortado. Zeus, assim, preservava a raça humana, tornando os homens mais fracos, mas aumentando seu número.

A consequência dessa cisão é contundente: cada parte se atira sobre a outra, macho sobre macho, fêmea sobre fêmea e macho sobre fêmea, sem se soltarem, vindo a morrer por fome e inércia. Zeus, então, na busca de uma nova solução, vira-lhes os órgãos genitais de trás para frente e o rosto de fora para dentro para o lado onde fizera o corte. Apolo, com um sapateiro, puxa-lhes a pele para formar o umbigo – sinal da origem traumática – de modo que a nova criatura passa a assemelhar-se aos deuses olímpicos.

Note-se que os seres globulares (aborígenes) eram desprovidos de Eros, tendo, no entanto, sexualidade. Mas Apolo torna impossível seu desejo mais íntimo, encontrar sua car metade, uma vez que, ao costurá-los, ele usou da pele da outra metade que, por isso, morreu. Assim sendo, a nova criatura tem dos deuses, mais civilizados, a semelhança física, mas não a que toca à alma, permanece nela a religião cósmica pelo desejo de fusão com a parte perdida. Salva-se a espécie humana de extinguir, mas o preço que paga para entrar na civilização é a punição, o corte, da castração. Daí surgir no homem a bus-

ca desesperada pela unidade perdida, busca de onde emerge Eros, enquanto desejo essencial de restaurar o ego, ou seja, a referida unidade perdida. Por isso os homens continuam se debatendo entre si. Eros, como amor interpessoal, constitui um prêmio de consolação ao invés de tomarem o céu. Embora fisicamente semelhantes, com sexualidade comum, para os deuses a sexualidade é prazer, enquanto que, para os homens, é necessidade, perpetuação da espécie (MIRANDA FILHO, 2011).

Para Miranda Filho (2011), a real mensagem do mito está na tensão entre as ações de Eros e dos deuses olímpicos. Enquanto estes impõem a ordem (lei) e estabelecem o único regime possível aos seres rebeldes, Eros fará o inverso, na busca da parte mutilada, o que representa o retorno à condição original esférica. Eros realiza indiretamente nossa aspiração de sermos inteiros. Na medida em que os olímpicos são os instauradores da nova ordem humana civilizada, Eros é a insatisfação com a condição atual da civilização. Ele ameaça a vida civilizada transgredindo dois dos seus maiores tabus: incesto e canibalismo.

Esta natureza humana é registrada por Aristóteles: o homem, quando aperfeiçoado, é o melhor dos animais, mas quando divorciado da lei e do direito, é o pior de todos.

Desde os primórdios, Eros é inato a todos os seres humanos. Para restaurar a antiga natureza, tenta fazer um a partir de dois (PLATÃO, 2010).

Entre todos os animais, o homem difere como um ser que vive incestuosamente e alimenta-se do seu semelhante. Ao procurar sua metade, demonstra o desejo da própria carne e sangue e de libertar-se da coerção. Nessa medida, Eros é vontade de poder. *A busca de Eros trás consigo o domínio do destrutivo e da criação* pela condição humana em sua dilacerante contradição de querer e de não querer a fusão. Aspirando a algo inatingível, inalcançável seu estado é, portanto, de-

feituoso e infeliz. Eis a doença ontogênica, constitutiva do ser humano. Nem Eros pode saná-la (MIRANDA FILHO, 2011).

No mito de Aristófanes, há uma curiosa aproximação com as ideias de Nietzsche, na recusa implícita da civilização vista como doença:

[...] cada um de nós, portanto é uma tés-
sera complementar de um homem, porque
cortado como os linguados, de um só em
dois; e procura então cada um o seu pró-
prio complemento. (PLATÃO, 2010, p.
122).

Eis a nossa maldição: o encontro com nossa cara-me-
tade, que é talvez a mais alta aspiração humana, não pode
ser realizado, nos obrigamos à conformidade de vivermos
seccionados, preço que pagamos pela desmedida dos nossos
ancestrais e pela vida civilizatória das leis. De acordo com o
poeta cômico Aristófanes a situação humana é nada menos
que trágica. Eros é desejo infinito, incestuoso, bárbaro conta a
civilização (MIRANDA FILHO, 2011).

Com o efeito dessa visão trágica, surge a utopia, a ilusão
de que a humanidade pode atingir essa unidade de perfeição.
Dessa forma, a poesia se preta para dar uma outra visão su-
blimada de Eros. Os poetas são os verdadeiros genitores dos
deuses olímpicos, que só subsistem por sua arte. Em suma,
por via dos artifícios e encantamentos os poetas trágicos fa-
zem obras civilizatórias por excelência. Eros agora é o poeta
que inspira os cantores humanos.

Destaquei o diálogo de Platão porque, entre as constru-
ções filosóficas, essa foi a que mais influenciou a psicanálise.
Apesar de transcorridos cerca de mais de 2000 anos, há uma
unidade de pensamento entre Platão e Freud. Ambos têm um
profundo interesse em explorar a realidade intrapsíquica.
Essa aproximação entre ambos emerge da postura epistemo-

lógica cuja vertente se hospeda no estudo crítico e na análise lógica do conhecimento científico.

Amor e psicanálise

Para a psicanálise, o amor é o investimento e a capacidade de ser amado por uma outra pessoa, sem que isso seja sentido como uma ameaça subjetiva. Nessa ótica, é necessário considerar uma origem do investimento amoroso e situar os modos diferentes em que o amor se manifesta.

Na época de Platão, a concepção mítica do mundo ficou sob o impacto das filosofias racionalistas. Assim, os mitos gradualmente foram se transformando em alegorias através da linguagem simbólica. Neste contexto, dá-se então a perda da fé nos mitos com o preceito de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Antes, o homem não representava nenhum tipo de enigma para si: agora há a necessidade do autoconhecimento.

A voz interior do homem adverte do mal e o impulsiona para o bem. Suplanta-se a era mitológica com a internalização psíquica. O mundo duplo de heróis, com o controle do eu e a obediência aos deuses se desfaz. Surge no mundo do sujeito o controle do ego e do superego (BERGMANN, 1997).

Para a psicanálise, a busca do conhecimento analítico parte de uma teoria mítica do mundo interno do paciente. Conhecimento que se funda a partir dos dois instintos básicos: *Eros e instinto destrutivo*. O amor é uma interação entre Eros e o afeto antitético, o ódio ou instinto de destruição.

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895) busca um modelo integrado para o funcionamento psíquico, sua concepção construindo-se essencialmente com base na noção de quantidade de energia circulante. Freud assim estabeleceu uma equivalência entre os fenômenos fisiológicos e os psicológicos. Transposto ao nível do aparelho psíquico, o princípio de inércia evoca a noção de processo primário ca-

racterizado pelo escoamento livre de energia e sem retenção da energia psíquica. No entanto, o aparelho psíquico, para funcionar, necessitará de um sistema regulador do psiquismo capaz de resistir à descarga do excesso de energia psíquica e que tenha a propriedade de transformar os processos primários em processos secundários, sendo os últimos capazes de ligar a energia, de inibir os processos primários (QUINODOZ, 2007).

Freud, no *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]), retoma o tema tratado na Teoria dos Instintos. O objetivo do instinto de Eros é estabelecer unidades e assim preservá-los: unir. O instinto de destruição desfaz conexões: destrói. O objetivo do instinto destrutivo é levar o que é vivo a um estado inorgânico, supondo-se que as coisas vivas apareceram mais tarde do que as inorgânicas. Por isso, denomina-se também de instinto de morte. Desta forma é lícito presumir que os instintos destrutivos voltem ao estado anterior.

Já com Eros não podemos aplicar essa fórmula, porque pressuporia que a substância viva foi unidade desmembrada e que agora busca reunião. Os dois instintos básicos, nas funções biológicas, atuam um contra o outro ou combinam-se mutuamente, partem de um estado inicial, em que a energia está disponível (livre) a Eros, a qual Freud denominou de “libido”. Acha-se presente no ego-id, indiferenciado. Tal força da libido presta-se para neutralizar as tendências destrutivas que convivem simultaneamente. Em princípio toda cota de energia é armazenada no ego. Esse estado, o denominamos de narcisismo primário absoluto, que perdura até o ego catexizar as ideias dos objetos com a libido, transformando, assim, a libido narcísica em libido objetal.

Freud destaca que a prova da satisfação se dá através de um processo complexo que parte da tensão interna desencadeada por uma necessidade pulsional, por exemplo, a fome e o desejo sexual. Ele parte da descrição dos fenômenos em

termos de tensão e de descarga. Na medida em que a necessidade aumenta, a tensão física aumenta também, criando a expectativa de uma descarga a fim de obter a satisfação. Para que esse processo ocorra, é necessária a intervenção de uma pessoa que produzirá uma certa modificação no plano externo (oferta de alimento, proximidade do objeto social). Essa execução de fora é denominada por Freud de *ação específica* (QUINODOZ, 2007).

A origem do amor, então, está totalmente relacionada com a prova de satisfação que designa a necessidade de nutrição desde o início da vida de relação com os outros seres humanos, primeiramente com a mãe. No início, o bebê não distingue entre o seio e o seu corpo. Aos poucos o seio é deslocado para o exterior em razão da sua falta. Ele carrega consigo, como um objeto, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais.

Esse primeiro objeto é aos poucos completado com a figura da mãe. Mãe que nutre, protege, que cuida despertando sensações boas e ruins. Através dessa dedicação, ela se torna seu primeiro objeto de amor, sedução. A partir dessas duas relações (*libidinal narcísica, libidinal objetal*) funda-se o primeiro e mais forte objeto amoroso que se perpetuará nas relações posteriores. Para Freud, sua importância está no fundamento filogenético que explica a razão pela qual os bebês estabelecem os vínculos bons ou ruins com a realidade exterior (FREUD, 1921).

Por outro lado, é difícil definir com exatidão os modos como a criança experimentou seus vínculos com os objetos da realidade externa, como também é difícil definir como foram internalizados passando a integrar suas marcas mnêmicas. As vivências primárias serão sobrepostas às novas experiências, as quais abrirão espaço para novas possibilidades, modificando as primitivas, ou serão uma reprodução das anteriores (MARCANO, 2004).

Em Psicologia das massas, Freud encontra várias explicações para o fenômeno de coesão grupal. Quando examinadas mais detidamente as diferenças entre psicologia individual e psicologia das massas, destaca que a vida psíquica do ser depende do *outro*, que, via de regra, é considerado modelo, objeto auxiliar e, também, adversário. Dessa forma a psicologia individual é, desde o seu início, psicologia social. Se apreciarmos os fenômenos sociais, colocam-se em oposição a outros processos que denominamos narcísicos, nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas. A oposição entre atos psíquicos sociais narcísicos localiza-se no domínio da psicologia individual.

Autores diversos nomeiam esse fenômeno de coesão de um grupo de ansiedade social de contágio, de sugestionabilidade, nomes que se prestam para retratar uma fascinação hipnótica. Por trás da sugestionabilidade, Freud encontra um desejo muito intenso de realizar-se. Entende que o que move o desejo é a energia da libido, ou seja, instintos que têm ligação a tudo que pode ser abrangido pela palavra amor. O homem sempre viveu mergulhado nas raízes libidinais do amor, tanto do ponto de vista da sua *pré-história filogenética*, quanto da sua *ontogênese individual* quando se separa da mãe e se desenvolve.

Considerações finais

A organização psíquica dos indivíduos é formada por diversas estruturas diferenciadas. Em um nível de integração significativa, esta organização se constituirá por modalidades de vinculação com predomínio edípico, com a presença do terceiro, da linguagem, mundo simbólico. O predomínio da libido é objetual, simbólico sobre o imaginário, domínio criativo sobre destrutivo. Há um grau de adequação de ideias e de afetos.

Nas modalidades narcísicas, o predomínio da relação é dual, especular, imaginária, como no começo do desenvolvimento humano. Nos casos limítrofes há uma grande confusão entre libido narcísica e libido objetual. As reações afetivas são caracterizadas por um ódio muito intenso de caráter primitivo e esmagador, que adquirem qualidade delirante no nível de pensamento e estão baseadas em uma idealização do objeto como defesa diante da ansiedade persecutória. A inveja pelo objeto idealizado desencadeia ataques desvalorizados do mesmo. O teste de realidade não está totalmente perdido como nos psicóticos. No entanto, há um domínio do destrutivo sobre o criativo.

Essas diferentes estruturas psíquicas, que salientei, servem para mostrar como estabelecemos os vínculos afetivos. A consistência ou a fragilidade dos vínculos humanos é determinada por Eros. Eros traz consigo o domínio da destruição e da criação, condição da sua dilacerante ambiguidade de querer e não querer a fusão. Adoecemos por consequência do amor.

“Fecundar o passado, gerando o futuro esse é para mim o sentido do presente” (NIETZSCHE, [1881], p. 158).

Essa citação de Nietzsche contém a essência do fenômeno mais original que Freud descobriu: a *transferência*. Ela consiste em unir o passado com o presente, construindo o modo como nos relacionamos com o mundo, com o outro, caracterizado segundo esquemas primitivos. O universo transferencial se define por uma realidade confusa de apreensões errôneas, pelos sistemas solitários, expressos nas fantasias inconscientes, definindo, assim, os diferentes níveis de complexidades de integração da mente humana. Esses diferentes níveis correspondem às várias formas do *amor transferencial* que aparecem nas neuroses e nas psicoses.

O amor surge dentro deste sistema solitário, de fantasias inconscientes. Não podemos conhecer uns aos outros.

Essa assustadora determinação recai sobre cada nova ligação que formamos. “Basta ligar-se. Só que não podemos” (FORSTER, 1921). O mito de Aristófanes já sugeria essa ideia.

Penso que essa condição humana, contida na transferência, inserida no espaço analítico, é o âmago do trabalho psicanalítico. Essa condição impõe ao homem a busca por um ideal inalcançável de completude que determinará a dimensão do sofrimento e da loucura. O sujeito na análise transfere para o analista todas as suas demandas, reeditando, assim, todos os conflitos e sucessos de sua vida psíquica passada, vivendo essas experiências não mais como passadas, mas como relação atual com a pessoa do analista.

Na filosofia e na psicanálise, a ideia de amar está relacionada com a construção do mundo civilizado porque o amor é incompatível com o caos (era cósmica). A necessidade de vincular-se com o outro foi determinante, como Freud constatou pela coesão grupal. Na própria evolução do mundo, conta-se cada vez mais uma busca no controle social e individual, sob o domínio da lei, da ordem.

Retomando o mito de Aristófanes, cabe salientar que os antepassados (divindades cósmicas) foram punidos (cortados longitudinalmente) pela tentativa de revolução contra os deuses olímpicos. Ficaram enfraquecidos na sua essência, (insolentes) tendo que conviver com o corte, a castração, a falta. É nesse momento que surge um novo elemento na sua constituição: Eros, que corresponde à busca desesperada da unidade perdida. Por isso o amor deve ser compreendido com esta dimensão de busca do infinito e da perfeição. Curiosamente, Eros é insatisfação com a condição da civilização. Eros realiza indiretamente nossa aspiração de sermos inteiros, sua essência é cósmica, bárbara, marcada pelo desejo de fusão.

O leigo equivocadamente associa Eros com a implantação da lei e da ordem. Ao contrário. Eros surgiu como prêmio de consolação pela sua rebeldia e insolência. Ao invés da com-

pletude, tem-se agora o finito, a busca de satisfação que supõe o reconhecimento do homem como ser limitado e carente. Por isso, há uma tensão entre o mundo cósmico e o mundo civilizado. O amor se insere dentro dessa dialética entre dois mundos: ordem e desordem, a lei e o caos, amor e ódio.

O amor é um veículo de que dispõe o homem para aspirar à realização da completude. Como não lhe é mais possível voltar ao mundo esférico que supunha o gozo pleno, resta-lhe agora buscar uma plenitude restrita através do caminho do amor, podendo realizar-se através da sublimação e da criação, dessa forma o amor neutraliza as forças destrutivas do ódio.

Meltzer (1979, p. 10) assim se expressa a respeito da análise:

Uma análise começa especificamente com uma pessoa relativamente doente procurando ajuda de uma pessoa relativamente saudável. Mas se o esforço de organizar e pôr em movimento um processo analítico é bem sucedido, essas duas pessoas são envolvidas numa intimidade, numa franqueza, numa revelação de pensamento e de sentimento cuja intensidade, eu insisto em dizer, não tem paralelos. Ela se compõe potencialmente de uma profundidade de concentração como a mãe que amamenta e a de seu bebê, a paixão de um dupla coital, a urgência do artista em dar forma plástica a sua experiência, o impulso do filósofo à experiência, e a busca da precisão do matemático. Quando uma análise pega fogo, e novas compreensões profundas são seguidas, isto decorre da interação de suas mentes.

O momento da análise é o de um encontro amoroso, em que ambos, analista e paciente, vivem o movimento de *ir* em direção *a*, que se traduz por um intenso investimento psíquico.

Nosso ofício é estarmos com o outro, da forma mais íntima possível para uma mente humana, mesmo que esse outro, o analisando, não se saiba outro, ou ainda que nos anule como outro.

O amor analítico apresenta-se como disponibilidade do analista para viver com o paciente as experiências emocionais. Esse gesto amoroso permite a construção fértil no vínculo com o paciente, possibilitando o desenvolvimento da sua capacidade de conhecer a si, aos outros, outros e outros.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERGMANN, M. S. El amor platónico, el amor transferencial y el amor en la vida real. *Revista de Psicoanálisis*, v. 54, n. 4, p. 823-844, 1997.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1921].

_____. Esboço de psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (1940[1938]).

FORSTER, E. M. *Howards end*. New York: Vintage, 1954.

MARCANO, S. J. Amor, transferência e loucura. *Psicanálise - SBPdePA*, v. 6, n. 1, 2004.

MELTZER, D. *Estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

MIRANDA FILHO M. Nota sobre Eros em “O banquete de Platão”. *Revista Ide*, v. 34, n. 52, p. 43-56, 2011.

NIETZSCHE, F. W. *Vontade de potência*. São Paulo: Escala, [1881]. parte 2.

PLATÃO. *O banquete*. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

QUINODOZ, J. M. *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

A paixão pelo ofício e a aquisição de seus truques: cozinhar e psicanalisar

The passion for the craft and the acquisition of its tricks: cooking and psychoanalyzing

La pasión por el oficio y la adquisición de sus mañas: cocinar y psicoanalizar

Eduardo Brod Méndez

Membro Candidato do Instituto de Psicanálise da SPPel - Sociedade Psicanalítica de Pelotas. E-mail: mendezeb@gmail.com

Resumo

Da sua paixão antiga pela culinária o autor traz metáforas para falar de detalhes artesanais e técnicos da formação de um psicanalista. É preciso viver, sofrer, padecer a formação psicanalítica, apaixonar-se por ela... Os truques do ofício são descobertos, além do treinamento formal, com a prática clínica, atividades na sociedade, estudos complementares, com o convívio com os colegas de diversos Institutos ocupando os espaços fomentados pelas associações de candidatos, ABC, OCAL e IPSO. Percorrendo a idéia de sonhar/pensar ao longo de sua formação, percebe que no pensamento onírico do analista - nossa forma de pensar mais profunda - em inter-relação com seu paciente, encontra-se um meio de percepção técnica para cheirar, provar, tocar múltiplas perspectivas inconscientes. Contrapondo com a ideia de pensamento mágico, que subverte o pensamento genuíno, o processo de sonhar/pensar o paciente seria uma capacidade a ser adquirida ao longo da construção de um psicanalista. Um truque psicanalítico, mas sem magia.

Palavras-chave: paixão; psicanálise; culinária; formação; sonhos; pensamentos oníricos.



Abstract

The technical and artisan details regarding the formation of a psychoanalyst formation are discussed through metaphors brought by the author from his ancient passion for culinary. It is necessary to live, suffer, and fell passionate about the psychoanalytical formation ... The tricks of the craft are discovered beyond formal training, in the clinical practice, in the activities within the society, in the complementary studies, and in the relationship with colleagues from different Institutions in the spaces created by the candidates associations, ABC, OCAL and IPSO. Analyzing the idea of dreaming /thinking through his formation, the author realizes that in the oneiric thoughts of the analyst – our deepest way of thinking – in inter-relation with his patient, there is a medium of technical perception to smell, taste and touch multiple unconscious perspectives. Contrasting with the idea of the magical thinking, which subverts the genuine thought, the process of dreaming / thinking the patient would be an ability to be acquired along the construction of a psychoanalyst. A psychoanalytic trick deprived from the magic.

Keywords: passion; psychoanalysis; culinary; formation; dreams; oneiric thoughts.

Resumen

De su antigua pasión por la culinaria el autor propone metáforas para hablar de detalles artesanales y técnicos de la formación de un psicoanalista. Se necesita vivir, sufrir, padecer la formación psicoanalítica, enamorarse por ella... Las mañas del oficio son descubiertas, más allá de la capacitación formal, con la práctica clínica, actividades en la sociedad, estudios complementares, con el convivio con los compañeros de distintos Institutos ocupando los espacios fomentados por las asociaciones de candidatos, ABC, OCAL e IPSO. Buscando la idea de soñar/pensar a lo largo de su formación percibe que a través de los pensamientos oníricos del analista – nuestra forma de pensar más profunda – en interrelación con el paciente, se encuentra un medio de percepción técnica para oler, probar, alcanzar múltiples



perspectivas inconscientes. Contraponiendo con la idea de pensamiento mágico, que subvierte el pensamiento genuino, el proceso de soñar/pensar del paciente sería una capacidad a ser adquirida a lo largo de la construcción de un psicoanalista. Una maña psicoanalítica, pero sin magia.

Palabras clave: pasión; psicoanálisis; culinaria; formación; sueños; pensamientos oníricos.

Cozinhar

“Sustente-me com passas, conforte-me com maçãs, porque desfaleço de amor”.
(Cântico dos Cânticos)

Entre as paixões que tenho está a culinária. Cheguei até a pensar em exercê-la como ofício. Busco experiências, guardo sensações, lembranças...

Eu era criança, e o tio paterno Gustavo, com quem eu quase não tinha contato, pois morava no exterior, veio para uma breve visita e, sabedor de que eu tinha um interesse pela cozinha, sendo ele membro de um clube Gourmet, puxando uma conversa, mas com o cuidado de não colocar-me em uma situação embaraçosa, perguntou-me: Como é que se frita um ovo? Inicialmente constrangido pelo questionamento e depois aliviado pela aparente facilidade da pergunta respondi: – “É só fritar!”. Ele então me ressaltou alguns pequenos passos a serem seguidos, como: primeiro se ascende o fogo, depois coloca a panela para aquecer... Chamando-me atenção para a técnica envolvida mesmo em coisas simples que parecem dispensá-la...

Também tive o privilégio de conviver com a tia materna Edda, ótima cozinheira (*hors concours* para mim e muitos que a conheceram) que porque não gostava de ir ao colégio e adorava cozinhar pediu para minha avó para ficar cozinhando em casa desde jovem... Inesquecíveis e infundáveis

delícias feitas por ela no dia a dia e para festas de família eu desfrutei. Mesmo as comidas mais simples para mim eram marcadas por sofisticados detalhes: a temperatura, o tempero, a textura, a medida de sal ou de açúcar estavam sempre no ponto. Ela sabia as receitas “de cabeça”, mas provava cuidadosamente e oferecia para que quem estivesse perto partilhasse o gosto enquanto fazia uma simples limonada gelada, um bolinho de arroz com salsa, uma cuca de pêssego molhadinha, uma torta de coco ralado sem tirar a casquinha e coberta com (verdadeiros) ovos moles... Os gostos eram vivos, fortes, mas não demais! Nada era aguado nem inosso tampouco agressivo.

Já adulto fiz um curso especialmente agradável com a professora Ana Lúcia, que uma noite por semana demonstrava sua técnica sobre uma mesa de mármore na cozinha de sua casa enquanto observávamos bebericando vinho e conversando divertida e distraidamente, quando interrompia ela: “minha gente, se cozinha com o nariz, pelo cheiro acho que está pronto”. Como quando a Quiche Lorraine, sem nem precisar ser vista, foi retirada dourada do forno para degustarmos...

Recentemente ouvi que haveria *Finger Food*, para o dia do primeiro aniversário do mais badalado restaurante de minha cidade. Mas essa expressão estrangeira me soou bastante familiar. Sou adepto de comer petiscos segurando com a mão e me sinto com uma espécie de licença de apreciador de culinária para poder fazer isso... E as normas de vigilância sanitária que me perdoem, mas o jeito de tocar, segurar os alimentos enquanto se cozinha fazem parte da dança. Sou do tempo em que é fundamental meter a mão na massa.

Nariz, boca e mãos, portanto, ilustram processos da interação corpo/alma envolvidos nos truques durante o exercício técnico da culinária...

54  Eduardo Brod MÉNDEZ. *A paixão pelo ofício e a aquisição de seus truques: cozinhar e psicanalisar*, p. 49-60

Formar-se Psicanalista

“Sonho que se sonha junto é realidade”.
(John Lennon)

Acabei escolhendo outro ofício para ganhar a vida, mas tive um duplo prazer quando encontrei nos textos de Antonino Ferro (2005), panelas e outras metáforas de culinária para explicar o processo psicanalítico... Tem um gostinho a mais estudar Ferro.

No momento da formação psicanalítica em que terminei os seminários oficiais de teoria e técnica, busco sedimentar, integrar ou apropriar-me de conhecimentos na prática clínica diária, com alguém que me dê parâmetros para aprender o ofício. Sem me ater em detalhar diferenças posso identificar três tipos de relações de aprendizagem que busquei: Uma maneira foi estudar para ensinar técnica psicoterápica em curso de Psicoterapia de Orientação Analítica para colegas menos experientes do que eu. Outra foi participar dos seminários clínicos abertos da Sociedade Psicanalítica, estudando para discutir com colegas mais experientes do que eu... E uma terceira a qual me parece trazer um aspecto mais rico e direto na aquisição da identidade psicanalítica, é no convívio com colegas candidatos da minha e de muitas outras sociedades facilitado, promovido e fomentado pelas associações ABC, OCAL, IPSO...

As três situações são ricas, mas com os colegas candidatos existe uma cumplicidade, uma naturalidade que, a meu ver, promovem um ambiente de liberdade e criatividade. É preciso que alguém prove, discuta detalhes, temperos, num contato pessoal, visual, afetivo para aprender o novo ofício talvez como Freud (1976) tenha feito com Fliess... É como se fossemos trocando detalhes sutis, segredos ou truques de determinadas técnicas no nosso, ainda necessário livro de recei-

tas mental, até que saibamos cozinhar “de cabeça” e cada vez mais autônoma e intuitivamente...

Cláudio Eizirik (2012) fala sobre o processo dinâmico, interminável e sempre incompleto de um analista em construção e lembra Meltzer que comparava nosso ofício com o do artista e do atleta. Não consigo imaginar um artista ou um atleta que não seja apaixonado pelo que faz. Para um aprendiz de artesão do ofício de psicanalista dominar as etapas de trabalho, não basta atender ao clássico tripé: seminários, análise e supervisão. Este sanduíche triplo precisa de recheio o suficiente para unir, integrar, não ficar seco, e de certo cuidado para não ser servido cru, quente ou frio demais... É preciso viver, sofrer, padecer a formação, apaixonar-se por ela, participar dos constantes e diversos eventos disponíveis, arriscar-se, oferecer prova do que faz, e neste lugar as amizades com outros colegas candidatos, em conversas informais, oferecem uma reserva de espaço de ensaio, de bastidores,... Isto muitas vezes não é tão fácil no placo do consultório ou da sociedade psicanalítica... O Livro CONSTRUÇÕES, editado pela ABC e escrito por candidatos, surgiu como um espaço onde as manifestações dos candidatos pudessem ser mais livres, sem tantas elaborações, sem tantos enquadramentos editoriais. Em consonância com esta idéia a revista Associação Livre nasceu em Brasília - e para mim se torna mais minha quando na sua criação participaram colegas com quem convivo - como um espaço para associar pessoas a associarem idéias o mais livremente possível, o que parece consistente com o nosso tema em estudo, o Inconsciente, as relações humanas...

Marcelo Viñar, no 29º Congresso Latino Americano de Psicanálise em São Paulo, 2012, afirmou categoricamente: “Para ser padre, madre o psicoanalista, hay que hablar por si mismo!”. As receitas e temperos prontos não convencem na mesa psicanalítica, onde a verdade, individualidade, especi-

56  Eduardo Brod MÉNDEZ. *A paixão pelo ofício e a aquisição de seus truques: cozinhar e psicanalisar*, p. 49-60

ficidade só são encontradas no trabalho pessoal e artesanal. Os truques do ofício são descobertos com a prática clínica, atividades na sociedade, estudos complementares, convívio com os colegas em formação de diferentes institutos... É uma curiosa maneira lúdica de aprendermos com os outros a sermos nós mesmos...

Sonhar/pensar

“E eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando... Foi justamente num sonho que ele me falou”. (Raul Seixas)

No exercício clínico do ofício de psicanalista constantemente buscamos sintonizar com o inconsciente do nosso paciente. E para captar, perceber, traduzir detalhes muitas vezes de linguagens pré-verbais, primitivas, complexas, aprendemos a usar recursos da nossa própria mente. Quero discutir, como prato principal deste trabalho que prefiro chamar de ensaio, a idéia de que uma maneira de cheirar, provar, tocar a nossa matéria prima de trabalho é “sonhá-la”.

Há algum tempo ando apaixonado por “sonhos” como recurso técnico. Não só os sonhos contados pelos pacientes a serem interpretados como a via régia ao inconsciente como o genial Freud (1976) apresentou na sua obra lançada ao mundo estrategicamente na virada do século XX. Refiro-me a entrar no mundo dos sonhos e sonhar/pensar tudo aquilo que é dito ou trazido para a relação. E hoje entendo como uma maneira mais inter-relacional elucidativa do que de interpretar aquilo que está no psiquismo do paciente.

Baseado no que ouvia, no que imaginava, ou mesmo depois de ler os seminários iniciais de Freud (1976), no início eu tinha uma idéia mais concreta de sonho, como algo trazi-

do pronto pelo paciente, que poderia até ser estimulado a ser anotado para que detalhes não fossem perdidos e que eu deveria ter a atitude de “interpretar”. Aprendi com Zimerman (2004), que um filme assistido, um livro lido, uma música que surgisse, funcionava como um sonho... Depois lembro que me marcou a ideia de Ferro (2008), mais no final dos seminários, propondo que podemos nos posicionar como se o paciente falasse, antes mesmo de entrar na sala, a seguinte introdução: “Vou contar um sonho...” Assim passaríamos a pensar todo o contato com ele numa linguagem onírica, tudo o que é dito ou não, nos colocando mais disponíveis para perceber distintos derivados inconscientes...

S. é um paciente com um transtorno mental grave que lhe imprime limitações sociais sérias e por isso tive que adaptar o *setting* e atendê-lo em casa sempre que me liga pedindo. Naquele dia veio ao consultório. Ao abrir a porta, embora sendo uma cena trivial e cotidiana, chamou-me atenção que S. estava na sala de espera lendo concentrada e distraidamente uma das revistas... “Tá interessante essa revista!” Comentei, ao mesmo tempo em que imaginei o diálogo: – Ele: “Sonhei que estava lendo uma revista”... E eu: – “E o que tinha na revista?” Mas espontaneamente ele entrou dizendo: “Uma reportagem de um tratador de baleias que foi mordido por uma Orca!...”. “O cara é sem noção, só porque ele convive há anos não pode esquecer-se que é um animal, querer forçar uma adaptação...”. E eu creio que entendi sua mensagem transferencial...

Bion (2004), durante os seminários, parece ter ficado num lugar especial, embora tenha achado sua obra difícil de estudar, e até hoje ainda difícil de revisitar, revisar, consultar, sinto que alguns dos “pensamentos de sua obra” ficaram em mim e que aos poucos são por mim pensados. Mais facilmente consigo entrar em contato e evoluir em suas idéias com a ajuda de outros autores que estudaram, traduziram, desenvolveram seus pensamentos...

58  Eduardo Brod MÉNDEZ. *A paixão pelo ofício e a aquisição de seus truques: cozinhar e psicanalisar*, p. 49-60

Tive orgulho de ver um colega íntimo receber o prêmio Virgínia Bicudo no XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise em Ribeirão Preto, 2011, com um estudo fundamentado em Bion (2004). E, meses depois, a grata satisfação quando vi o nome Labate (2011) no programa dos seminários clínicos da minha sociedade. Entendi que, em meio a um atendimento difícil, depois de suportar um período improdutivo Julio “sonhou” uma música muito significativa para o paciente e expôs a ele... A partir daí, juntos, puderam pensar e elaborar muitas coisas dolorosas e trancadas...

Num outro seminário clínico, que me marcou por ter sido escrito por um “Membro Provisório” (uma das várias nomenclaturas de candidato) Duarte (2011), a colega do Rio de Janeiro, aparentemente fugindo das características daquele atendimento, decidiu perguntar se sua paciente estava em dia com sua mamografia... Foi aí que ela, entre lágrimas e surpresa com a pergunta, revelou que sua mãe e tia materna haviam morrido de câncer de mama, que não fazia exames havia 6 anos e que mentia para suas irmãs que sim... A colega chamou de “mágica” no setting, mas pode fundamentar teórico e tecnicamente sua atitude. E simplificadamente eu traduzo como: conseguiu entrar no pesadelo da paciente e pode trazê-la para a realidade tornando possível elaborá-la de uma maneira menos assustadora e dolorosa.

Preparando uma aula sobre Focalização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, descobri um autor que me despertou interesse em conhecer, mas infelizmente, ao lado de seus dados encontrei a informação de que já era falecido. Grossling (2005) desenvolveu uma didática e viva maneira de abordar o conteúdo de uma avaliação na busca de nortear as intervenções. Ilustrando com material clínico explicou fundamentado nos princípios dos sonhos como buscar no que é dito os derivados do inconsciente, o conteúdo latente e também uma confirmação e congruência observando as respostas do

paciente ao que lhe era dito. Isso me lembrou Ferro. quando avalia acontecimentos do campo atento às respostas do paciente à interpretação. Em homenagem ao cozinheiro Ferro, eu diria que ele corrige o tempero a cada momento em que é introduzido um novo elemento na panela...

Por fim encontrei em um artigo de Ogden (2012) sobre formas de pensar idéias esclarecedoras que envolviam o conceito de “pensamento onírico” desenvolvido por Bion (2004). Ogden (2012) expõe que o pensamento mágico subverte o pensamento genuíno e o crescimento psicológico, pois subverte uma realidade externa perturbadora por uma realidade psíquica inventada. Em contrapartida, o pensamento onírico, nossa forma de pensar mais profunda, consiste em ver uma experiência emocional a partir de múltiplas perspectivas ao mesmo tempo. Eu, concluo que os pensamentos oníricos do terapeuta podem ser um recurso técnico, na inter-relação com o paciente, de cheirar, provar, tocar múltiplas perspectivas inconscientes. O processo de Sonhar/pensar o paciente seria uma capacidade a ser adquirida ao longo da construção de um psicanalista, ou, como diria Bion (2004), aprendida com a experiência... Um exemplo de truque psicanalítico, mas sem magia...

Minha mãe, que era professora, desenvolveu uma culinária mais esporádica e restrita, mas que buscava resgatar detalhes na cultura de origem dela e na do meu pai. Por vezes me encontro tentando decifrar receitas dela e da tia Edda e, na ausência delas e de registros escritos, tento sonhá-las/imaginá-las. Ao longo dos anos também imagino dar continuidade ao diálogo com o tio Gustavo... Eu hoje responderia: Para fritar um ovo é mais confortável primeiro separar o ovo o sal e o óleo ao lado do fogão. Depois se risca o fósforo e ascende-se o fogo. Coloca-se a frigideira (de material não aderente ou já curada) para esquentar. Segurando no cabo e fazendo movimentos circulares, deixa-se cair um fio de óleo suficiente

para umedecer o fundo da panela. Quando está quente o óleo, quebra-se a casca do ovo abre-se com a ajuda das duas mãos a uma distância próxima da panela para não saltar o óleo... Salpica-se sal, mais na gema do que na clara (por uma simples relação volume/superfície) e quando a clara dourar nas bordas, segurando-se pelo cabo novamente retira-se do fogo e com a ajuda de uma espátula que não fira a panela, se solta do fundo com delicadeza e deixa-se resvalar até o prato para não furar a gema... Ou seja, são muito mais detalhes adquiridos pelo interesse e com a experiência, do que truques...

Já se hoje algum analista didata me perguntasse o que afinal eu quis dizer com “processo de sonhar/pensar o paciente”, me pedindo para fundamentar utilizando os termos teóricos e técnicos Bionianos ou de outros autores eu diria, simplesmente, que não respondo! E assim o faço, para ganhar tempo e em homenagem ao próprio Bion, que pensava que a resposta é a doença que mata a curiosidade da pergunta...

Referências

BION, W. R. *Elementos de psicanálise*. Trad. Jayme Salomão; revista por Ester R. Sandler e Paulo c. Sandler. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

CARNEIRO, C. Apresentação. Regulamentação da profissão: um beco sem saída? Associação Livre. *Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília*, ano I, edição I, 2012.

DUARTE, R. M. A “mágica” no setting. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 3, p. 69-76, 2011.

EIZIRIK, C. L. O analista em construção. *FEBRAPSI/Federação Brasileira de Psicanálise notícias*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 46, p. 4-6, 2012.

FERRO, A. A resposta do paciente à interpretação e acontecimentos do campo. In: FERRO, Antonino. *Técnica e*

criatividade. O trabalho analítico. Trad. Marta Petriccioni. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

_____. O Après-coup e a cegonha: campo analítico e pensamento onírico. In: FERRO, Antonino. *Fatores de doença, fatores de cura – gênese do sofrimento e da cura psicanalítica.* Trad. Marta Petriccioni. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos.* Parte I e II. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 1900–1901. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GROSSLING, M. V. Focalização. In: EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, R. W.; SHESTATSKY, S. S. (Org.). *Psicoterapia de orientação analítica fundamentos teóricos e clínicos.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LABATE, J. C. Fato selecionado e a possibilidade de restauração de função alfa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 3, p. 77-84, 2011.

OGDEN, T. H. Sobre três formas de pensar: o pensamento mágico, o pensamento onírico e o pensamento transformativo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 46, n. 2, p. 193-214, 2012.

VIÑAR, M. Comentário oral no XXIX Congresso Latino Americano de Psicanálise. São Paulo, 2012.

ZIMERMAN, D. E. *Sonhos: manejo técnico.* Manual de técnica psicanalítica uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Pensando a Clínica



A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas

The delicate complexity of the analytical encounter: transformations that pass through the meeting with the analytical encounter, with the analytic theory and with Lucas

La delicada complejidad del encuentro analítico: las transformaciones que pasan por el encuentro con la formación analítica, con la teoría del analista y con Lucas

Sandra Bulhões Cecilion

Grupo de Estudos Psicanalítico de Minas Gerais (GEPMG). Membro em formação psicanalítica do GEPMG, professora da Universidade de Uberaba, gestora do Curso de Matemática da Universidade de Uberaba.

Resumo

Conversando sobre complexidade das experiências com Lucas, as possibilidades abertas e as transformações ocorridas por identificações e encontros: com autores e teorias psicanalíticas que deixaram eco, com supervisões que ampliaram olhares, com novos ângulos ampliados na construção de nossa própria existência. A formação analítica abrindo caminhos para a complexidade do encontro entre Lucas, a Psicanálise e eu.

Palavras-chave: formação analítica; teoria do analista; encontro psicanalítico; transformações.

Abstract

Talking about the complexity of the experiences with Lucas, the open possibilities, and transformations occurred by identifications and meetings: with authors and psychoanalytic theories that left echo, with supervisions that expanded views, with new open angles on building our own existence. The analytical training opening ways for the complexity of the encounter between Lucas, Psychoanalysis and I.

Keywords: analytical training; analytic theory; psychoanalytical encounter; transformations.

Resumen

Ablando cerca de la complejidad de las experiencias con Lucas, las posibilidades abiertas y las transformaciones producidas por identificaciones y encuentros: con autores y teorías psicoanalíticas que dejaron eco, con supervisiones que expandieron la mirada, con nuevos puntos de vista abiertos en la construcción de nuestra propia existencia. La formación analítica abriendo caminos para la complejidad del encuentro entre Lucas, la Psicoanálisis y yo.

Palabras clave: formación analítica, teoría del analista, Encuentro Psicoanalítico, transformaciones

“Ao praticar psicanálise , tenho o propósito de:
Me manter vivi;
Me manter bem;
Me manter desperto.
O objetivo é ser eu mesmo e me portar bem.”
(Winnicott-1983)

A vivência da experiência analítica com pacientes em estágios primitivos de mente é delicada, complexa e permeia áreas tão profundas do psiquismo que algumas vezes paralisa o trabalho e o crescimento da dupla analítica. Por outro lado tais experiências podem abrir possibilidades para profundas transformações e encontros com o mais real de cada um de nós. Este processo tem passado por ampliações teóricas que permitem nomear tais experiências, possibilitando reestruturações pessoais tanto do analista quanto do analisando. Partindo desse pressuposto, proponho-me neste trabalho a conversar sobre minhas vivências com Lucas, com a teoria psicanalítica e com a formação psicanalítica através do viés do suporte teórico, da supervisão e da análise pessoal.

1 O lugar da Teoria do Analista

De acordo com Purcell (2006), o relacionamento da teoria com a prática da psicanálise é complexo. Em princípio, todos os psicanalistas partilham um terreno comum, porém diferenças teóricas distinguem analistas individualmente, assim como teorias psicanalíticas complementares e rivais. Ele defende a perspectiva de que nossas diferenças teóricas são significativas, exercem influência substancial no nosso pensamento e, principalmente, que a teoria do analista afeta a nossa prática clínica, interferindo em aspectos que são fundamentais, como: a natureza da psicopatologia, o objetivo do tratamento psicanalítico e os mecanismos de mudança ou cura em Psicanálise. Ainda de acordo com ele, todo psicanalista tem sua própria teoria, inerentemente única e a presença dela nos atendimentos é inevitável.

Também Gus (2007) acredita ser consenso que cada terapeuta componha uma síntese teórica implícita à sua prática clínica. Segundo ele, as teorias implícitas, subjacentes à compreensão do material, acrescentam, sobremaneira, recur-

sos teórico-técnicos. Sugere, então, ao psicanalista, tanto ao experiente quanto ao que está em formação, que articule sua capacidade de integrar referenciais complementares introduzindo parâmetros contemporâneos nas terapias e fazendo sua própria integração de teorias, autores e conhecimentos de áreas afins. Estará o analista desta forma ampliando e enriquecendo seus recursos técnicos com o intuito de disponibilizar respostas mais adequadas às reais necessidades dos pacientes.

Purcell (2006) vai mais além em suas reflexões ao mostrar que a presença da teoria no consultório do analista atua também de forma inconsciente, como uma fonte de contratransferência. As consequências da teoria do analista nos fenômenos do tratamento psicanalítico podem gerar influências tanto amortecedoras, quanto criativas na contratransferência do analista, influências estas que são mais organizadoras da experiência emocional do analista do que se pode a princípio pensar. Para ele a teoria passa a ser tanto uma lente quanto um filtro por meio dos quais os eventos analíticos são apreendidos e então reagidos emocionalmente.

Britton (2011) entende o papel da teoria na manutenção do que ele chama de “espaço triangular”, ausente em muitas formas de patologia, e que tem seu papel na preservação da capacidade de pensar do analista, em contraste com a encenação transferencial. Mas Purcell (2006) destaca que nem todas as teorias têm função diferenciadora ou sustentam o espaço triangular; uma teoria pode ser usada de maneira pobre e ofuscar mais do que ser um fator esclarecedor no trabalho analítico. Ele afirma que algumas teorias não só falham no estabelecimento desta “barreira” necessária às projeções e nesse “espaço” para pensar, mas determinam o desenvolvimento de contratransferências que intensificam a vulnerabilidade do analista com relação às projeções do paciente. Uma questão fundamental colocada por Purcell (2006) é o fato de que a

68  Sandra Bulhões CECILION. *A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas*, p. 63-78.

teoria somada à personalidade do analista tem um papel importante no estabelecimento de um conjunto de expectativas deste em relação à análise, e cita alguns exemplos:

1) Se o paciente não associa livremente, não faz uma aliança terapêutica, não relata experiências transferenciais, não demonstra melhoras sintomáticas, e outras coisas do gênero, o analista pode ser afetado de forma desagradável e reagir com sentimentos negativos e definições de que o paciente é inanalizável.

2) Na contratransferência negativa determinada pela teoria podemos pensar na necessidade prévia de o analista ver a análise “indo bem”, de ajudar o paciente, e isto pode estar em franco conflito com a necessidade narcísica central do paciente de proteger sua onipotência inconscientemente e evitar o contato significativo com os atributos úteis do analista.

3) Uma análise que “está indo bem” também pode produzir uma contratransferência positiva potencialmente geradora de confusão, se prestando a processos de idealização do analista. Estas teorias reduzem a importância e retiram a atenção do funcionamento mais primitivo, ou seja, o funcionamento narcísico.

Então a teoria pode afetar diretamente a formação da contratransferência, facilitando o conluio inconsciente do analista com as resistências do paciente.

A visão de Saad (2011) trás mais um ponto a ser pensado: ela se refere à teoria como um *objeto transicional* a que o analista recorre para lidar com o caos da situação analítica durante o necessário “mergulho no abismo”. E, ainda segundo ela, apesar dos suportes teórico-clínicos que nos oferecem Freud, Klein, Bion e Winnicott, assim como os autores modernos, permanecemos solitários e precisamos adquirir o conhecimento e a experiência sobre nós mesmos, condição *sine qua non* para o exercício do nosso ofício, ou seja, para vivermos a delicada complexidade de encontros analíticos.

2 A delicada complexidade do encontro com Lucas

Quando iniciei meus atendimentos a Lucas, este me apresentava visualmente como uma figura extremamente frágil, recatada, contida e de certa maneira terna. Em sete anos de atendimentos, geralmente com três sessões semanais, juntos escalamos os picos mais altos de geleiras, atravessamos nossos lados fascistas e prepotentes, tendo por ferramentas e alimento os recursos também em transformação da Psicanálise, especialmente os da “minha psicanálise”. Nestes anos de trabalho, Lucas dificilmente conversava comigo de forma espontânea, quando isto acontecia, geralmente era em busca de saber algo de minha vida real, ou para mostrar toda a raiva do quanto se sentia rejeitado por mim, independente do que eu fizesse. Aliás, em todos estes anos ele raramente falava se não fosse arduamente estimulado. Por todo este período, manteve a mão tampando o rosto sempre que sentado à minha frente. Ao cruzar com outro paciente, na entrada do consultório, ele achava que se escondia, ficando em pé colado à parede, acreditava assim não ser visto. Ele tinha um filho, que considerava sua maior preciosidade, sua única razão de viver, mas quando enraivecido com o mesmo acreditava ser se matar a única forma de levá-lo a reconhecer sua importância. Com certeza pensava o mesmo em relação a mim, por isto por várias vezes tomou remédios em excesso, ameaçando se matar. Vivia ainda em constantes licenças médicas de saúde, tendo percorrido inúmeros psiquiatras. Ligava constantemente em minha casa e para meu celular, tanto de forma direta quanto oculta, ligava em horários diversos: desde muito cedo pela manhã, ou ainda de noite, quase madrugada.

Eu, por minha vez, quando iniciamos nosso atendimento contava com 7 anos de experiência de consultório, muitos outros de vida como educadora e por minhas experiências como mãe me sentia confiante em meus recursos para fortalecê-lo.

70  Sandra Bulhões CECILION. *A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas*, p. 63-78.

Buscava conversar, sobrevivia literalmente a dormir, acredito que seria mais literal o termo “apagar” nas sessões de segunda-feira, e buscava abrir campos criativos usando inclusive recursos como: jogos, colagens, dobraduras e brincadeiras.

Fui percebendo, no entanto, que nossa relação deixava feridas profundas e permanentes, marcas reais e visíveis na lataria de meu carro, em Lucas e em mim. Fui sentindo falta de novos suportes que ampliassem o lugar onde Lucas e eu lutávamos para sobreviver diariamente. Hoje, vejo que talvez eu não conseguisse suportar seu silêncio, sentir sua solidão, sobreviver ao seu vazio, mas para conseguir ver isto e para ampliar minha visão precisei escalar o “Pico da Formação Psicanalítica”.

Assim que iniciei a formação, a cada novo contato, ou a cada novo olhar para um aspecto da teoria psicanalítica, minha mente se encontrava com Lucas, e eu o via pelo viés de todo novo suporte teórico.

Contando inicialmente com um aprofundamento em contribuições teóricas imprescindíveis como as de Freud (1926) e Klein (1996), para compreender, em parte, o mundo interno de Lucas, fui renomeando e redefinindo minhas impressões sobre nossas experiências. Tendo por base que o processo analítico é um processo de comunicação, onde o analisando comunica seu mundo psíquico ao analista, experimentando-o e revivendo-o na transferência, através de expressões verbais e não verbais fomos, Lucas e eu, revisitando vivências através de releituras teóricas:

– As relações objetais internas, isto é, o mundo interno do paciente, consiste predominantemente, de relações com objetos arcaicos que, por diferentes motivos, não se desenvolveram. Estes objetos são objetos para dentro dos quais, na infância, a criança projetou grande parte de si mesma, estando, portanto, distorcidos da realidade e percebidos como perigosos e hostis. O paciente continua a se relacionar com os mesmos de maneira persecutória e usa este mesmo padrão

repetitivo na relação com o analista. Os mecanismos de cisão e identificação projetiva, como elementos de comunicação do funcionamento do mundo interno, nos mostram como a pessoa projeta partes cindidas de si mesma dentro dos objetos, como Lucas fazia com seu filho, sua pérola bruta (como ele o chamava), ou comigo, ora me idealizando, ora me vendo como a responsável por todas as suas dores. Tais expressões e fantasias do mundo interno são veiculadas fortemente pela identificação projetiva em pacientes cuja capacidade ainda está limitada por ansiedades persecutórias primitivas ou, mais gravemente, por aquelas instaladas em organizações patológicas, em estruturas limítrofes.

– Muitos dos comportamentos de Lucas só podiam ser entendidos como *acting*. Nele o sujeito passa de uma representação, de uma tendência, ao ato propriamente dito ou à dramatização e encenação de conflitos primitivos dos quais não se lembra e, para não se lembrar, atua e recria as questões primitivas dolorosas, estando elas tecnicamente referidas à transferência. Portanto, a realidade psíquica encenada no *acting* é inconsciente e ainda indizível por ser de natureza pré-verbal. As palavras mostram-se insuficientes e não alcançam conter sensações e percepções dolorosas, precisando ser expressas através de atuações e recriações no *setting* analítico. O *acting* pode ser definido, como uma ação feita no lugar da tarefa que tem que se realizar, ou seja, alcançar o *insight* (CASSORLA, 2007; GUS, 2009).

O referencial teórico, ao mesmo tempo em que fortalecia minha visão do mundo interno e das atitudes de Lucas, me permitia rever e pensar minha própria postura, através pontos de vista como:

– É o útero mental do analista que permite o nascimento do paciente, como afirmou Teresa Flores (2005). Esse útero que é feito da “arte de conversar” e do silêncio, da palavra e da não-palavra, e que é preciso dosar. Lembrando que muitas

72  Sandra Bulhões CECILION. A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas, p. 63-78.

vezes, aquilo que nossa voz transmite não tem importância, porém *o como* foi transmitido.

- Preciosas e indispensáveis são as contribuições teóricas de Winnicott (1983) em termos de jornada da dependência à independência. Percebia-se em Lucas a ansiedade relativa aos estágios iniciais, com ameaça de aniquilamento. Esta etapa de dependência absoluta corresponde à necessidade de holding, de uma provisão ambiental, que seja consistente e que satisfaça às necessidades físicas, que inclua uma rotina completa do cuidado dia e noite. Como resultado do cuidado materno suficientemente bom, acredita-se na ereção de uma continuidade de ser que seria a base do fortalecimento do ego.

- Também as contribuições de Bion (1994) sobre a capacidade que a mãe tem de transformar os sentimentos hostis projetados dentro dela, através do processo de *réverie*, ajudam muito o *insight* para a compreensão da contratransferência e o papel do analista de conter o continente do paciente, isto é, ser emocionalmente afetado pelo paciente e transformar suas próprias reações numa compreensão. Segundo suas ideias espera-se que na situação analítica ideal ocorra um sonho a dois, em que sonho se refere ao pensamento onírico de vigília, produto de elementos alfa, manifestação de transformações de fantasias inconscientes primitivas e elementos beta. Assim, o analista transformará experiências emocionais brutas do paciente em imagens que ele interpretará como se fossem um sonho próprio, fruto de sua capacidade analítica; ele levado pela sua capacidade de *réverie* ressonha o sonho do paciente, refaz e amplia a rede simbólica do mesmo, gerando novos significados.

O conhecimento teórico capaz de nomear estas vivências da dupla fornece um suporte ao trabalho no campo analítico, fornece ao analista uma espécie de “pele mental” capaz de dar contorno a vivências diárias. A teoria até aqui fazia total sentido, mas ao mesmo tempo parecia não conter força

transformadora suficiente para a dupla. Assim tudo que parecia construído num momento retornava logo a seguir, com força destrutiva igual ou superior. Na busca de caminhos encontrei outros referenciais significativos como o estudo clássico da melancolia, a teoria do ressentimento, e outros. E alguns apoios teóricos foram transformadores, como:

– É preciso encarar incertezas, conviver com dúvidas, criar, experimentar, rever... Pensar, lembrando que no processo analítico estão presentes: analista e analisando com seus corpos, suas emoções, seus pensamentos e fantasias. Trata-se da “situação analítica total”, em que ocorre um interjogo entre a transferência do analisando e do analista, bem como a contratransferência deste, além das identificações projetivas mássicas e as contra-identificações de ambos. De acordo com os Baranger (CASSORLA, 2009), o campo analítico ou a *gestalt* da dupla na situação analítica constitui algo criado *entre* os dois, que não é a simples soma de ambos. Trata-se da formação de uma fantasia inconsciente, comum do par, ou seja, a idéia do campo analítico implica em que nada ocorre em um dos membros da dupla analítica sem a participação do outro. O que realmente importa, segundo Bion (1994), é a experiência emocional *entre* os dois. Nesta realidade relacional e interativa, os sujeitos do diálogo se conectam para que haja uma construção conjunta de significados que se constituem em uma experiência singular única, *irrepetível* e *sui generis*.

– Cassorla (2009) a partir de idéias de Bion, traz o analista para o “olho do furacão”. Segundo ele, o analista deve suportar o não-saber, que faz parte do não-sonho. Mas isto pode não ser possível por falhas técnicas, por limitações de função alfa e/ou porque o não-sonho do paciente mobilizou áreas próprias do analista, não suficientemente sonhadas em sua vida ou que, ainda que sonhadas, não suportaram serem ressonhadas. A indigestão do analista frente aos elementos brutos do paciente costuma envolver fatores de ambos os mem-

74  Sandra Bulhões CECILION. *A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas*, p. 63-78.

bro da dupla. Nessas situações, o não saber é vivido como objeto interno persecutório. Por isto o analista pode apelar para o já-sabido, memórias, desejos, teorias, crenças, utilizadas não por serem verdadeiras, mas como formas de aplacar o objeto persecutório. Essa substituição do não sabido pelo já sabido é estimulada pela presença não neutralizada do superego destrutivo da parte psicótica da personalidade, moralístico e onisciente, que ataca qualquer *não-saber* que possa ser transformado em já sabido. Segundo Cassorla (2009), pode-se dizer que a mente do analista fica possuída pelo não-sonho do paciente, bloqueado em sua capacidade de sonhar e pensar, sendo que a substituição pelo já-sabido lembra as reparações maníacas e obsessivas apontadas por Freud. Desta forma, a dupla analítica, sob efeito de identificações projetivas massivas de elementos beta, envolve-se em conluio sem ter consciência disto. Esses não-sonhos a dois configuram o que a leitura psicanalítica tem nomeado por enactment.

Percebi que Lucas já me mostrara estas ideias e conceitos em suas colagens e que inclusive ele me confirmava estas impressões com uma “piada devastadora”. Poder ver, ouvir, sentir e suportar o encontro, ou até o desencontro com Lucas, através do olhar dessa Psicanálise que traz o analista para o “olho do furacão” só mesmo é possível com suporte consistente de supervisão sintonizada e um bom caminho já escalado de uma análise pessoal consistente.

3 Transformações do encontro com a formação e com Lucas

De acordo com Saad (2011) sabemos muito bem que algumas das nossas dificuldades vão permanecer insolúveis, como obstáculos intransponíveis, apesar do empenho que imprimimos na busca do nosso próprio desenvolvimento pessoal. Temos consciência de que somos limitados, participantes

de uma mesma condição humana: frágeis, impotentes, dependentes, desamparados, vulneráveis... E sabemos, também, que nossos próprios limites em conluio com os limites dos nossos analisandos, podem provocar dificuldades no desenvolver das análises, fazendo-nos sentir muitas vezes “enfrentando uma neblina”, ou seja, um fog que nos obscurece a visão ou até nos cega. Há situações que se impõem com certa frequência e que nos impossibilitam de permanecermos analistas - vivos e pensantes - no decorrer da sessão. Assim, como continua afirmando Saad nos deparamos com reações terapêuticas negativas, impasses, *enactments*, baluartes, reversão de perspectiva, conluios e atuações. Na verdade, tudo isto não são mais do que criações conjuntas da dupla que, para evitar conflito, desestruturam ou um terrorífico encontro de conteúdos arcaicos e cindidos das mentes, refugiam-se em pontos de parada ou de retrocesso, ainda que possam, no entanto, constituírem-se também em pontos de recomeço. Isso evidencia a necessidade de o analista estar amparado numa formação teórico-clínica sólida, e mais importante ainda, numa experiência de análise a mais satisfatória possível. O reconhecimento do analista a respeito do funcionamento de sua própria mente, dos seus próprios erros ou equívocos, dos seus pontos cegos, dos seus conflitos reativados pelo paciente – reconhecimento acompanhado de mudança de orientação no processo analítico – poderá contribuir para que o processo flua mais livremente e se diluam os emperros e obstáculos.

Cassorla (2009) contribui com ponto de vista inovador ao analisar a comunicação inconsciente da dupla durante o *enactment* crônico, pois, segundo ele, a mente do analista nesse processo funciona concomitantemente em dois canais: um deles contribui para a paralisia, pois obstrui sua função alfa, vivendo masoquismo patológico e defesas maníacas mas, por outro lado, o analista se entrega na forma de um masoquismo normal, necessário ao conluio obstrutivo, num trabalho de

76  Sandra Bulhões CECILION. *A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas*, p. 63-78.

elaboração do trauma similar ao trabalho de luto. Portanto, mesmo que o analista falhe, em alguma área de sua mente ele continua trabalhando, tentando observar, discriminar, compreender, coisas que fazem parte de sua função alfa ativa, e o paciente capta esse interesse. Assim, mesmo que uma parte do processo analítico permaneça estagnado, em alguma outra área ocorre desenvolvimento.

Caper (2010) nos convida ainda a refletir sobre um ponto crucial, sobre termos a cura como objetivo da Psicanálise. Segundo ele, esse é um risco duplo, pois quando o paciente nos procura, ele vem movido pelo sofrimento e leva o analista ao status daquele que cura. O analisando faz isto projetando sua onipotência no analista, sendo levado a acreditar que este possui poderes curativos mágicos e que o processo analítico é de alguma maneira a realização da sua ansiada crença no objeto externo particular de fantasia chamado de deus pessoal. O analista e o paciente muitas vezes entram em conluio, pois cada um tem suas próprias razões para acreditar que o analista pode ser, em última instância, responsável pela mente do paciente: o analista, porque isto fornece apoio à sua fantasia de que pode curar o paciente e o paciente, porque isto fornece apoio para sua fantasia de que ele próprio nunca precisará assumir a responsabilidade por sua própria vida ou sentir a necessidade de reparar ou de preservar um objeto interno bom.

É necessário assumir que o papel do analista é apenas de ajudar o paciente a vivenciar, o mais plena e acuradamente possível, os aspectos indesejados. O analista deve encarar o fato de que, por si só, não fornece ao paciente uma experiência emocional corretiva, não mitiga a severidade do superego, não lhe serve de guia para o caminho evolutivo correto, ou seja, não se cura uma maneira de ser. Assim precisamos deixar de ser pretensiosos e fazer uma análise como é possível ser feita, desidealizando o processo e nossa competência. É preciso fazer o luto de nossas ambições terapêuticas.

Na visão de Caper (2010), longe de buscarmos uma postura de indiferença em relação ao sofrimento do paciente -como muitas vezes é interpretada a postura psicanalítica- mas imbuídos de uma *modéstia realística*, essencial para a prática psicanalítica devemos ter por direção o estado mental definido por Bion (1994) como “*sem memória e sem desejo*”. No entanto, ao conseguir resistir ao ímpeto de curar com as interpretações, o analista mantém sua responsabilidade para com o paciente, que não é de curá-lo, mas de ajudá-lo a recuperar-se a si próprio. Se a meta é ajudar o indivíduo a integrar as partes cindidas de sua personalidade, então o trabalho de elaboração implica que o paciente aceite seu inconsciente como parte de si, que viva o luto causado pela perda da auto-realização e encare as angústias depressivas decorrentes disto.

Também Steiner (1996) coloca que o objetivo da psicanálise é ajudar o paciente a recuperar partes dele mesmo que se tornaram indisponíveis por terem sido cindidas e projetadas e conseguir uma integração. Uma análise se mede pelo nível de integração, e não pelo nível de suposta normalidade alcançado. Podemos, no entanto, alimentar a esperança de que quando a integração ocorrer, objetos internos bons predominem sobre os maus. Falamos, pois, do reconhecimento por parte do analista de que pode ajudar o paciente a crescer, mas não pode “crescê-lo”.

E mais, uma análise pode terminar satisfatoriamente num ponto onde outra poderia começar, reforçando o que Freud (1926) já garantirá: nenhuma análise vai além dos limites do analisando e do analista. O analista deve ser competente e humilde para conhecer os limites da sua própria competência, como afirma novamente Saad (2011). Ela afirma que atitudes nossas como criar, improvisar, e sermos “nós mesmos” exigem lucidez, disposição corajosa, sensibilidade e simplicidade, além da consciência de nossas próprias limitações, bem como dos limites da nossa ciência, técnica e arte.

78  Sandra Bulhões CECILION. *A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas*, p. 63-78.

Não é possível criarmos soluções fáceis para aquilo que é mesmo muito difícil. Como diz Saad (2011), é necessário, pois, apurar a escuta, e apurando-a podemos conduzir o homem onde ele nunca esteve, muitas vezes ao silêncio, num silêncio onde ele pudesse chorar sem ser importunado. Quem sabe pode-se então atingir águas profundas onde se possa nadar e mergulhar juntamente com nossas vivências mais primitivas.

A construção desse processo tão difícil só é possível em companhia do suporte da teoria, da supervisão e da análise pessoal, e como já sabemos, suportando as transformações e o resultado, que é sempre menos do que idealizamos a princípio. Por sua vez, o crescimento só é possível através de identificações. Foi assim que identificamos nossos sonhos e fantasias com os de Freud, Klein, Winnicott, Bion e outros e buscando aconchego mais próximo, fomos nos identificando também com Zina, Gus, Cassorla, e especialmente com nossas supervisoras e analistas...

De volta à jornada da dupla Lucas e eu, saímos cada um de nós, não curados, mas transformados, pois, como diz Saad (2011): a análise, como todo objeto real, é menos do que gostaríamos que fosse, mas com certeza temos podido suportar, Lucas e eu, sermos aquilo que desejávamos e temíamos, embora fugíssemos: ***Ser a gente mesmo.***

Essa é, pois, a delicada complexidade do encontro analítico: possibilitar a delicada e complexa tarefa de ***ser a gente mesmo.***

Referências

BARROS, E. M. (Org.). *Melaine Klein: evoluções*. Trad. A. M. Leandro e L. R. Aratangy. São Paulo: Escuta, 1989.

BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: _____. *Estudos psicanalíticos revisados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 55-77.

CARPER, Robert. *Tendo mente própria: uma visão kleiniana do self e do objeto*. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

CASSORLA, Roosevelt M. S. Reflexões sobre não-sonho-a-dois, enactment e função alfa implícita do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 4, p. 91-120, 2009.

FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e angústia. *Edição Standard Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud*. Trad. sob direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. 20, p. 93-122.

_____. (1926) O ego e o id. *Edição Standard Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. 19.

GUS, Mauro. Acting, enactment e a realidade Psíquica “em cena” no tratamento analítico das estruturas borderline. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, v. 41, n. 2, jun. 2007.

KLEIN, M. Estágios iniciais do conflito edipiano. In: _____. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 1).

OGDEN, T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: _____. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 57-91.

PURCELL, Stephend. A teoria do analista: uma terceira fonte de contratransferência. In: *Livro Anual de Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2006. Tomo XX, p. 143-156.

SAAD, Ambrozina A. C. Da delicada complexidade do encontro analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 3, p. 41-50, 2011.

STEINER, Johnn. O objetivo da Psicanálise na tória e na prática. In: *Livro Anual de Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1996. Tomo XII, p. 161-172.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Por Rrinea Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

80  Sandra Bulhões CECILION. A delicada complexidade do encontro analítico: transformações que passam pelo encontro com a formação analítica, com a teoria da analista e com Lucas, p. 63-78.

Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico

**A Changing Dialect: Some reflections on the
psychoanalytic process**

**Un Dialecto en Transformación: algunos
pensamientos sobre el proceso psicoanalítico**

Patrícia Lima de Oliveira

xxxxxxx. E-mail: pat.oliveira@terra.com.br

Resumo

O presente trabalho se propõe ao estudo da transformação que ocorre durante o processo psicanalítico na mente do paciente e na relação entre analista e analisando. A autora parte da hipótese de que durante o processo de análise a relação entre a dupla vai se transformando paralelamente à mudança psíquica do paciente. São mencionados diversos autores com contribuições pertinentes ao tema.

Palavras-chave: processo psicanalítico; mudança psíquica.

Abstract

The present work proposes to study the transformation that occurs during the psychoanalytic process in the mind of the patient, and in the relationship between the analyst and the analysand. The author bases her work on the hypothesis that during the process of analysis, the relationship between the pair is transformed in parallel to the psychic change in the patient. Several authors are mentioned, with contributions that are pertinent to this topic.

Key words: psychoanalytic process; psychic change.

Resumen

El presente trabajo tiene como propuesta el estudio de la transformación que ocurre durante el proceso psicoanalítico en la mente del paciente y en la relación entre analista y analizando. La autora parte de la hipótesis de que durante el proceso de análisis la relación entre la pareja se va transformando paralelamente al cambio psíquico del paciente. Se mencionan varios autores con aportes pertinentes al tema.

Palabras clave: proceso psicoanalítico; cambio psíquico.

INTRODUÇÃO

Podemos descrever o processo de análise como um encontro entre duas pessoas com o objetivo da parte do analisando de mudança psíquica e do analista de aplicar sua técnica para esse fim. O que ocorre durante esse processo é um conhecimento mútuo e gradual tanto da dupla quanto do analisando sobre si mesmo. O diálogo dessa dupla também irá se transformar ao longo do tempo e com o grau de intimidade adquirida.

O que proponho estudar neste trabalho é o processo de transformação desse diálogo e sua relação com a mudança psíquica do paciente. Penso que o termo “dialeto” se aplica bem a esse fim, pois diz respeito a uma variedade lingüística regional. O idioma utilizado nesse diálogo em questão é a psicanálise, porém esta será a psicanálise da dupla. Da mesma forma, o que é falado, sentido e vivido pela dupla durante o processo se transforma nesse caráter íntimo e original, assim como muda a relação do paciente consigo mesmo.

Na expectativa de atingir esse objetivo, farei uma breve revisão bibliográfica, limitada para o tema proposto, mas com autores que, em minha opinião, contribuíram de forma essencial para o desenvolvimento psicanalítico contemporâneo.

82  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

DESENVOLVIMENTO

Um e outro. A transferência e a contratransferência:

Buscando as recomendações de Freud em seus artigos sobre técnica, encontro logo no primeiro parágrafo de seu artigo: “Recomendações aos médicos que exercem psicanálise, (1912)”, a ênfase na natureza individual de sua técnica. O que coincide com o termo *dialecto* escolhido para o título deste trabalho com a finalidade de destacar a natureza única do que é dito por cada par analítico. Difícil imaginar de outra forma, se seguimos lendo suas recomendações, de que o analista deve estar receptivo para ouvir o inconsciente de seu paciente utilizando o seu próprio como órgão receptor (p.129). É a contrapartida do analista, sua atenção flutuante à associação livre do paciente (p. 125).

Para atingir esse fim, o analista deve ser móvel no sentido de poder oscilar de uma atitude mental para outra de acordo com a necessidade, nos explica Freud ainda nesse mesmo artigo (p.128), onde também enfatiza que essa capacidade é atingida através do que ele chamava de “purificação psicanalítica” (p.129).

Apesar do caráter individual de cada par analítico, isso não quer dizer que não existam normas a serem seguidas para nos orientar na maneira de trabalhar como psicanalistas. Nesse sentido para responder a questão de: “Quando devemos começar a fazer nossas comunicações ao paciente?” (p.154) Ou seja, quando interpretar, ele nos responde dizendo que faremos isso através do fenômeno denominado transferência. É esse o campo onde se trava a “luta”, nas suas palavras, entre médico e paciente (p.119).

Podemos tentar aplicar outra metáfora que se encaixe melhor neste artigo, dizendo que esse é o *idioma* falado entre ambos: a linguagem do inconsciente. Para Freud (1912),

podemos entender o que é dito pelo paciente na sessão de análise, como o sonho. Ou seja, que o paciente vive seus sentimentos transferenciais como contemporâneos e reais, assim como acredita que o que vive no sonho é real enquanto está sonhando. E é somente assim, vivendo o sonho do paciente com o paciente que podemos traduzir sua linguagem para ele próprio. Temos dois trabalhos aí: o de personagem do sonho (vários) e tradutor do inconsciente. É nesse sentido que Freud nos alerta que: “Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois quando tudo está dito e feito é impossível destruir alguém in *absentia* ou in *effigie*” (p.119).

M. Klein (1946), ao introduzir o conceito de identificação projetiva ampliou expressivamente o que entendemos como formas de comunicação no setting. Com o desenvolvimento da análise de crianças e dos pacientes psicóticos possibilitou um entendimento mais profundo da mente humana e trouxe para a psicanálise uma maior abrangência e profundidade a sua técnica. Ao pensarmos no mundo interno do paciente e do analista, de suas relações de objeto, e na natureza dinâmica da transferência e da contratransferência, podemos concluir que o diálogo travado entre a dupla muda de forma incrivelmente variável de personagens, e assim, de dialetos, muitas vezes dentro de uma mesma sessão. Klein (1952) afirmava que o fenômeno da transferência tem sua origem nas experiências mais primitivas do ser, onde se originam suas relações de objeto. Segundo ela, isso explica o porquê de tantas oscilações na transferência, e como se entrelaçam passado e presente, fantasia e realidade numa única sessão analítica.

Paula Heimann (1949) em seu clássico artigo sobre contratransferência, propõe-se a estudar com maior profun-

84  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

didade este conceito já introduzido por Freud em 1910, mas não suficientemente estudado por ele como ferramenta terapêutica. Ou seja, a hipótese de que o inconsciente do analista entende e se conecta com o inconsciente do paciente em primeiro lugar em um nível mais profundo. Segundo Heimann, essa conexão aparece na superfície sobre a forma de sentimentos em resposta ao paciente e que somente num momento posterior poderá ser entendido de forma consciente pelo analista. Dessa forma, enfatiza o uso da contratransferência como o primeiro sinal e guia para orientar o analista em sua atenção flutuante para onde direcionar sua interpretação. Se não o faz, torna-se superficial. Enfatiza a importância da análise pessoal do analista e ressalta sua finalidade em torná-lo mais capacitado a conter os sentimentos que lhes são despertados durante a sessão, no lugar de descarregá-los, como faz o paciente, para assim subordiná-los à tarefa analítica, na qual se pode funcionar como o reflexo do paciente em um espelho.

Heimann introduziu dessa maneira, talvez o instrumento mais importante de acesso ao inconsciente do paciente. E propõe para o analista uma reflexão íntima sobre o que se está sentindo na sessão antes de qualquer interpretação. É o analista com seu diálogo interno precedendo ao diálogo com o paciente.

Racker (1959), coincidindo com Heimann a cerca da importância da contratransferência como principal e fundamental instrumento de acesso ao inconsciente do paciente, enfatiza bastante a importância do analista, e posteriormente do paciente, ter um verdadeiro conhecimento de si mesmo, e que esse conhecimento equivale a uma verdadeira união de si mesmo. Em suas palavras: “(...) uma plena aceitação na consciência de se sentir de todo aquilo do próprio ser que antes havia sido rechaçado patologicamente (p.29, tradução da autora)”. Nesse sentido entende que a técnica psicanalítica é um

meio de se chegar ao que se é, mas que havia se perdido ou não pode se desenvolver ao longo da vida.

Betty Joseph (1985) propõe o entendimento da transferência incluindo tudo o que o paciente traz à relação, focalizando nossa atenção no que está ocorrendo dentro da relação e de que maneira o paciente está usando o analista, muito além do que lhe é dito. Dessa forma, assinala como o instrumento fundamental a esse entendimento, a utilização da contratransferência. Pois é através do que é despertado no analista que ele pode refletir sobre a forma que está sendo usado pelo paciente, e o que está sendo acionado nele. Dessa forma, pode-se captar um nível de comunicação inconsciente, muito mais profundo e que possibilita, ao ser entendido e transformado pela dupla, em real mudança psíquica.

Entre os dois. O espaço potencial

Winnicott observou a importância do que conceituou como *preocupação materna primária* (Winnicott, 1956) para o desenvolvimento saudável do bebê. Nesse conceito, enfatiza a necessidade da mãe ser sadia para poder *adoecer* de forma temporária no sentido de poder se identificar com as necessidades de seu filho, e estando identificada com ele poder retornar ao seu estado anterior, rumo a uma independência mútua e gradual. Inicialmente mãe e bebê estão numa relação característica de interdependência onde um não existe sem o outro. Ele nos chama atenção para a importância dessa fase para que o bebê possa experimentar sua onipotência e começar a se relacionar com o mundo externo tendo a ilusão de que este é criado por ele. Dessa maneira inicia o precursor simbólico chamado por ele de *objeto transicional* (Winnicott, 1959) que irá possibilitar cada vez mais uma relação saudável e proveitosa com o mundo externo assim como o enriquecimento de seu mundo interno. Posteriormente, desenvolve esse conceito

86  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

com o nome de *fenômenos transicionais* (1959) para abarcar a relação do homem com a cultura. Ele denominou de *espaço potencial* (1959) esse terceiro espaço vivenciado pelos fenômenos transicionais, onde se misturam a realidade interior e a exterior ou, dito de outra forma, onde a alucinação se torna real. E exemplifica esses fenômenos com as vivências artísticas e no jogo, assim como na experiência psicanalítica.

Em um contexto semelhante, porém explicitado em uma linguagem diferente, Bion (1963) nos apresenta o conceito de *rêverie* que segundo esse autor é essencial a uma saudável função materna e da mesma forma a uma adequada função analítica. Este conceito diz respeito à capacidade do analista de tomar para si todas as projeções de seu paciente, sejam elas sentidas pelo paciente como boas ou más, com a função de satisfazer as necessidades psicológicas do paciente no sentido de que este espera que suas projeções sejam contidas para poderem ser compreendidas, algo que ele ainda não é capaz de fazer. Portanto a função *rêverie* do analista é necessária para que os elementos beta evacuados do paciente possam ser gradualmente transformados em elementos alfa, e dessa forma, poderem ser pensados pela dupla e posteriormente pelo paciente.

Michael Feldman (1997) enfatiza que o paciente projeta no analista uma relação de objeto arcaica que evoca não só pensamentos e sentimentos, mas também induz à ação (a tela beta de Bion). Ele afirma que, para o paciente, essas projeções são uma tentativa de reduzir o contraste doloroso entre a fantasia de uma relação de objeto arcaica e aquilo que o paciente está experimentando na situação analítica. Nos alerta que a interação entre a necessidade do paciente (de repetir a relação de objeto arcaica no lugar de pensar a frustração) e do analista, pode levar a dupla a um enactment repetitivo. O autor nos lembra de que esse mecanismo de identificação projetiva serve não só para evacuar conteúdos dolorosos em outro

objeto, mas também como uma forma de controle onipotente do objeto. Na situação analítica o paciente imprime no analista suas fantasias e ações fantasiadas através desse mecanismo, e dessa forma pode influenciar seu comportamento e estado mental. Tal fenômeno explicitado por Feldman lembra bastante o descrito por Leon Grinberg (1957) como *contraindificação projetiva*.

Nem um nem outro. A intersubjetividade

Ogden (2010) se refere ao diálogo analítico como um evento totalmente pessoal e único para a dupla, como uma forma de comunicação que deve ser inventada pela dupla, para si mesmos. O desenvolvimento dessa linguagem é tarefa constante da dupla e fundamental para uma experiência analítica bem sucedida, pois consiste também no desenvolvimento de uma maior capacidade de comunicar a si próprio sua própria experiência emocional. Dessa forma segundo esse autor, se adquire uma capacidade de sonhar sonhos não sonhados ou interrompidos. Dito de outra forma seria a própria expansão da capacidade de experimentar o espectro completo de sua experiência emocional, do mais sofrido ao mais prazeroso. Uma maior apreensão de sua própria humanidade.

Isso nos remete a outro quesito citado pelo autor, o de ser responsável. Pois a maneira que o analisando aprende a ter um maior contato com sua verdade é através da maneira intrínseca com que o analista busca essa verdade na experiência que está sendo vivida ali entre os dois (no que esta ocorrendo transferencial e contratransferencialmente). Segundo este autor, esta busca pela verdade está no âmago do processo analítico e lhe dá direção, e sem isso a experiência analítica adquire uma qualidade superficial, sem sentido. O sentido desta busca está contido na razão nem sempre consciente pelo qual o paciente buscou se analisar, que é buscar

88  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

ajuda para realizar o trabalho psicológico necessário a fim de viver sua vida de forma diferente. Ao mesmo tempo, ressalta o autor, o analista deve ser respeitoso com a maneira com que o analisando encontrou até aquele momento, de lidar com sua própria experiência emocional, e dessa forma, respeitar sua velocidade e ritmo para vivenciar a verdade ainda não vivenciada. “Uma boa parcela do papel do analista envolve sustentar a tensão entre a necessidade de segurança do paciente e sua necessidade de conhecer a verdade” (p.42).

Outro aspecto ressaltado por esse autor relacionado a essa capacidade de vivenciar com maior amplitude todo o espectro emocional possível, é a experiência do *terceiro analítico* (Ogden, 1994). Essa teorização diz respeito a um desenvolvimento da noção de interdependência entre sujeito e objeto na psicanálise amplamente desenvolvido por Klein e Winnicott, conforme assinala o autor. Ele nos afirma que a psicanálise vem evoluindo em um sentido onde a ênfase se instala na interação entre as duas subjetividades, paciente e analista, cada qual vivenciando de forma separada sua própria subjetividade pessoal, e ao mesmo tempo vivenciando a intersubjetividade da dupla. Essa intersubjetividade chamada por ele de *terceiro analítico* é criação da dupla, um local-espaco onde não existe mais um paciente ou um analista, e que convive numa dialética com as outras duas subjetividades de cada um.

Dentro deste conceito, o autor nos fala que a tarefa analítica consiste em descrever o mais completamente possível a natureza específica da inter-relação da subjetividade individual e da intersubjetividade. Em outras palavras é capacidade e tarefa do analista descrever sua experiência intersubjetiva com o objetivo de proporcionar ao paciente maior conhecimento sobre sua própria experiência emocional. O analista está dentro e fora do *terceiro analítico*. Essa capacidade de se deixar envolver completamente na intersubjetividade e levar em conta o que é vivenciado em todos os seus aspectos, com

a menor defesa possível, é ressaltado pelo autor para poder captar de forma mais ampla o que é comunicado de forma inconsciente pelo paciente.

Tal capacidade envolve, penso eu, grande entrega pelo analista, visto que pode haver certa perda temporária da sensação de identidade pelo analista, em se sentir assim tão misturado com o paciente. Por outro lado, proporciona uma compreensão muito mais profunda do que ocorre na sessão, e possibilita ao paciente entrar em contato com aspectos seus anteriormente não compreendidos, e que podem ser agora entendidos no calor da experiência emocional vivida pela dupla.

Ferro (1997) entende o diálogo analítico como um modo de comunicação peculiar que abrange infinitos desdobramentos lingüístico-emocionais e que o faz pensar na sessão de análise como uma “obra aberta”, (citando Eco, 1962). Esta *obra aberta* deve, no entanto obedecer a certos limites e orientações, tais como: um gradiente beta alfa positivo a favor do paciente, o entendimento pelo analista da transferência como repetição e como projeção das fantasmatisações do paciente, o desenvolvimento da história útil do paciente e não da confirmação de teorias implícitas do analista, e manter a permeabilidade do campo permitindo o desenvolvimento das infinitas histórias que possam ser construídas pela dupla.

Recorrendo aos Baranger e Mom (Baranger, Baranger, 1961-62; Branger, Baranger, Mom, 1983) insere o conceito de *campo* para definir a situação analítica como campo bipessoal e intersubjetivo, onde não há mais uma fantasia inconsciente do paciente ou do analista, mas somente da dupla. A patologia do paciente está relacionada com o analista, que contribui em maior ou menor grau para a construção da patologia do campo. E será esse o objeto e local de transformação (o *terceiro analítico*). Ferro destaca aqui a importância do funcionamento mental do analista que deverá ser capaz de se envolver pelas forças do campo (pelas identificações projetivas), para depois

90  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

se distanciar a fim de poder descrever para o paciente em que ambos se envolveram. O insight ocorreria no momento em que analista e paciente obtivessem o entendimento comum das fantasias inconscientes ativas no campo em determinado momento. Esta possibilidade de pensamento e comunicação, afetiva e cognitiva possibilita uma maior mobilidade e reestruturação do campo, se estendendo as áreas anteriores de resistência da dupla (*baluartes*). Conforme nos explica o autor, *Baluartes* são áreas de resistência da dupla, inconscientes, e que no momento em que são dissolvidas, há uma progressão não só da mente do paciente, mas também do analista (Ferro, 1997, p.86).

Destaca ainda a importância de deixar-se envolver pelas infinitas histórias e personagens inseridas no campo pelo paciente, como num quadro vivo, no qual poderá se observar de forma dinâmica tudo o que ocorre no funcionamento mental da dupla naquele momento. Dessa forma, entende como analista competente aquele que permite uma grande permeabilidade do campo, tomando para si as identificações projetivas do paciente, trazendo para dentro do campo essas emoções e não se defendendo colocando fora da relação bipessoal (deslocando a emoção para a história do paciente ou do mundo interno do paciente). Somente assim, vivendo o calor dessa relação repetida na transferência-contratransferência, ele poderá pensar e entender emocionalmente o que pode ser transformado nessa relação objetal, que está sendo repetida, revivida e com possibilidade de ser reestruturada pela dupla a partir do analista.

Nesse modelo de campo suficientemente permeável, local de transformação da dupla, entram também as fantasias inconscientes do analista, entre as quais destaca as *transgeracionais* referindo-se as teorias implícitas do analista. Tais teorias vivendo nesse modelo de campo dinâmico e transformador podem encontrar o local e a ocasião de serem também

transformadas, na medida em que se permite aprender com seus pacientes.

CONCLUSÃO

Através da leitura desses autores observo muitos aspectos em comum e concluo que o processo de análise se faz através da construção de uma relação bastante peculiar entre analista e analisando.

Essa peculiaridade diz respeito inicialmente às condições da tarefa a que se propõe a dupla, e de sua assimetria necessária (priorizando a análise do inconsciente do paciente), mas o que procurei enfatizar neste trabalho é a transformação ocorrida pela dupla e seu processo. Essa dupla constrói uma relação de grande intimidade, tão grande que o analista procura entender todos os aspectos de seu paciente, inclusive (algumas vezes priorizando) os não verbais. O analista também procura o entendimento do seu paciente através do clima da sessão, de como seu paciente está se relacionando com ele naquele dia. Ele busca sinais do inconsciente do seu paciente à custa de sua própria individualidade, do seu corpo, da sua mente. Todos esses são sinais de uma relação tão íntima que se pode pensar que em alguns momentos há uma mistura das duas individualidades, podendo ocorrer uma temporária sensação de perda de identidade de algum membro da dupla, ou de ambos.

Essa situação pode ser entendida como o *espaço potencial* descrito por Winnicott, assim como o *terceiro analítico* descrito por Ogden, onde é necessário um terreno fértil, possibilitado pela capacidade de rêverie (Bion) do analista. O objetivo é a aquisição pelo paciente de sua plena individualidade e requer do analista um sólido sentimento de identidade, além de um acesso mais “poroso” ao seu próprio inconsciente (no sentido aplicado por Urtebey, 1995).

92  Patrícia Lima de OLIVEIRA. *Um dialeto em transformação. Algumas reflexões sobre o processo psicanalítico*, p. 81-94.

Pode-se pensar que no início do processo, a dupla pouco se entende e o analisando busca esse tratamento porque também não se entende inteiramente. Durante o processo, através da intimidade construída, esse par cria uma linguagem peculiar para si, e à medida que comunica cada vez mais a cerca de cada um, proporciona ao paciente a aprendizagem necessária à aquisição desse conhecimento. Ele aprende com o analista a tolerar o não saber, a captar os sinais de seu inconsciente, e dessa forma, a descobrir seu dialeto original.

REFERÊNCIAS

BION, W. R. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1963.

FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. *Int. J. Psycho-Anal.*, v. 78, p. 227-241, 1997.

FERRO, A. (1997). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FREUD, S. (1910). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11. p. 143-156.

_____. (1912). *A dinâmica da transferência*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 111-119.

_____. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem psicanálise*. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 125-133.

GRINBERG, L. Perturbaciones em la interpretación por la contraidentificación proyectiva. *Rev. de Psicoanálisis*, Buenos Aires, tomo XIV, n. 1/2, p. 23-30, 1957.

HEIMANN, P. Acerca de la contratransferência. *Rev. Uruguiaia de Psicoanalise*, v. 4, n. 1, p. 129-136, 1961.

JOSEPH, B. (1985) Transferência: a situação total. In: SPILLIUS, Elizabeth Bott. *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 2, p. 76-88.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos, 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

_____ (1952). As origens da transferência. In: KLEIN, M. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. 3, p. 71-79.

OGDEN, T. H. (1994). O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: _____. *Os sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 57-91.

_____. *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RACKER, H. (1959). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1960.

URTUBEY, L. Os efeitos contratransferenciais da ausência. *Int. J. Psycho-Anal.* v. 76, n. 4, p. 163- 174, 1995.

WINNICOTT, D. W. (1956). Preocupação materna primária. In: _____. *Da Pediatria a Psicanálise: textos selecionados*. São Paulo: Francisco Alves, 1982. p. 491-498.

_____ (1959). El destino del objeto transicional. In: WINNICOTT, D. *Exploraciones Psicoanalíticas I*. Buenos Aires: Paidós, 2009. p. 72-78.

_____ (1967). Apêndice a “La localización de la experiencia cultural”. In: WINNICOTT, D. *Exploraciones Psicoanalíticas I*. Buenos Aires: Paidós, 2009. p. 242-245.

Sobre o amor transferencial

About the transference love

Sobre el amor de transferencia

Carolina Cibella

Em formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Mestranda em Psicologia Clínica (Casal e Família) na PUC-Rio. Graduação em Psicologia (UFRJ) e Letras (UERJ). E-mail: carolinacibella@yahoo.com.br

Resumo

O tema deste trabalho consiste na discussão do conceito de transferência e seu difícil manejo na situação analítica, sobretudo em casos de amor transferencial. Trata-se de um trabalho teórico-clínico, em que será feito um recorte do tema, privilegiando o texto freudiano, apesar de se considerar também a contribuição de autores contemporâneos. À luz da teoria, será discutida uma vinheta clínica de um atendimento em que se apresentava uma mistura de intensos sentimentos amorosos e hostis na relação transferencial.

Palavras-chave: transferência; amor transferencial; clínica psicanalítica.

Abstract

The subject of this paper is the reasoning of the concept of transference and its difficult handling in the analytic situation, especially in cases of transference love. This is a theoretical and clinical work, which will be done in a cutout of the subject, emphasizing the Freudian text, while also considering the contribution of contemporary authors. In the light of the theory, a clinical vignette of a treatment, in which there were a mixed of intense feelings of love and hostility in the transference relationship, will be discussed.

Keywords: transference; transference love; psychoanalytic clinic.

Resumen

El tema de este artículo es discutir el concepto de la transferencia y su manejo difícil en la situación analítica, especialmente en los casos de amor de transferencia. Este es un trabajo teórico y clínico, que se llevará a cabo en un recorte del sujeto, haciendo hincapié en el texto freudiano, mientras que también teniendo en cuenta la contribución de los autores contemporáneos. A la luz de la teoría, se tratará de una viñeta clínica de un servicio en el que tocaron una mezcla de sentimientos intensos de amor y hostilidad en la relación transferencial.

Palabras clave: transferência; amor de transferência; clínica psicanalítica.

Introdução

O tema deste trabalho surgiu a partir do interesse pelo conceito de transferência e seu difícil manejo na situação analítica. Quando Freud (1915) escreve o texto sobre o amor transferencial, este se encontra dentro de uma série de trabalhos sobre a técnica psicanalítica e, mais precisamente, nesse artigo em questão Freud se preocupa com a posição dos jovens analistas no manejo do amor transferencial. Considero, portanto, um tema oportuno para o início de uma formação psicanalítica.

A inspiração não veio, contudo, somente da teoria, mas sim também da clínica, em que pude me deparar com casos de difícil manejo transferencial. Estes casos não chegam a se configurar como transferência amorosa ou erótica propriamente ditas, no entanto, são situações que demandam uma reflexão acerca desse fenômeno tão complexo que a situação analítica propicia. No final do texto, será feita uma ilustração clínica do fenômeno da transferência.

Inicialmente, será importante apresentar o conceito de transferência e alguns pontos levantados por Freud em

seus textos sobre a técnica psicanalítica para, posteriormente, entrar em nosso foco: o amor transferencial. É importante destacar que este trabalho é um recorte do tema e que trabalharemos principalmente com o texto freudiano, apesar de considerar a contribuição de alguns autores contemporâneos. Não iremos, portanto, nos aprofundar nos diversos desenvolvimentos do conceito de transferência que foram feitos posteriormente a Freud.

1 O conceito de transferência

No *Vocabulário da psicanálise*, Laplanche e Pontalis (2008) conceituam transferência como “[...] o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica”. Acrescentam, ainda, que “trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 514). Veremos, então, como Freud inicialmente trabalhou esse conceito.

No texto *A dinâmica da transferência* (1912), Freud pontua que cada indivíduo tem um método específico de se conduzir na vida erótica, ou seja, um modo que estabelece de se apaixonar, uma maneira de satisfazer suas pulsões. A hipótese de Freud é a de que esse modelo de direcionamento da libido será repetido com a figura do analista através da transferência. Contudo, Freud (1912) diz que na análise a transferência surge como a mais poderosa resistência ao tratamento. Nas psicose neuroses, a libido inconsciente é aumentada e parte dela entra em regressão, revivendo imagens infantis do indivíduo – o tratamento analítico tem o objetivo de tornar essa libido consciente.

Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, entre a com-

preensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. É nesse campo que a vitória tem que se conquistada – vitória cuja expressão é a cura permanente da neurose. (FREUD, 1912, p. 119).

Entretanto, a questão colocada por Freud é o fato de não fazer sentido a transferência propiciar resistência, já que, de início, pensaríamos que o paciente se sentiria confortável com seu analista para lhe contar tudo o que passa consigo. O ponto crucial é que a transferência não só manifesta sentimentos afetuosos e amorosos, mas também sentimentos hostis. Freud diz que “a ambivalência nas tendências emocionais dos neuróticos é a melhor explicação para sua habilidade em colocar as transferências a serviço da resistência” (Freud, 1912, p. 118).

Freud, no texto *Recordar, repetir e elaborar* (1914), pontua sobre momentos na análise em que “[...] podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1914, p. 165). Tal atuação ocorrerá principalmente na relação transferencial e diz Freud: “[...] a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido [...]” (FREUD, 1914, p. 166).

Portanto, quanto maior é a resistência, maior a atuação vai substituir o recordar. Segundo Freud (1914), com o desenvolvimento da análise, a transferência, que inicialmente era positiva, pode se tornar hostil ou muito intensa, o que necessita uma repressão e, portanto, a atuação se faz presente no lugar da recordação do passado, que passa a se repetir. O esforço da análise está em manter na esfera psíquica os im-

pulsos que o paciente desejaria expressar na esfera motora (Freud, 1914) e tal esforço é alcançado através do manejo da transferência. Freud (1914) qualifica a transferência como um *playground*, onde o paciente vai nos apresentar as pulsões patogênicas que estão ocultas em sua mente.

A primeira vez que Freud indica que a transferência, apesar de ser o maior obstáculo ao tratamento, é também o maior aliado do analista, quando este consegue traduzi-la ao paciente, foi no caso Dora (1905). Com Dora, Freud não conseguiu perceber a tempo o fenômeno da transferência, pois, segundo ele, ficou preso ao material patogênico trazido por Dora, não podendo, portanto, estar atento aos primeiros sinais da transferência – como, por exemplo, em seu primeiro sonho, quando Dora “avisa” sobre o abandono do tratamento, através da figura de quem foge de um incêndio junto com o pai, que poderia ser uma condensação do próprio pai, do Sr. K e de Freud. Como Freud não trabalhou essa transferência que se apresentava, Dora acaba abandonando o tratamento, ou seja, atuando uma parte de suas lembranças infantis em vez de reproduzi-las no tratamento.

2 Sobre o amor transferencial

Freud, no texto *Observações sobre o amor transferencial* (1915), começa dizendo que os iniciantes em psicanálise costumam se sentir alarmados com as dificuldades de interpretar as associações do paciente e lidar com o material recalçado; contudo, aponta que as únicas dificuldades realmente sérias são aquelas ligadas ao manejo da transferência. Mais precisamente, Freud está falando da dificuldade que o analista encontra quando uma paciente afirma ter se apaixonado por ele, como qualquer outra mulher o faria. Freud (1915) afirma ser esse um assunto aflitivo e que se fazia necessário enfrentá-lo, uma vez que o tema já tinha sido desprezado

pela psicanálise, quando Breuer se deparou com a transferência difícil de manejar no caso de Anna O. Em *A História do movimento psicanalítico* (1914), Freud afirma que tinha:

[...] fortes razões para suspeitar que, depois de ter aliviado todos os sintomas de sua cliente, Breuer deve ter descoberto por outros indícios a motivação sexual dessa transferência, mas que a natureza universal deste fenômeno inesperado lhe escapou, resultando daí que, como se tivesse sido surpreendido por um ‘fato inconveniente’, ele tenha interrompido qualquer investigação subsequente. (FREUD, 1914, p. 22).

Quando uma paciente se apaixona por seu analista, três desfechos são possíveis para um leigo, segundo Freud (1915): ceder ao amor e fazer a união; interromper o tratamento, separando analista e paciente; ou manter um relacionamento amoroso ilícito, continuando o tratamento. Freud coloca, no entanto, que a psicanálise encara as coisas de um ponto de vista diferente, portanto, o analista não deve considerar o amor da paciente atribuído aos seus encantos enquanto pessoa, mas sim compreender que o enamoramento é suscitado pela situação analítica. Para o analista, o fenômeno indica que ele deve estar atento a tendências contratransferenciais que possam estar em sua mente; para a paciente, as suas alternativas são: ou abandonar o tratamento ou aceitar enamorar-se por seu analista.

Freud (1915) aponta ainda que não é o caso de mudar de analista, uma vez que o fenômeno se repetirá; inclusive, quando os familiares insistem em mudar para outro tipo de tratamento da neurose, que não o psicanalítico, é uma pena, pois o amor transferencial não poderá ser trabalhado por outro método, que não o da psicanálise. Como Freud já tinha dito no caso Dora (1905), a psicanálise não cria a transfe-

rência, mas sim a revela, o que outros tipos de tratamentos não fazem.

De acordo com Freud (1915), não há benefícios para o tratamento no fato de ocorrer uma transferência amorosa ou erótica, uma vez que a paciente passa a abandonar seus sintomas, acha que está boa, não tem mais compreensão e interesse no tratamento, mas sim só enxerga seu amor pelo analista. Freud, então, reflete que tal amor é uma expressão da resistência, uma vez que se trata de um fenômeno que interfere na continuação do tratamento. Afirma, ainda, que a manifestação desse amor ocorre no momento em que se tenta recordar algum material aflitivo recalcado de sua história, portanto, atua, no lugar de recordar.

Freud (1915) assume a posição, não de atender às exigências da moral, ou seja, instigando a paciente a suprimir ou sublimar seus desejos eróticos pelo analista, mas sim adota a posição psicanalítica de lidar com esse “espírito dos infernos” (Freud, 1915, p. 181), que foi trazido à consciência pela situação analítica. Tal posição não significa retribuir os sentimentos amorosos da paciente com o intuito de acalmá-los, uma vez que essa postura não pressupõe a sinceridade exigida pela relação analítica, assim como fere a regra básica de que o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência.

Segundo Freud (1915), se o desejo de amor da paciente fosse retribuído, ela “teria tido êxito em atuar (*acting out*), em repetir na vida real o que deveria apenas ter lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos” (FREUD, 1915, p. 183). Ao mesmo tempo, o analista não deve se distanciar do amor transferencial, repelindo-o, mas sim o utilizando como uma ferramenta para que se remonte às origens inconscientes do psiquismo, uma vez que esse amor se constitui como “repetições e cópias de relações anteriores, inclusive infantis” (FREUD, 1915,

p. 185). No entanto, Freud (1915) coloca uma questão importante: apesar de esse amor ser uma repetição de uma condição infantil, não deixa de ser um amor real – que, sabemos, acaba funcionando como resistência ao tratamento – mas que, como todo amor, tem o caráter de reproduzir protótipos infantis. A diferença consiste no fato de que o amor transferencial é provocado pela situação analítica e intensificado pela resistência, ao passo que o amor normal abarca um certo grau de transferência, mas também muitos outros afetos.

Freud finaliza o texto sobre o amor transferencial afirmando que o analista deve ensinar sua paciente a superar o princípio do prazer, abandonando uma satisfação mais imediata por uma outra distante e incerta, mas social e psicologicamente aceitável. Diz ainda que a psicanálise não deve ter medo de manejar os mais perigosos impulsos mentais para obter domínio sobre eles em benefício do paciente (FREUD, 1915).

Sobre o fenômeno da contratransferência, presente também nessas situações de amor transferencial, Freud, no texto *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), afirma que o analista que coloca seu inconsciente como “órgão receptor” à disposição da transmissão do inconsciente do paciente deve ter “passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz” (FREUD, 1912, p. 129). Freud está falando sobre o fenômeno da contratransferência, ainda que sem denominar claramente. Na continuação do texto, fala que o analista deve ser opaco aos seus pacientes, agindo como um espelho, mostrando não mais do que lhe é mostrado. Consideramos que tal posição freudiana já foi desenvolvida por muitos autores posteriores, a partir do entendimento de que a contratransferência também é uma ferramenta do processo analítico, e não um entrave, como parece ser a posição de Freud em 1912.

3 A transferência amorosa na clínica de hoje

Walter Santa Rosa (1997), no artigo “Transferência erótica na relação analítica: alavanca ou impasse?”, busca mostrar, a partir de um relato clínico, como a transferência erótica pode nem sempre ser um entrave ao processo analítico. Santa Rosa relata ter vivido um caso de apaixonamento de uma paciente por ele, que só pôde ser melhor conduzido quando o analista ouviu de onde vinha aquele amor tão intenso, apesar de muitas interpretações anteriores terem parecido ser em vão.

O analista percebeu que, se ficasse lutando contra suas defesas em relação à vivência transferencial desse amor, só acentuaria a transferência erótica – segundo Santa Rosa, “parece que a paciente sente que o terapeuta não está suficientemente seguro em sua posição de analista, defendendo-se com interpretações, explicações ou aulas teóricas” (SANTA ROSA, 1997, p. 653). Santa Rosa levanta um ponto importante de que os psicanalistas jovens muitas vezes ficam presos à técnica psicanalítica e deixam de lado a empatia, que é muito necessária ao tratamento. Além disso, o autor coloca a dificuldade da fixação de honorários muito baixos do jovem analista na relação com a transferência erótica – Conrad Stein (*apud* SANTA ROSA, 1997), por exemplo, pensou em elevar em demasia seus honorários para que a paciente não continuasse em terapia. Santa Rosa (1997, p. 654) acha “que o analista jovem se pergunta se será capaz de suportar essa carga transferencial idealizadora do paciente, se defende e sem perceber reforça esta carga”.

O autor coloca que as pessoas sujeitas à transferência erótica apresentam uma maior vulnerabilidade narcísica, sendo pacientes mais vulneráveis e sensíveis, que percebem o momento do terapeuta. Sendo assim, quando percebem o analista não empático, encontram espaço para

um impasse no processo analítico. Santa Rosa (1997, p. 655) afirma que:

[...] quando paciente e terapeuta se ‘encontram’ no setting analítico, a transferência idealizadora se dá, não havendo necessidade de um ‘espaço a mais’ ou qualquer outro ‘encontro’ que não seja o analítico. Parece que, não havendo este encontro no setting analítico, haverá fora dele como nos mostra a transferência erótica.

Sua conclusão é, portanto, que a transferência erótica surge quando falha a transferência idealizadora. Isso porque, segundo Santa Rosa, é necessário que surja um clima de enamoramento, um interesse entre paciente e analista para o sucesso da análise – nesse caso, uma transferência idealizadora que encontra do outro lado um analista empático. Contudo, trata-se de um “enamoramento salutar”, de acordo com Santa Rosa, impedindo que ocorra um enamoramento de outro tipo, fora do *setting*, fruto aí de uma transferência erótica.

Santa Rosa busca, então, uma nova compreensão da transferência erótica, não só encarando-a como resistência, conforme Freud colocava, mas sim como uma possibilidade de trabalhar a interação analista-analisando, quebrando o que poderia ser interpretado como resistência (SANTA ROSA, 1997). O autor coloca uma questão importante de que o analista deve conseguir “morrer” para seu paciente depois que seu amor transferencial passe, pois a relação idealizadora um dia vai acabar, assim como funcionam os pais, que devem lidar com a dor quando os filhos crescem e partem.

Conforme colocado no início, nunca vivenciei um caso de transferência erótica com pacientes em análise; contudo, já me deparei com um caso em que havia uma mistura de intensos sentimentos amorosos e hostis na relação transferencial, que se relacionavam também com a configuração psí-

quica limite do paciente. Tratava-se de um jovem rapaz homossexual, que procurou tratamento devido a tentativas de suicídio e uso abusivo de álcool e remédios, relacionados com uma dificuldade de fazer o luto de um relacionamento afetivo que acabara.

Durante todo o tratamento, o paciente colocava em teste o enquadre psicanalítico, tentando, por exemplo, saber dados da minha vida pessoal, faltar a muitas sessões e, quando ia, ficava em silêncio e pedia para que eu lhe fizesse perguntas, ou mesmo falava “abobrinhas” sem chegar a expressar o sofrimento que lhe trouxera ao tratamento. Entendia isso como uma dificuldade de ele falar de si e de estabelecer um vínculo comigo – o que está, portanto, de acordo com as ideias de Freud sobre a transferência como resistência. Ao mesmo tempo em que havia uma conexão comigo, ele buscava sempre encobrir a angústia através até mesmo do recurso do humor, mas não no sentido de um humor criativo e potencializador, mas de um humor de quem dá a volta por cima do sofrimento, passando de passivo para ativo.

As atuações dele iam, contudo, além de faltas, atrasos e perguntas direcionadas a mim. Quando se tocava num conteúdo aflitivo, ele expressava o desejo de fumar durante a sessão – eu tinha, portanto, que frear essa sua tentativa de atuar o que ele não podia manter na esfera psíquica. Outras vezes, no início da sessão, antes de começar a falar, elogiava o que eu estava vestindo, principalmente os sapatos. Certa vez, depois de fazer um desses elogios, começou a contar de seus inúmeros casos e falou que, mesmo sendo homossexual, já tinha ficado na noite com mulheres também. Ele sempre buscava dar um tom sedutor às suas colocações e eu entendia isso como um mecanismo usado para tentar me tirar do lugar de analista, numa vontade de me colocar na posição de vítima de suas seduições.

Numa dessas sessões, no primeiro ano de tratamento, disse-me no caminho de entrada do consultório que eu estava mais bonita e perguntou se eu tinha me casado – o curioso é que justamente nesse período estava pensando em me casar; o que confirma a tese de Santa Rosa (1997) de que os pacientes sensíveis e mais sujeitos à transferência amorosa percebem o momento de terapeuta. A transferência até mesmo idealizada que tinha comigo parecia fazer com que ele não quisesse mostrar esse lado tão sombrio de sua vida passada, que incluía tentativas de se matar, automutilações, uso de ansiolíticos em excesso, fora a frustração na vida amorosa e profissional, que se mostrava bastante vazia. Parecia que as atuações dele no espaço analítico estavam no lugar da recordação de seu passado cercado de sofrimento, assim como Freud tinha postulado em 1914.

Ao refletir sobre esse caso clínico junto com a teoria, penso que Santa Rosa (1997) está certo ao dizer que os pacientes narcísicos estão mais sujeitos ao fenômeno da transferência erótica – que, no meu caso, estava mais para uma transferência intensa (amorosa e hostil), que no início do tratamento quase chegou a colocar em xeque a relação terapêutica. Esse paciente relatado parecia apresentar um funcionamento “falso self”, uma vez que buscava se afastar do sofrimento, criando uma espécie de máscara, pois assim ele permanecia sob controle. Recusando-se a falar sobre o sofrimento, ele também se recusava a aceitar a minha posição de analista, não aceitando a diferenciação e o limite.

Essas questões puderam começar a ser trabalhadas, ainda que com bastante resistência dele – percebida, inclusive, através das diversas faltas que costumavam ocorrer. Acredito, contudo, que, através da transferência empática que conseguimos estabelecer ao longo do tempo, o tratamento pôde avançar, apesar de em muitos momentos eu ter me en-

contrado com dificuldades de manejar os sentimentos ambivalentes que apareciam na contratransferência.

Considerações finais

As provocações ou atuações desse paciente talvez não fossem somente um teste, mas um medo de não conseguir ter ou de perder o meu amor, assim como tinha perdido o amor de seu namorado, o que, junto com todas as vivências infantis que vinham à tona com essa perda, fez com que ele recorresse ao ato extremo de tentar tirar a própria vida. Nesse sentido, concordo com Santa Rosa (1997, p. 659), quando ele diz que:

Na relação analítica, portanto, mais do que em qualquer outro lugar, a libido está ligada a seus objetos e a sua perda é causa de indescritível sofrimento. Esse receio de amar e perder parece criar o erotismo entre paciente e analista. Não se trata, portanto, de um teste que o paciente faz com seu analista, como frequentemente ouvimos, mas um recurso extremo de não perder o amor de seu analista.

Entendemos, portanto, essa transferência intensa – que, em certos casos, toma formas de transferência erótica ou amorosa – como sendo esse último recurso de alguém que resiste ao enquadre analítico e às recordações que insistem em se mostrar em ato, no lugar de permanecerem na esfera psíquica e da fala. Nesse sentido, concordamos com Santa Rosa sobre o fato de que a transferência erótica surge quando falha a transferência idealizadora, esta sim essencial para o progresso da análise.

Referências

FREUD, S. (1912). *A dinâmica da transferência*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII.

_____. (1914). *A história do movimento psicanalítico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

_____. (1905[1901]). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.

_____. (1915[1914]). *Observações sobre o amor transferencial* (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII.

_____. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII.

_____. (1914). *Recordar, repetir e elaborar* (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANTA ROSA, W. Transferência erótica na relação analítica: alavanca ou impasse? *Boletim Científico da SPRJ*, v. XVIII, n. 4, 1997.

108  Carolina CIBELLA. Sobre o amor transferencial, p. 95-108.

Reflexões em Psicanálise



Adolescentes em situações de conflito com a lei, abandono familiar e adicção às drogas: realidade psíquica e realidade social

Teenagers in conflict with the law, family abandonment and drug addiction: psychic reality and social reality

Adolescentes en situaciones de conflicto con la ley, de abandono familiar y/o de adicción a las drogas: realidad psíquica e realidad social

Almira Rodrigues

Socióloga e doutora em sociologia pela UnB. Analista em formação pelo Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília, vinculada à Febrapsi, FEPAL e IPA.
E-mail: almira.rodrigues@gmail.com

Resumo

A autora propõe uma reflexão sobre um grupo específico de adolescentes – aqueles envolvidos em situações de transgressão e conflito com a lei, de abandono familiar e de adicção às drogas. Visando a compreensão desse grupo destaca alguns trabalhos psicanalíticos sobre dinâmicas familiares que comprometem o desenvolvimento psíquico de crianças e adolescentes, deixando-os vulneráveis a atuações e expressões destrutivas. Traz também para o debate alguns estudos e pesquisas sobre instituições brasileiras que abrigam estes adolescentes, os quais problematizam a capacidade dessas instituições exercerem a função materna e a função paterna a que estão sendo demandadas.

Ao final, apresenta propostas visando contribuir para o enfrentamento dessas situações a partir de uma articulação das perspectivas psicanalítica e sociológica.

Palavras-chave: adolescente; conflito com a lei; adição; função materna; função paterna.

Abstract

The author proposes a reflection on a specific group of teenagers - those involved in cases of transgression and conflict with the law, family abandonment and drug addiction. The paper highlights some psychoanalytic studies about family dynamics that affect the psychic development of children and teenagers making them vulnerable to impulsive actions and destructive expressions. It also brings to the debate a few studies on Brazilian institutions that house these teenagers, evaluating their ability to fulfill exercise maternal function and paternal function on behalf of the society. Finally, the paper puts forth a proposal to deal with the challenges identified from the combination of psychoanalytic and sociological perspectives.

Keywords: teenager; conflict with the law; addition, maternal function; paternal function.

Resumen

La autora propone una reflexión sobre un grupo específico de adolescentes – aquellos involucrados en situaciones de transgresión y conflicto con la ley, de abandono familiar y/o de adicción a las drogas. Con la finalidad de comprender a este grupo se resaltan algunos estudios psicoanalíticos sobre dinámicas familiares que comprometen el desarrollo psíquico de niños y adolescentes, dejándolos vulnerables a actuaciones y expresiones destructivas. La autora también recurre a algunos estudios e investigaciones sobre instituciones brasileiras que abrigan a estos adolescentes. Estos estudios problematizan la capacidad de estas instituciones para ejercer la función materna y la función paterna para las que son demandadas. Finalmente, la autora presenta propuestas para contribuir al enfrentamiento

de estas situaciones a partir de una articulación de las perspectivas psicoanalítica e sociológica.

Palabras clave: adolescente; conflicto con la ley; adicción; función materna; función paterna.

Estas reflexões têm como objetivo contribuir para o debate sobre um grupo específico de adolescentes brasileiros – adolescentes com histórico de transgressão e conflito com a lei, de abandono familiar e de adicção às drogas – a partir de uma interlocução de vértices de observação e análise de cunhos psicanalítico e sociológico.

Adolescência e contemporaneidade

Inicialmente é importante pensar sobre a adolescência enquanto uma fase singular da existência e do desenvolvimento humano. Os psicanalistas que se dedicam à temática convergem no entendimento de que constitui uma fase de grande tumulto emocional e ambivalência: fase de trânsito e, conseqüentemente, de luto da infância, dos pais da infância, e do próprio corpo (PETRACCO, 2007); de reedição do início da homossexualidade (MOURA, 1998); tempo de subjetivação, de ruptura com o ideal narcísico dos pais e de construção de um ideal do eu (MARIN, 1998); de fuga do mundo exterior e refúgio temporário no mundo interno para enfrentar a entrada no mundo adulto (ABERASTURY, 2002); e principalmente, fase de atuação, em busca da satisfação imediata, em contraponto ao brincar da infância e à comunicação via linguagem dos adultos (FLECHNER, 2008).

Outeiral (1998) busca referências nas noções de *processos primário e secundário* para traduzir esta fase. Sigmund Freud, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), diferencia o *processo primário*, que se pauta pelo princípio do prazer, do *processo secundário*, que

tem como referência o princípio de realidade, possibilitando os processos de adiamento e substituição. Em outros termos, o funcionamento baseado no processo secundário aponta para o fortalecimento e a ampliação das funções do Ego. Outeiral (1998) constata, então, que a adolescência se constitui de movimentos progressivos - em que predomina o processo secundário, com prevalência do pensamento abstrato e dos modelos verbais de comunicação, e movimentos regressivos - em que predomina o processo primário, que funciona a partir do pensamento concreto e do agir como modelo de comunicação.

A partir das características apontadas, podemos estabelecer alguma conexão entre adolescência e contemporaneidade, enquanto tempos que apresentam traços convergentes em âmbito dos sujeitos e das sociedades? Seguindo esta possibilidade, reportamo-nos a Moura (1998) que destaca a proliferação de uma “estética realista”, marcada pela excitação violenta e concreta, um esvaziamento do imaginário e do simbólico e uma hegemonia da ação sobre a reflexão nos tempos atuais. O autor constata que a velocidade das satisfações elimina a vivência da falta, evidenciando-se, paralelamente, uma proliferação de estruturas psicossomáticas e de adicções. Nesse sentido, podemos pensar que o contexto de contemporaneidade está em sintonia com o estado de adolescência (em termos de atuação) sendo necessário um sobre-esforço na atualidade para se fazer a passagem a um estado adulto, de assunção de autonomia e de responsabilidades, consigo próprio e com os outros.

Adolescência em condições familiares e socioeconômicas específicas

Se a fase da adolescência, por si só, alude a uma turbulência emocional pode-se especular sobre a sua potenciali-

114 Almira RODRIGUES. *Adolescentes em situações de conflito com a lei, abandono familiar e adicção às drogas: realidade psíquica e realidade social*, p. 111-126.

zação quando vivenciada em condições particularmente difíceis, de ausência de objetos bons internacionalizados e/ou de imensas privações materiais e/ou, ainda, de fortes discriminações baseadas em dimensões de sexo/sexualidade/gênero, étnico-racial, saúde física e mental, condição sócioeconômica e cultural.

Considerando que o que transcorre na adolescência em parte já vem pré-formado nas etapas anteriores (infância, latência e puberdade), propomos o foco na perspectiva psicanalítica das primeiras relações familiares como uma forma de acercamento desse grupo específico de adolescentes. A psicanálise, em especial, tem posto ênfase sobre os primeiros anos de vida como um tempo decisivo para a estruturação do ego e a constituição psíquica dos sujeitos.

Donald Winnicott (1987), em seu livro *Privação e Delinquência*, fala de uma “mãe suficientemente boa” que acolhe as demandas do bebê, que é continente para as suas angústias e que funciona como um escudo protetor e ego auxiliar. Em oposição a este contexto familiar, coloca a situação de privação, distinguindo dois aspectos: *deprivação* - perda de um bom objeto, o que significa que a criança teve a referência de uma boa relação materna e depois perdeu, situação esta desencadeadora de tendências antissociais; e *privação*, estado em que a criança jamais teve a referência de uma boa relação materna, apontando para o desencadeamento de doenças mentais no campo da psicose. Outeiral (1998) observa que quando a mãe não exerce o papel de escudo protetor e ego auxiliar ocorre um desvio de papel para duas outras situações: uma simbiose ou uma fuga para uma rejeição. Moura (1998), por sua vez, destaca três tipos de desarmonia nas relações objetais: *privação* – decorrente de mãe depressiva, ausente ou deslibidinizada; *instabilidade e inconstância* referidas à mãe impulsiva e agressiva; e mãe *só presença*, que não possibilita que o bebê vivencie a ausência ou falta, apontan-

do para a ausência da função paterna e a não organização da castração.

A incapacidade de o grupo familiar acolher e transformar as angústias da criança (com destaque para a figura materna por sua preponderância) produz consequências graves, entre as quais, apatia ou transbordamento emocional que tende a impedir ou comprometer a capacidade de pensar. Wilfred Bion (1962), em sua *teoria do pensamento*, constata que a tolerância à frustração é fundamental para o desenvolvimento do pensar; e, quando insuficiente, desenvolvem-se mecanismos de fuga ou de onipotência. A tolerância à frustração em parte é constitucional e em parte é desenvolvida mediante a capacidade de *rêverie* da mãe, de sua continência para acolher e transformar a angústia da criança em elementos que contribuam para o seu desenvolvimento emocional, conforme desenvolve Bion. Para o autor, o processo de análise enquanto experiência emocional única também constitui uma oportunidade real de crescimento mental – de expansão na relação continente-contido (capacidade de acolher conteúdos); de transformação de elementos sensoriais e emocionais disruptivos em elementos psíquicos; e de realização de um processo de tornar-se si mesmo.

A socialização das crianças demanda dos adultos algumas funções básicas, entre as quais podemos destacar: o *acolhimento* - atendimento das necessidades das crianças em todas as dimensões; a *colocação de limites* - nas expressões afetivas e sexuais, verbais e comportamentais das crianças; e a *abertura de horizontes* - possibilidades em termos de afetos, ideias, práticas e projetos de vida, inclusive com base em processos de adiamento e substituição. Segundo o sistema de gênero das sociedades patriarcais, convencionou-se relacionar a *função materna* (representada psíquica e socialmente pela ideia de acolhimento) com a *figura da mãe* (do feminino), e a *função paterna* (representada psíquica e socialmente pela

colocação de limites e abertura de horizontes) com a *figura do pai* (do masculino). No entanto, estas funções, fundamentais para a estruturação e o desenvolvimento dos seres humanos, não necessariamente precisam ser exercidas por estas figuras, podendo ser realizadas por um ou mais adultos maduros, independentemente de sexo/gênero, e mesmo por instituições sociais, mediante seus integrantes (RODRIGUES; VIEIRA, 2011).

O contexto familiar é o primeiro espaço de socialização e de “domesticação” da expressão das pulsões sexuais e agressivas, essencial para a vida em sociedade. Se este espaço falta e falta também o espaço público de acolhimento e socialização dessas crianças e adolescentes, as perspectivas são sombrias, apontando para cenários de desintegração e cisão psíquica, negação e ódio da realidade, não internalização da Lei, atuação e excitação-anestesiamento de jovens.

Como se pode constatar, as “falhas” e seus desdobramentos nas primeiras relações objetais não necessariamente estão associadas a uma precária condição sócioeconômica familiar, mas, quando isso acontece, a situação tende a apresentar imensa dramaticidade, pois a *falta*, além de simbólica e imaginária, é concreta, e as crianças e adolescentes vivenciam situações de profunda privação material e de humilhações e ressentimentos, o que pode comprometer os processos de integração e de construção de identidade e de alteridade.

O processo de socialização das crianças, em âmbitos privado e público, vem sofrendo transformações na contemporaneidade: as crianças não são mais consideradas como seres passivos, meras extensões dos pais, sem direito a voz e a vontade própria, como ocorria antigamente. Relações mais igualitárias estão sendo construídas entre pais-mães/filhos e educadores/educandos, a exemplo de relações mais simétricas entre mulheres e homens em suas relações erótico-amorosas e conjugais. A tendência à democratização nas re-

lações de gênero e nas relações etário-geracionais é fruto do questionamento e de rupturas paulatinas com as estruturas e mentalidades patriarcais, possibilitando a emergência de práticas sociais mais igualitárias e democráticas.

Adolescentes em conflito com a lei, abandonados e usuários de drogas - o papel das instituições

A seguir, apresentamos algumas reflexões e estudos de caso que abordam especificamente as situações destacadas. Outeiral (1998) chama a atenção para o fato de que no grupo dos adolescentes excluídos – a estimativa é de cerca de 20 milhões de menores desfavorecidos no Brasil – a adolescência ocorre mais cedo e é abreviada, gerando uma pseudo-maturidade.

O contexto de privação e exclusão social alude a uma situação não apenas de “falta de” carinho, cuidados, oportunidades, mas, também, a uma situação de “presença de” abusos recorrentes e de todos os tipos – físico, sexual, psicológico, que se traduzem em maus tratos, espancamentos, exploração sexual, desqualificações e humilhações diversas. Assim, o envolvimento com a violência passa a ser uma constante na vida desses jovens, tanto no sentido de uma violência sofrida quanto no sentido de uma violência praticada.

Winnicott (1987), no estudo já referido, destaca a falha ambiental precoce, principalmente na função materna, como um aspecto básico da tendência antissocial. Observa que o *ato antissocial* funciona como um pedido de socorro e de ajuda; pode também significar uma demanda de reconhecimento; e carrega um sentimento de esperança. Esta perspectiva, de base pré-edípica, pode ser combinada com uma perspectiva edipiana, com destaque para a falha na internacionalização da Lei, do limite, da castração, expressa na noção de déficit de função paterna, o que acarreta, conseqüentemente, o comprometimento na constituição do superego nos adolescentes.

118 Almira RODRIGUES. *Adolescentes em situações de conflito com a lei, abandono familiar e adicção às drogas: realidade psíquica e realidade social*, p. 111-126.

Conforme Petracco (2007), a problemática do adolescente em conflito com a lei merece ser entendida como um sintoma social e o ato infracional pode ser concebido como manifestação que ocupa o lugar do adiamento da satisfação; como o pensar antes do agir; como o ato no lugar das palavras. As instituições são demandadas a colocar limites a estes jovens, são chamadas a exercer uma “função paterna” que faltou e, nessa medida, não pôde ser internalizada pelos adolescentes. Segundo a autora, que atendeu adolescentes que cumpriam medidas de *liberdade assistida* e *prestação de serviços à comunidade*, o adolescente, ao cometer uma infração, pode estar justamente legitimando a existência dessa função paterna – a interdição, a Lei¹.

Segundo Goldenberg (1998), que desenvolveu uma pesquisa com jovens com processos judiciais por alguma infração, os mesmos vivem ainda uma *relação dual* (imaginária) em que o *terceiro* não entrou na constelação familiar. Observa que a mãe que não teve o *terceiro* em seu desenvolvimento infantil e na vida atual tende a colocar na criança uma excessiva carga de amor genital, e acaba buscando no juiz esse pai para exercer uma função educativa. Assim, em um ambiente com muitas falhas e perturbações, o juiz passa a exercer a função paterna no inconsciente da criança e do adolescente. Constata que o ato infracional é uma denúncia de que o pai simbólico está ausente; e os jovens acabam transferindo para o juiz a esperança de ter o pai que não tiveram.

Os atos infracionais são realizados, em sua grande maioria, por adolescentes do sexo masculino. A análise segundo uma perspectiva de gênero – que considera as seme-

¹ Os jovens que cometem atos infracionais são submetidos a medidas socioeducativas pelo Poder Judiciário brasileiro, classificadas segundo o grau de gravidade: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade; semiliberdade; e internação em estabelecimento educacional.

lhanças e diferenças dos percursos, motivações, fantasias e representações de meninos e de meninas que praticam atos infracionais – embora não seja frequente, contribui para a compreensão dos fenômenos e possibilita melhores recursos para possíveis intervenções sociais. No geral, os meninos e as meninas oriundos de camadas pobres que cometem atos infracionais trazem muitas mágoas pelo abandono afetivo e material que vivenciaram e/ou vivenciam. Apesar de carências básicas comuns, consideramos pertinente e importante a análise de possíveis singularidades de cada subgrupo, a partir de perspectivas psicanalítica e sociocultural, ficando aqui um registro dessa lacuna nos estudos consultados.

Já no que tange às crianças e adolescentes que vivem em instituições por condição de pobreza, Ramos (2004) observa que elas trazem uma bagagem de desilusão e dano narcísico; não puderam ser cuidadas e amparadas, não puderam ficar em casa e vivem hospedadas e albergadas, sugerindo a imagem do “exílio da casa materna”. Observa que é a partir do narcisismo e de suas transformações oriundas das identificações com os pais e substitutos que irá constituir-se o ideal do ego.

Ainda no que se refere a este segmento em particular, Marin (1998), constata em seu estudo sobre instituições e programas de acolhimento a jovens “abandonados” ou “carentes desassistidos”, que é muito difícil essas instituições assumirem o lugar da Lei, da referência, pois acabam reproduzindo a violência, ainda que de forma disfarçada. A autora questiona se, de fato, o local permitiria aos jovens se defrontar com uma Lei estruturante ou se o objetivo seria o de apenas proteger a sociedade da violência. Estes jovens estão submetidos a uma exclusão gradativa do social (fracasso escolar, exploração do trabalho infantil, violência doméstica, sexual e desagregação familiar) o que gera um contato precoce com a violência. Destaca a importância de adoção de rotinas organizadas com re-

gras e com atividades que possam abrir oportunidades para as potencialidades desses jovens, sendo fundamental a discussão e participação dos mesmos na construção coletiva de acordos. Ressalta, também, que os adolescentes abandonados precocemente acabam se estruturando muito precariamente, desenvolvendo um superego e ideal de ego muito frágeis. Nessa medida, tendem a apoiar-se em seus pares (gangues e turmas) e ou nos ideais propagados pela mídia. Observa que a entrada na rede do tráfico é a forma mais fácil de eles conseguirem dinheiro e acesso aos objetos de consumo socialmente valorizados.

A partir de estudos e de observações empíricas, constata-se o embricamento das situações de conflito com a lei e de abandono dos adolescentes com a adicção às drogas. Para além do pertencimento a um grupo de pares, podemos nos perguntar sobre outras funções desse uso. Consideramos que pelo menos dois aspectos devem ser levados em conta: a *função de anestesia* frente a uma realidade muito dura e árida, de profunda falta material e/ou afetiva, e igualmente de falta de horizontes e perspectivas de mudanças; e a *função de prazer*, de um prazer mortífero, mas acessível e imediato.

Os problemas relacionados a *comportamentos de risco, adicções e somatizações* aludem a traumas ocorridos nos dois primeiros anos de vida, decorrentes das falhas nas relações objetais nessa etapa pré-edípica. Conforme analisado por Schwartzman (2004), estas situações geram compromettimentos na esfera da representação e da simbolização, e as pulsões passam a encontrar saídas via corpo (somatizações) e via atuações (adicções em geral). O funcionamento psíquico fica restrito a pensamentos concretos e ações impulsivas, reativas e violentas, imersas em sensorialidade e (des)afetos (vazios e transbordamentos).

Couto (s/d), em suas reflexões sobre o atendimento psicossocial a adolescentes dependentes de álcool e drogas,

questiona a possibilidade de acolhimento de subjetividades em toda a sua diversidade nesses centros de atendimento, uma vez que a disciplina constitui o princípio modulador das estruturas e funcionamento dessas instituições. A autora introduz um elemento de reflexão importante ao colocar a questão da disciplina como elemento passível de esvaziar e de anular a subjetividade de jovens que participam de programas de controle de uso de drogas. Assim, é importante questionar em que medida a disciplina pode ter uma função organizadora e delimitadora para os jovens nessas situações, mas também, em que medida pode ser exercida com severidade e sem modulações resultando em violência e repressão gratuita. Nesse sentido, até podemos traçar uma equivalência entre instituições sociais rígidas, distanciadas da evolução dos tempos e dos anseios de seus componentes, e superegos severos e cruéis no âmbito dos sujeitos. Lembramos aqui que o enfraquecimento do superego paralelamente ao fortalecimento do ego coloca-se como um dos objetivos de um processo de análise.

Os estados de privação material bem como de privação de boas relações de objeto vivenciados por crianças e adolescentes brasileiros têm uma dimensão de responsabilidade familiar e, outra, de responsabilidade do Estado e da sociedade. Considerando o déficit e a precarização de função materna e de função paterna em âmbito familiar, cabe primordialmente ao Estado assumir estas funções mediante suas instituições, planos e programas e orçamento público. Nessa medida, faz-se urgente a implantação e o fortalecimento de políticas públicas de atenção e acolhimento aos jovens visando protegê-los de todas as formas de violência (física, psíquica, sexual, institucional, simbólica) e, paralelamente, proporcionar-lhes oportunidades de desenvolvimento integral conforme reconhecimento dos direitos humanos fundamentais.

122  Almira RODRIGUES. *Adolescentes em situações de conflito com a lei, abandono familiar e adicção às drogas: realidade psíquica e realidade social*, p. 111-126.

Algumas considerações finais

Sabemos que as relações familiares são essenciais na constituição psíquica dos sujeitos, como também o são os elementos constitutivos e inatos, os quais, exatamente por esta condição, não são objeto de modificação direta, e sim de modulações e relativizações. No que tange às situações e relações familiares e fora desse âmbito, as possibilidades de intervenção são diretas propiciando retornos socialmente significativos.

O enfrentamento da situação deste grupo de adolescentes brasileiros – em conflito com a lei, abandonados e usuários/dependentes de drogas – alude à realização de um trabalho psíquico (intrapsíquico e intersubjetivo), no sentido de que eles possam elaborar seus conflitos, angústias e fantasias de forma a terem mais e melhores recursos para a vida. Alude, também, a possibilidades de intervenção em suas relações e situações no mundo externo. Estes adolescentes vivenciam situações que, embora distintas e delimitadas, encontram-se profundamente entrelaçadas na realidade social. Estas situações exigem investigações e intervenções específicas, articuladas com os diversos serviços públicos, baseadas na interlocução com segmentos organizados da sociedade e, particularmente, na escuta dos sujeitos objeto dessas intervenções.

Em alguma medida, as instituições e os programas destinados a essas crianças e adolescentes são demandados a exercer função materna e função paterna e, para tanto, são necessários significativos recursos humanos, financeiros e de infraestrutura. A partir desta constatação fica o questionamento sobre as possibilidades e reais condições de que estas instituições possam cumprir e exercer estas funções. Paralelamente, é fundamental que os esforços atualmente existentes, traduzidos em inúmeros programas de responsabilidade governamental e não governamental considerados de exce-

lência, possam ser mais bem difundidos, visando, inclusive, estimular a realização de iniciativas afins.

Considerando que cabe ao Estado desenvolver políticas públicas para lidar com os jovens/adolescentes em conflito com a lei, muitos em situação de abandono familiar e de dependência de álcool e drogas, entendemos que estas políticas precisam contemplar, cada vez mais, a realização de um trabalho psíquico com estes adolescentes, envolvendo psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, observados valores éticos de respeito à singularidade dos sujeitos e de promoção da cidadania. Ou seja, a ênfase na dimensão de saúde mental deste grupo de adolescentes é primordial precisando ser enfocada conjuntamente com a dimensão social de criação de oportunidades e de novos projetos de vida para estes jovens.

Um indicador substantivo de democracia e de poder-potência é o exercício do diálogo que se transforma em pactos e acordos e que pode ser pensado em vários âmbitos: diálogo intrapsíquico (entre as instâncias do ego, id e superego, e do ego com a realidade externa); diálogo nas relações sociais (pais-filhos, amigos, casais, educadores-educandos); diálogo do Estado com a sociedade civil organizada (movimentos sociais, ONGs, associações culturais, profissionais e políticas). Todas estas modalidades de diálogo e interlocução contribuem para a formação de sujeitos mais plenos e para a construção de sociedades mais humanas e inclusivas. Igualmente substantivo é o diálogo interdisciplinar, no caso em questão, das contribuições de instituições e perspectivas psicanalíticas para a compreensão de graves situações sociais visando proporcionar subsídios para transformações necessárias, possíveis e desejadas. Este foi o nosso esforço e esperamos ter contribuído para o debate.

Referências

ABERASTURY, Arminda. O mundo do adolescente. *Revista FEPAL*, n. 5, set. 2002.

BION, Wilfred R. (1962). Uma teoria sobre o pensar. In: _____. *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FREUD, Sigmund. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____. *O Caso de Schreber, artigos sobre técnicas e outros trabalhos*. Ed. Standard Brasileira, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOLDENBERG, Gita Wladimirski. O pai simbólico está ausente na criança e no adolescente infratores. In: *O adolescente e a modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

COUTO, Marilda. *Cenas do cotidiano – O menino que pulou o muro: atenção e cuidado a usuário de drogas em um CAPS AD*. Mimeo, s/d.

FLECHNER, Silvia. Sobre a agressividade e violência na adolescência. *Livro Anual de Psicanálise*, XXI, 2008.

MOURA, Wagner. Violência no corpo, violência na mente. In: LEVISKY, David Léo (org.). *Adolescência: pelos caminhos da violência; a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

OUTEIRAL, José O. Violência no corpo e na mente: consequências da realidade brasileira. In: LEVISKY, David Léo (org.). *Adolescência: pelos caminhos da violência; a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PETRACCO, Milene Mabilde. *A Psicanálise e o adolescente em conflito com a lei: um diálogo possível?* Mimeo, 2007.

RAMOS, Maria Beatriz Jacques. Narcisismo e adolescência: as (im)possibilidades de aprender. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 27, ago. 2004.

RODRIGUES, Almira C. de C.; VIEIRA, Carlos de A. *Processos psíquicos em contextos de contemporaneidade: repercussões na clínica e na formação psicanalítica*. Trabalho apresentado como Tema Livre no XXX Congresso Brasileiro de Psicanálise – Limites: prazer e realidade. São Paulo, 2011.

SCHWARTZMAN, Riva S. O conceito de recalcamiento e a busca de uma metapsicologia para as novas patologias. In: CARDOSO, Marta R. (org). *Limites*. São Paulo: Escuta, 2004.

WINNICOTT, Donald. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Hipóteses do despertar da consciência de si mesmo do indivíduo¹

Assumptions of awakening consciousness of the individual self

Supuestos del despertar de la conciencia del ser individual

Petruska Passos Menezes

Psicóloga, Psicanalista em Formação pela Internacional Psychoanalytical Association, Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Recife – Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA).
E-mail: petruska@ymail.com

Resumo: O presente trabalho procura entender o que é autoconsciência ou consciência sobre si mesmo através dos estudos baseados na hipótese do Objeto Originário Concreto, teoria desenvolvida pelo psicanalista Armando Ferrari. O estudo começa buscando entender o que é identidade ou configuração egoica, procura compreender os conceitos de Ferrari sobre o funcionamento psíquico. Ao final, procura compreender como ocorre a consciência e sua percepção sobre si, enfatizando as relações sistêmicas como construtoras do diálogo que gera a liberdade, a intenção de verdade e a melhoria das possibilidades de adaptação à vida.

Palavras-chave: Consciência de si mesmo. Diálogo. Psicanálise. Objeto originário concreto.

¹ Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise, 17 e 18 de agosto de 2012, em Aracaju.

Gostaria de fazer um agradecimento especial ao professor Eduardo Ubirajara Batista, que me auxiliou nas correções e adequações da língua portuguesa.

Abstract: This paper seeks to understand what is self consciousness or consciousness about yourself through studies based on hypothesis of Originating Object Concrete, theory developed by psychiatrist Armando Ferrari. The study begins trying to understand what is egoic identity or configuration and tries to figure out the concepts of psychic functioning. At the end, seeks to understand how consciousness occurs and its perception of itself, emphasizing the systemic relations as builders of dialogue that leads to freedom, the intention of truth and improving the possibilities of adaptation to life.

Keywords: Consciousness about yourself. Dialogue. Psychoanalysis. Object originating concrete.

Resumen: Este artículo trata de entender lo que es la autoconciencia o conciencia de uno mismo a través de estudios basados en la hipótesis de origen del objeto concreto, la teoría desarrollada por el psiquiatra Armando Ferrari. El estudio se inicia tratando de entender lo que es la identidad egoica o configuración, busca entender los conceptos de Ferrari en el funcionamiento psíquico. Al final, trata de entender cómo se produce la conciencia y su percepción de sí mismos, haciendo hincapié en las relaciones sistémicas como constructores de diálogo que conduce a la libertad, la verdad y la intención de mejorar las posibilidades de adaptación a la vida.

Palabras clave: La conciencia misma. Diálogo. Psicoanálisis. Originario del objeto concreto.

Introdução

Há pouco tempo, atendendo um paciente de 60 anos, com muita dificuldade de verbalizar o que sentia, ele me disse o seguinte: “Eu passei a vida toda me sentindo preso. É uma sensação constante de estar na beira de um imenso abismo, com as mãos amarradas, sentindo-me todo amarrado, e prestes a ser jogado, a me jogar”. Observou-se que ele conseguiu definir o que acontece com muitas pessoas ao longo de suas vidas sem que elas se possam dar conta disso.

128 Petruska P. MENEZES. *Hipóteses do despertar da consciência de si mesmo do indivíduo*, p. 127-144

Muitas vezes, prendemo-nos, amarramo-nos e, nós mesmos, colocamos limites e regras que tolhem o nosso viver. Vivemos buscando certezas que julgamos ser verdades e prendemo-nos a essas crenças como se o nosso mundo dependesse disso, e, com isso, vamos perdendo a nossa liberdade de ousar viver. Como entender essa prisão mental? E como sair dela? São especulações que vamos construir, como objetivo principal, no presente trabalho.

Pensamentos

Quando uma criança nasce, na sua investigação do mundo, no conhecer, ela utiliza padrões que possam lhe fornecer referências. Através da observação, ela busca, no outro, possibilidades de SER. Ao mesmo tempo em que isso ocorre ou, talvez, primeiramente a isso, a criança procura estabelecer um contato consigo, com seu corpo, suas sensações. A percepção de si e do outro, vai construindo o novo ser que chegou ao mundo. Essas experiências são únicas e, portanto, ninguém pode ser igual a ninguém. Cada um possui a sua *identidade*.

A identidade é a exclusão da diferença

A palavra identidade vem do latim *idem* que pode ser entendida como *mesmidade*, o que permanece o mesmo. Para permanecer o mesmo, só é considerado, tendo como parâmetro, algo que muda, algo diferente. Assim, identidade é a possibilidade de encontrar algo que seja comum e diferente de outros. Daí, poder-se dizer que *A identidade é a exclusão da diferença*. É a unidade de ser na multiplicidade, conforme assevera Stella (2000, p. 247)

Para se compreender a identidade, ela precisa de uma relação (para referência ou comparação). A criança, na cons-

trução da identidade dela, vai se descobrindo em relação ao mundo e continua até a morte. E, todo o tempo, passa a identificar o que *sou eu* e o que *não sou*. O não-eu, para a Psicanálise, é o objeto.

Esse processo de percepção é o início do processo de tomada de consciência. Também pela utilização do modelo de construção pela relação, a consciência diferencia do inconsciente pela característica de perceber-se e ao mundo, mas, mesmo assim, fazendo parte dele (do inconsciente).

Na hipótese desenvolvida pelo professor Ferrari (1995), o primeiro objeto do psiquismo é o próprio corpo. Ele estimula o desenvolvimento de uma mente que possa conter, entender, compreender e, até onde for possível, lidar com essas sensações². Essa mente e suas relações são chamadas de Binário³. O Binário, a mente e suas funções passam a funcionar em relação aos outros. Essas sensações corporais que causam angústias são observadas e acolhidas por outro, podendo ser a mãe ou um segundo objeto (indivíduo) de contato da criança - lembre-se que o primeiro objeto da mente é o corpo.

² A força do uno nos leva da dispersão a nós mesmo, de modo que eu se torne idêntico a mim mesmo. Por causa da multiplicidade, hoje isto, amanhã aquilo, ocorre em mim uma cisão, pela qual não possuo a continuidade do uno. Graças a isto, minha vida, tomada em sua totalidade, sem plano – dado que, com um plano, se arruinaria, se tornaria racional [no sentido do racionalismo formal] e finita – torna-se uma continuidade, uma unidade, para que eu possa ficar cômico de que sou em devir, de que não sou idêntico, mas me torno idêntico a mim mesmo. O uno é a origem, e no olhar para ele é buscada sua dimensão na práxis da vida. Por isso o uno é para mim, ao mesmo tempo, o absoluto da transcendência como uma, e *em mim* o uno como guia em minha realização histórica. [...] O uno é, pois, infinitamente distante, inacessível, não cognoscível, o fundamento de todo ente, e, ao mesmo tempo, ele é muito próximo, quando sou entregue a mim mesmo em minha liberdade, e chego no caminho do tornar-me-idêntico-a-mim-mesmo (JASPERS, 1990 *apud* STELLA, 2000, p. 294).

³ O Uno ao nascer entra no marasmo provocado pela intensidade das sensações. Esta condição ativa o Binário cuja função é conter e dar nova ordem ao marasmo sensorial através da dimensão da verticalidade (ROMANO; FACCHINI, 2000, p. 366).

Essa primeira pessoa, que entra em contato com o bebê, recebe essa angústia, essas sensações incômodas, compreende-as e devolve-as, dando a atenção e o acolhimento necessário. Esse acolhimento das sensações sem nome vai possibilitando ou ensinando o bebê a, também, compreender o que está percebendo, sentindo. Esse processo permite que ele possa repetir isso com ele mesmo, no seu movimento de compreensão de si consigo, ou seja, compreender seu corpo e sua mente (separando-os somente na proposta de explicá-los).

Esses dois movimentos, o de si consigo e o do eu com o outro, também foram nomeados por Ferrari (1995; 2000), como: o processo de interagir consigo de *verticalidade* ou *coordenada vertical*⁴; e o de *horizontalidade* ou *coordenada horizontal*, como sendo o movimento de interagir com os outros (objetos externos)⁵. Então, a interação consigo (coordenada vertical) e a interação com os demais objetos (coordenada horizontal) geram o espaço mental. Esse espaço mental é o que podemos chamar de identidade ou, nos termos de Ferrari, configuração egoica⁶.

Pois bem, o ser humano nasce e encontra a possibilidade de desenvolver-se através do seu interior e das relações que faz com o exterior. Suas relações interiores são chamadas

⁴ É a relação que se estabelece entre o Uno e o Binário e determina a coordenada que, pela interseção com a Horizontal, delinea e delimita a formação do espaço mental. Por meio da vertical, as sensações e emoções se movem da condição entrópica para a possibilidade de expressão, que marca a função precípua da horizontal (ROMANO; FACCHINI, 2000, p. 367).

⁵ A coordenada que, inter-seccionando a vertical, delinea e delimita o espaço mental. A horizontal, que não deve ser confundida com a relação, é a expressão do Binário, da temporalidade no estado potencial, bem como da relação com o mundo exterior, que pode dilatar-se até os limites extremos do conhecimento (ROMANO; FACCHINI, 2000, p. 363).

⁶ Conceito que indica o profundo sentido de identidade compreendido unicamente no sentido dinâmico, isto é, capaz de expandir-se e restringir-se, em relação a sua maior ou menor capacidade de estruturação, no decorrer das alternas vicissitudes da relação corpo-mente, entre Uno e Binário (ROMANO; FACCHINI, 2000, p. 361).

de coordenada vertical, enquanto que as relações com o meio são chamadas de coordenada horizontal. A dinâmica, interação dessas duas coordenadas que ocorrem ao mesmo tempo, vai constituindo um conjunto de experiências e sentimentos únicos que criam a identidade ou configuração egoica. Na construção e desenvolvimento do ser, o Uno (corpo e sensações) está junto ao Binário (mente e sensações em potencial). Com o desenvolvimento da capacidade de pensar, o ser humano passa a representar e simbolizar aquilo que sente e, assim, pode compreender, acolher e suportar melhor os impulsos da vida. Ferrari diz que, quando a mente é capaz de se colocar sobre o corpo de forma a lidar em uma outra instância com o que emerge, o OOC é eclipsado. Ou seja, os impulsos corporais são filtrados pela mente e as sensações podem ser suportadas, toleradas. O eclipse do OOC dá a possibilidade do indivíduo suportar o sofrimento, melhorando e aperfeiçoando sua capacidade de viver.

Essa possibilidade de pensar através das construções feitas pelas coordenadas, vertical e horizontal, abre espaço para a consciência. Isso é diferente de criá-la. Não é o caso, mas, sim, de expandi-la. Um exemplo relevante de como pode ser se dá pela seguinte analogia: nosso ouvido tem a capacidade de ouvir somente certas ondas sonoras e se elas vierem numa vibração maior, não conseguiremos ouvi-la; e se vierem numa vibração menor, também não as ouviremos. É como se o nosso corpo emitisse todos os tipos de vibrações sonoras e somente conseguiríamos ouvir, quando estivessem sendo emitidas na frequência que o ouvido humano pudesse ouvir. Com o eclipse do corpo, através do trabalho psíquico da mente, essa mente filtraria essas vibrações sonoras, de forma a transformá-las em uma melodia possível de ser sentida, ouvida. Desta forma, podendo ouvir as vibrações filtradas pela mente, podemos tentar compreendê-las e lidar melhor com elas.

Nessa comparação, digamos que a parte não-possível de ser ouvida, mas existente, presente e atuante, é o Inconsciente. E a parte ouvida é o Consciente. Enquanto inconsciente, existe uma vibração que, mesmo com todo o aparato mental existente, não irá conseguir representar, simbolizar. Mas, quanto maior esse aparato, maior é a possibilidade de compreender mais frequências sonoras.

Percepção e consciência

Para Stella (2000, p. 269), “Nenhum conhecimento apreende a verdadeira realidade, embora não possa não pôr-se em virtude dessa *intenção*”.

No processo do conhecer humano, um fato é real: nunca conseguiremos nos conhecer e conhecer a realidade por inteiro. Isso ocorre por dois principais motivos: o primeiro é que nosso aparelho perceptivo é limitado e nunca apreende a realidade por inteiro e aquilo que é percebido sofre a influência do mundo psíquico e, conseqüentemente, das fantasias; o segundo é que, como dito antes, o mundo psíquico, que também fornece dados e informações sobre si, estimulado por impulsos orgânicos – físicos - e pulsões, o que também irão estimular as fantasias conscientes e inconscientes. Por isso, pela contínua estimulação interna e externa, não é possível afirmar que existe um fim ao processo de autoconhecimento.

Observando o mundo interno, Freud coloca que: “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pela comunicação de nossos órgãos sensoriais.” (FREUD, 1900, p. 637 *apud* FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 62).

Segal (1993, p. 41) acrescenta:

A personalidade cresce, amadurece e se desenvolve. O crescimento e a evolução de um indivíduo devem-se não apenas ao crescimento fisiológico e à maturação do aparelho perceptual – memória etc. –, mas também à experiência acumulada e ao aprender com a realidade. Esse aprender com a realidade, por sua vez, está associado à evolução e às mudanças na vida de fantasia. As fantasias evoluem. Há uma luta constante entre as fantasias onipotentes do bebê e o encontro de realidades boas e más.

Já o nosso corpo também possui as limitações de percepção e interação com o mundo externo, com o ambiente. Nossos órgãos dos sentidos possuem limite de alcance e processamento das informações externas e o cérebro precisa organizar o que deve ser enfatizado ou não. Após, ou conjuntamente a isso, essas informações vão sofrendo as influências do mundo psíquico.

O corpo é um componente do real enquanto no tempo presente e fator limitador. O corpo traz os dados de tempo e espaço ao ser humano. Ele delimita suas ações e desejos. Além disso, o corpo tem limitações em absorver a própria realidade, pois a percepção é frágil e nunca completa. (MENEZES, 2011, p. 3).

Alonso-Fernández (1976 *apud* CHENIAUX, 2008, p. 27) afirma que a percepção “é um fenômeno ativo, psíquico, central e subjetivo.” Ele também diz que isso resulta de impressões sensoriais parciais e da associação destas às representações. Ou seja, que nosso aparelho perceptivo necessita da capacidade de integração e da imaginação para construir o que chamamos de realidade.

Cheniaux acrescenta que cada célula, que funciona como um receptor sensorial em contato com o mundo externo, só é sensível a um tipo de estímulo. Por exemplo, células oculares captam a luminosidade, mas não podem captar sons. Todas as formas de energia que chegam ao receptor são convertidas em energia eletroquímica (transdução do estímulo) e depois há a codificação neural. Simplificando esse sistema, as informações vão para o tálamo e depois para o córtex. O tálamo funciona como uma espécie de filtro para dar maior acuidade às informações sensoriais. Cabe ao córtex e outras áreas cerebrais darem sentido às informações recebidas integrando-as, pois cada informação passa por áreas cerebrais diferentes. As informações receptivas também utilizam as representações mentais como meio de compreensão dos estímulos. A atenção seletiva, a motivação e as emoções influenciam o processo de conhecimento perceptivo selecionando o que é importante e descartando aqui que julga *não ser necessário* (CHENIAUX, 2008, p. 33).

Concluimos, então, que o estímulo externo passa por um primeiro filtro nos órgãos dos sentidos; um segundo filtro, no cérebro (não confundir com mente); e um terceiro, pelo mundo psíquico. Já o mundo psíquico sofre as influências dos estímulos externos e dos seus próprios, compostos por fantasias e pensamentos, pelo funcionamento da consciência e do inconsciente.

Pode parecer confuso, mas vamos pensar um pouco mais: assistindo ao noticiário, algumas vezes ouvimos a reportagem que, depois de muitos anos na prisão, um prisioneiro é solto tendo sido acusado injustamente por uma vítima que o reconheceu e testemunhou, afirmando que tinha sido o preso que cometera o crime. Com o avanço da ciência ou com o transcorrer do tempo, outros indícios ou provas surgem comprovando que, até então, o preso dito culpado não cometeu o crime. Então o que aconteceu? Podemos especular

que a vítima teve sua percepção alterada por sentimentos internos de medo, dor, raiva, frustração, ódio e, através de suas fantasias, modificou o dado de realidade presenciado por ela. Assim, *confundiu-se* sobre quem deveria pagar pelo ocorrido com ela, acusando alguém por sua projeção de um culpado.

Esse é um exemplo interessante, porque possui consequências sérias para os envolvidos, mas fazemos isso todo o tempo. A nossa percepção é incompleta e o mundo psíquico busca completar as falhas do seu jeito.

Essas interações são feitas continuamente e nem sempre é percebido ou consciente. Voltando ao nosso estudo de relação, dois pontos, como interno e externo, são extremos inalcançáveis, já que o que se constrói é através da relação entre os dois. Lembremo-nos de quando falamos que a identidade ou configuração egoica se dá através da relação entre o conjunto daquilo que me torna uma unidade e aquilo que é diferente a mim. A construção do pensar e da consciência também ocorre nesse mesmo modelo, pela interação, pela relação.

Consciência e inconsciente

Stella (2000) afirma que existe uma parte do inconsciente que é incognoscível, ou seja, não pode ser conhecida, entendida, representada, simbolizada. É essa parte do inconsciente que permite que ele continue diferenciando-se, enquanto estrutura, da consciência, pois, se todo o conteúdo inconsciente pode vir à consciência, deixaria de existir o inconsciente⁷.

⁷ “Permanece, porém, também para Freud, um resíduo incognoscível que impede a dissolução do inconsciente na consciência. Eliminar este resíduo significaria subtrair a própria consciência empírica, a qual, sem referência ao diferente de si, não é ela própria e anula a si própria.” (STELLA, 2000, p. 271)

Entretanto, outro pensamento aparece. Enquanto estruturas, a consciência e o inconsciente vivem em relação e isso significa que ambos trocam impulsos, pulsões, pensamentos, ideias, sensações, durante todo o tempo. Então, algo que estava reprimido pode vir à consciência e algo que está na consciência pode voltar a ser reprimido. Estamos falando de movimento, uma espécie de fisiologia psíquica, didaticamente falando.

E, ainda, quando falamos de consciência, estamos falando em dois pontos: a capacidade de conhecer o que está ao seu redor, o objeto, o não-eu; e a capacidade de se reconhecer. Podemos ter conhecimento do que está ao nosso redor, do que está nos livros, na vida, no mundo e não termos condições de nos compreender, ou seja, ter consciência daquilo que somos, sentimos e percebemos. Chamamos de autoconsciência essa possibilidade de compreensão de nós mesmos, de descoberta da nossa identidade, da nossa configuração egoica - da expansão daquilo que somos nós em nossa unidade de Ser.

Mas, se anteriormente foi afirmado que nunca poderemos ter acesso a todo o nosso inconsciente, como pode ser isso? A proposta é que se busque sempre. O importante é sempre a pergunta e não a resposta. A pergunta amplia a possibilidade de pensar e, conseqüentemente, de se conhecer. A resposta conclui, fecha, limita, põe um fim⁸.

Nesse sentido, o processo de autoconhecimento nunca se instigou no sentido que Stella destaca: “Conhecer, em suma, é desvelar o inconsciente, e isso vale para todo conhecer, não só para o conhecimento psicanalítico.” (STELLA, 2000, p. 270)

⁸ Se a resposta é a tentativa de superar o problema, e, portanto, a pergunta, deve-se, porém, observar que a própria resposta configura problema. Com efeito, que sentido tem responder a uma pergunta? Geralmente, assume-se a resposta como *extinção* da pergunta, de modo que – segundo a perspectiva que se impõe na práxis – o acerto parece valer como ponto de chegada da busca. Mas é exatamente este ‘extinguir’ a pergunta que constitui problema (STELLA, 2000, p. 346).

Autoconsciência

Buscar conhecer-se é ter a intenção de encontrar a verdade. A verdade, tida como saber absoluto é inalcançável, porque sempre vai depender da compreensão que se tem da realidade e do mundo interno. Se nós não podemos chegar a esses dois extremos, como exposto anteriormente, a verdade é buscada em intenção⁹. Lembre-se que a realidade jamais é apreendida em sua totalidade que seja pela limitação dos aparelhos da percepção, quer seja pela intervenção e influência do mundo psíquico e jamais o inconsciente poderá ser totalmente trazido à consciência porque uma parte sua é incognoscível e, também, somente por isso não se torna totalmente consciente.

Qual seria então o objetivo da autoconsciência? O sentido de buscar o processo de autoconsciência é permitir uma maior fluidez entre os sistemas que interagem entre si promovendo uma expansão na capacidade de lidar com a vida. Quanto maior a capacidade de reconhecer-se enquanto unidade, maior a dinâmica entre as coordenadas vertical e horizontal. Vejamos o que o professor Ferrari acrescenta:

Parece, pois, que o indivíduo aprende a ser tal, não tanto, e somente, através da autoconsciência, mas antes ainda, e principalmente, através da auto-observação.

⁹ O sentido transcendental, em que a consciência é unidade de si e do outro, coincide com seu *emergir como ato* além da dualidade, emergir que é demonstrado como inegável mediante a conscientização da insuficiência para si mesma da própria dualidade: a dualidade só é inteligível enquanto exige a unidade como seu fundamento; mas o fundamento unitário, embora exigido, não pode funcionar como condição legitimadora da dualidade que o exige. Por essa razão, o fundamento não deve ser entendido como o que *ratifica* a dualidade a subtrair-se para se tornar verdadeira. Em suma, o fundamento não deixa o 'fundado' ser, mas lhe impõe uma *transformação radical*. [...] Do ponto de vista de sua estrutura conceitual, a psique é *intenção de verdade*, isto é, *espírito* (STELLA, 2000, p. 293).

Na realidade, a auto-observação produz continuamente, e ao mesmo tempo modifica, 'teorias' (ou talvez pudéssemos qualificá-las como *percepções empíricas*) na dimensão vertical, no interior da relação corpo-mente. Em seguida, exprime outras distinções, que irão, desde as várias significações e papéis que as pessoas vão assumir, até a diferenciação entre objetos animados e inanimados. Este processo parte (momento inicial) do que Bion define como pré-concepção. Depois, torna-se conhecimento, *mas só no sentido de condição de conhecer*. (FERRARI, 2000, p. 152-153).

O que temos observado aqui é a importância da construção pela interação, pela relação. A relação também pode ser colocada como um diálogo. O diálogo é o modo que mais aproxima o saber, a verdade, pois traz seu caráter fluido e a possibilidade de posições com hermenêuticas¹⁰ diferentes podem compartilhar experiências e informações, de forma a construir algo novo da junção do encontro, acrescentando e ampliando as possibilidades para ambos.

Quando se perde o diálogo, no funcionamento vertical, no funcionamento horizontal, ou em ambos, temos uma rigidez ao invés do movimento. E aquilo que deve sempre ser questionado, torna-se fixo e passa a ser considerado verdade ao invés de se permanecer a dúvida que constroi. Lembremos de que falamos sobre o fato de que a pergunta abre, enquanto respostas fecham. Essa absolutização é a razão dos distúrbios, das doenças. Stella resume muito bem esse assunto a seguir:

¹⁰ O espaço da hermenêutica surge, pois, em virtude da conscientização de que entre o signo e a significação – assumida como fundamento real – não pode existir correspondência imediata e unívoca (STELLA, 2000, p. 339).

Se tivermos em mente o fato, incontestável, de que todo distúrbio psíquico – e não só psíquico – é, fundamentalmente, uma *absolutização* (ou uma sua consequência), ou seja, ele vale como a assunção de uma ideia – ou de um sistema de ideias –, de um problema, de um modo de ser, de uma lembrança, como se estes pudessem ser abstraídos da rede de remissões, que constitui o ‘psíquico’ tanto em sua estrutura quanto em sua função, e se, além disso, considerarmos o fato de que cada absolutização individual (fixação ideativa) traduz apenas, em formas determinadas, exemplificando-a, a absolutização do *eu*, o qual perde de vista o sentido de seu ser, porque não é mais capaz de conhecer seus limites; se levarmos em conta isso, então o *diálogo* não pode deixar de se revelar a única verdadeira forma de *terapia*, porque só em virtude do diálogo o eu, ponto em jogo a si mesmo e as suas pretensões (os assertos [sic] nos quais a cada vez se identifica), pode recuperar a inegável conscientização do valor transcendental do absoluto. (STELLA, 2000, p. 352).

Com a absolutização, consequência da diminuição da fluidez entre os sistemas, perde-se, também, a possibilidade da liberdade. O indivíduo passa a funcionar em um sentido mais restrito, tolhendo-se, criando e estabelecendo regras de vida que vão tirando a possibilidade de reagir de forma nova e diferente às demandas pulsionais, instintuais e as intempéries do meio ambiente. Acaba por aumentar o sofrimento e a angústia dele.

Somente com a possibilidade de voltar a abrir espaço para o não-saber sobre si, permite-se que ele volte a se questionar e, com isso, volte a ampliar suas possibilidades de

compreender a si. Instaurar ou reinstaurar o processo de autoconhecimento, buscando a autoconsciência, pode trazer a possibilidade de suportar melhor o viver.

Nessa forma de pensar, então, em um processo analítico, o objetivo é a busca da autoconsciência do analisando através das experiências construídas na análise com o psicanalista. É através do diálogo da coordenada horizontal (analista-analisando) que pode possibilitar o analisando voltar a reestabelecer o diálogo de si consigo mesmo, estabelecendo a fluidez da coordenada vertical e buscando, cada vez mais, a autoconsciência. Esse autoconhecimento só ocorre com a significação do Eu, pois a hermenêutica do analista difere da do analisando pelo sistema único que existe em cada um. Então, somente pela interpretação do paciente, através do que diz o analista, é que ele inicia seu processo de expansão interior. Após a possibilidade de auto-observação do paciente é que a transferência encontra o seu caráter horizontal, buscando, então, as relações com o mundo¹¹. “Não é por acaso que analisar significa liberar os diversos do vínculo que os comprime, e é justamente por essa razão que o analista é um libertador, como indicava originariamente a expressão grega *analyter*” (STELLA, 2000, p. 336).

Stella (2000, p. 356-357) continua:

Fim autêntico do diálogo é, pois, o transcender o mundo da doxa, entregando-se

¹¹ Inicialmente, o analista estudará principalmente os modos pelos quais o analisando chegou a bloquear a comunicação entre Uno e Binário, e operará no interior de seu sistema, a fim de reativá-la mediante o uso de seu próprio registro de linguagem. No início, o cenário em que se desenvolverá a função da transferência será a dimensão vertical. [...] Sucessivamente, quando o analisando tiver alcançado a capacidade de auto-observação e estiver em condição de ativar autonomamente áreas de sua própria mente, o analista pode deslocar a atenção para a dimensão horizontal (constelação edípica, configuração egoica, mundo exterior), no interior da qual a transferência assume a forma em que é mais conhecida (FERRARI, 2000, p. 35-36).

àquela intentio veritatis que impõe a cada dialogador voltar-se para si próprio, refletindo, pondo em discussão assunção acrítica de uma certeza como verdade. [...] Somente quando o eu discute consigo próprio, ele começa efetivamente a dialogar e cria, assim, as condições para evoluir e, portanto, para perseguir seu efetivo interesse. Interesse efetivo não é afirmar seu próprio ponto de vista, reduzindo ao silêncio todo ponto de vista que se mostre diferente, mas é dilatar seu próprio horizonte, indo além dos limites que, a cada vez, conotam a dimensão empírica do eu. [...] Nesta inversão, o eu recupera a si mesmo, e isso se realiza exatamente quando ele abandona a pretensão de conservar-se, aceitando perder-se na verdade. Recuperando a si mesmo, o eu recupera também a relação com seus semelhantes e com o mundo que o cerca, já que deixa de existir o pressuposto de todo conflito: a vontade de controle, a pretensão de possuir algo que deve ser subtraído a alguém.

A vida se constroi a dois. O DNA, no processo de recriação da vida por meiose e mitose, se separa e volta a se unir gerando um novo conhecimento, uma pessoa totalmente diferente dos pais, mas trazendo, de alguma forma, uma memória filogenética. Assim como a vida se multiplica, o aparelho psíquico se renova pela introdução e relação de dois, ou mais, na criação de um que transcende as ideias, sensações e emoções anteriores. Essa relação se dá pelo diálogo: diálogo consigo e o diálogo com o meio, com os objetos.

Conclusão

Assim, a autoconsciência expande suas possibilidades de se conhecer através desse diálogo interno e externo. Esse é o objetivo último do desenvolvimento humano e, como tal, também é o objetivo último de qualquer análise. O paciente citado no início do trabalho foi convidado a um processo de introspecção e poder entender o que está acontecendo com ele. Aos poucos, ele está começando a se questionar, desconstruir suas verdades, repensar suas escolhas e compreender e pensar o que sente. Esse paciente, aos poucos, está desatando as cordas mentais que ele mesmo criou ao redor de si. Em outro momento, ele disse o seguinte: *“Dra., a senhora não sabe como a senhora está me ajudando. Eu nunca parei para pensar sobre mim a vida toda. Achei que tinha que ser assim e ia levando. Mas você me faz umas perguntas sobre mim que eu não tenho resposta e fico pensando. Guardo elas (as perguntas) comigo e fico tentando pensar sobre elas entre as sessões. Acho que isso tá me ajudando embora não consiga respondê-las”*.

Referências

CHENIAUX JÚNIOR, Elie. Sensopercepção. In: _____. *Manual de psicopatologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. Cap. 7.

FERRARI, Armando. *A aurora do pensamento: do teatro edipiano aos registros de linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

FERREIRA-LEMO, Patrícia do Prado. Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 1, p. 59-66, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://>

revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/6454/6299>. Acesso em: 28 out. 2011.

MENEZES, Petruska P. *O virtual, o homem e a psicanálise*. Trabalho apresentado no XI Jornada de Psicanálise de Aracaju do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, novembro de 2011.

ROMANO, Fausta; FACCHINI, Sandra. Glossário para a aurora do pensamento. In: FERRARI, Armando. *A aurora do pensamento: do teatro edipiano aos registros de linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 359-367.

SEGAL, Hanna. *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

STELLA, Aldo. Considerações teóricas. In: FERRARI, Armando. *A aurora do pensamento: do teatro edipiano aos registros de linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 247-358.

A lona da esperança

Canvas of hope

Carpa da Esperanza

Renata Martinelli Duarte

Membro Provisório da SBPRJ. E-mail: renata.martinelli.20@hotmail.com

Resumo

No texto “Sobre a transitoriedade” (1915), Freud se questiona porque ao passear pela natureza, o poeta não sentia alegria diante de tanta beleza. No filme brasileiro “O Palhaço” (2011), Selton Mello mostra um circo itinerante que levava alegria por onde passava. Uma natureza que iria desaparecer no inverno e a lona de um circo que seria desarmada, ambos fadados à transitoriedade. A autora transita entre o texto e o filme, abordando o conceito de transitoriedade, do valor e significado atribuídos a um objeto e da relatividade do tempo. A esperança é renovada a cada primavera, a cada vez em que a lona é armada.

Palavras-chave: transitoriedade; significado; luto; libido; tempo.

Abstract

In the text “On transience” (1915), Freud asks himself why, while strolling through nature, the poet feels no joy amongst so much beauty. At the Brazilian film “O Palhaço” (“The Clown” in English) (2011), Selton Mello presents a traveling circus that brings joy wherever goes. A nature that would disappear in winter and the canvas of a circus that would be unfolded, both doomed to transience. The author moves between the text and film, addressing the concept of transience, value and meaning assigned to an object and the relativity of time. Hope is renewed each spring, every time the canvas is erected.

Keywords: transience; meaning; mourning; libido; time.

Resumen

En el texto “Sobre la transitoriedade” (1915), Freud se preguntó por qué, mientras pasea por la naturaleza, el poeta no siente alegría ante tanta belleza. En el fin brasileiro “O Palhaço” (“El Payaso” en español) (2011), Selton Mello presenta um circo itinerante que lleva gozo allí donde va. Una naturaleza que desaparecería en invierno y la carpa de un circo que sería desarmada, condenados a la transitoriedad. El autor se mueve entre el texto y la película, abordando el concepto de transitoriedade, valor y significado asignados a um objeto y al concepto relativo del tiempo. La esperanza se renueva cada primavera, cada vez que la carpa del circo se eleva.

Palabras clave: transitoriedad; significado; duelo; libido; tiempo.

Com o tema “Sobre a transitoriedade” em mente, devido à recente decisão do tema do simpósio 2011 dos Membros Provisórios da SBPRJ, fui ao cinema. O filme não foi escolha minha. Sem nenhum entusiasmo fui assistir a uma produção brasileira, de um diretor bastante novo e cujo trailer não havia chamado minha atenção. Aproximadamente duas horas depois, saí do cinema absolutamente encantada, afetada por todas as emoções que o filme fez transbordar em mim. Meu trabalho estava definido: pensar a transitoriedade a partir do filme “O Palhaço”, sob direção de Selton Mello. No final da trama, os nomes do elenco e os créditos da produção passavam na tela ao som da música “Tudo passará” (NED, 1969).

Mas tudo passa tudo passará
E nada fica nada ficará.

Freud em 1915[1916], a partir de uma caminhada por campos sorridentes se pergunta o motivo de seu companhei-

ro poeta admirar a beleza que os cercava sem, no entanto, extrair disso qualquer alegria. Conclui então que para o poeta o fato de que toda aquela linda natureza iria desaparecer sob a neve gelada do inverno, fazia com que sua beleza ficasse desvalorizada, uma vez que estava “com os dias contados”. “De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar de todos os poderes da destruição” (FREUD, 1916[1915]/1996, p. 319).

A partir da compreensão de que tanta beleza e perfeição estariam fadadas à transitoriedade, Sigmund Freud aborda duas possíveis reações: 1) Desesperança; 2) Rebelião contra o fato consumado, contra o inevitável. Afirma, no entanto que nossa exigência de imortalidade é fruto do desejo, não tendo nenhum compromisso com a realidade. Ao contrário do poeta que não se permitiu encantar por uma beleza fadada à destruição, coloca que a transitoriedade do que é belo implicará em um aumento do seu valor. Parafraseando Vinícius de Moraes (1996): “[...] que seja infinito enquanto dure.” “Uma flor que dura apenas uma noite, nem por isso nos parece menos bela” (FREUD, 1916[1915]/1996, p. 318)

Kronos se refere ao tempo que pode ser medido no relógio, no calendário, a cada cépúsculo do sol ou de uma vida; medida no espelho, quando lá vemos reistradas as marcas da vida em nosso corpo e, por esses indícios como é peculiar da condição humana, vai-se tomando consciência da própria finitude e do inexorável caminho para a morte. (BITTENCOURT, 1992, p. 16).

Entendo que foi a surpresa em perceber que o circo da minha infância, extinto há tantos anos, continua vivo para mim, que me emocionou na trama de “O palhaço”. Ao sair da sala de projeção, extremamente afetada por um circo de lona

que não existe mais no tempo cronológico, comentei: “Vivo em uma era digital e acabei de rir e me emocionar com um filme analógico”. Voltei no tempo, mas não foi como uma “volta ao passado”. Foi como uma reedição do passado a partir da minha ótica atual. Para deixar mais claro, vamos ao filme:

Na primeira cena em que aparece o palhaço, ele está pintando o rosto, preparando-se para entrar no picadeiro. No camarim rústico e improvisado fazia muito calor. Dirige-se para fora e enquanto caminhava pelo chão de terra para o circo armado, o palhaço (Selton Mello) é informado do número de pagantes: 57. “Ah, Bom!”, comenta. Os nomes do prefeito, da sua esposa e do maluco da cidade também são informados nesse momento para serem usados no espetáculo. O palhaço entra no picadeiro e apresenta-se como “Pangaré”. Seu companheiro de cena era o dono do circo e seu pai, o palhaço “Puro-sangue” (Paulo José). O dia a dia de um circo “pobre” e itinerante, que se apresenta em pequenas cidades do interior do Brasil, foi-se revelando. Falta de dinheiro, falta de alvará, falta de soutien grande, falta de carteira de identidade... Ainda assim, mesmo diante de tanta “falta”, o circo levava alegria por onde passava. Em uma cena vista de cima identificamos: a lona do circo armada, o palhaço Pangaré parado de pé, olhando para um carro saindo do circo: uma Brasília. Um carro antigo, que não é mais fabricado, andando, funcionando, saindo do circo, ganhando a estrada. Meu portal ao passado estava sendo aberto, ou melhor, ao passado não, um portal para o meu inconsciente.

Kairós nos aproxima da noção de Freud sobre inconsciente, cujos processos são atemporais, não se ordenam temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo e não fazem absolutamente qualquer referência ao tempo. Isto equivale a dizer que há no ICs todos os

tempos e, portanto, não se faz volta ao passado, uma vez que ele esteve sempre presente. (BITTENCOURT, 1992, p. 17).

Quando eu era bem pequena era em uma Brasília branca que minha mãe me levava à escola. A Brasília é antiga, mas o filme se passa no tempo atual. A Brasília me remeteu a um tempo passado, mas eu não voltei ao passado. Foi o passado que se fez presente na atualidade. E talvez, não por acaso, era exatamente esse objeto vindo do passado que trazia movimento à cena. O passado movimentando o presente, o passado “reeditado” no presente. O passado presente. Todos que assistiram ao filme viram esta cena. Quantos puderam perceber que se tratava de uma Brasília o carro em movimento? “[...] o valor de toda beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta” (FREUD, 1916 [1915]/1996, p. 318).

A significação é individual. Caberá a cada um de nós, conforme nossa vida emocional, atribuir valor a um determinado objeto, evento ou lembrança, independente de sua continuidade. Por ser individual e absolutamente particular, este valor é relativo e não absoluto. Assim sendo, não é o tempo cronológico (*Kronos*) que determinará o que é eterno e o que não é. Bittencourt (1992) explica o tempo *Kairós* como a possibilidade de se viver a eternidade a cada tempo, como o que é vivido apenas por uma pessoa, e que não pode ser dividido com ninguém. “Aí a cronologia não existe” (BITTENCOURT, 1992, p. 17).

Eu identifiquei o carro da minha infância na cena. A Brasília tem significado para mim, e o valor que eu atribuo a ela a partir do meu mundo emocional, e que só agora tenho consciência, tem resistido por pelo menos trinta anos. A “minha Brasília” com certeza não existe mais no mundo real,

no tempo *Kronos* mas para mim, até o presente momento, no tempo *Kairós*, ela “está eterna”.

A Brasília do filme me levou a uma viagem que estava apenas começando... Em uma época em que os circos estão repletos de luzes, cores, efeitos especiais e riqueza, época em que o “Cirque Du Soleil” e o “Circo da China”, por exemplo, estão longe dos circos da minha infância como o “Circo Orlando Orfei” e o “Circo da Praça XI”, eu me vi adulta, sentada em um a sala de exibição moderna, com som de última geração e com imagem no mais alto padrão, rindo de palhaçadas já conhecidas.

Selton Mello em uma entrevista afirmou que quis homenagear algumas personalidades para ele importantes no seu tempo de menino, convidando-os para participar do filme.

“O palhaço” também conta com participações insólitas de três artistas presentes na memória afetiva do diretor: Ferrugem, Jorge Loredó e Moacyr Franco, este último premiado como melhor ator coadjuvante no Festival de Cinema de Paulínia este ano — o filme também foi eleito melhor direção, roteiro e figurino. (MELLO, 2011).

Rever o Ferrugem em cena me emocionou. O tempo cronológico se impôs, uma vez que eu não sou mais criança, e que ele não é mais um menino, No entanto, é o personagem Ferrugem de trinta anos atrás que está vivo nas minhas lembranças. Até músicas de comerciais cantadas por ele, naquela época voltaram a minha mente. O valor atribuído por mim ao Ferrugem, personagem da minha infância, fez com que ele permanecesse, independente do tempo cronológico. É aquele Ferrugem menino que existe para mim. “Realmente talvez chegue o dia em que os quadros e estátuas que hoje admiramos venham a ficar reduzidos a pó, ou que nos possa suce-

der uma raça de homens que venha a não mais compreender as obras de nossos poetas e pensadores [...]” (FREUD, 1916 [1915]/1996, p. 318).

A emoção que senti ao ver o filme estava ligada ao circo da minha infância, ao personagem Ferrugem, a Brasília igual a que eu andava... nem o circo, nem o Ferrugem, nem a Brasília foram reduzidos a pó. Será que o valor atribuído por mim à trama se deve apenas ao fato de reconhecer “fragmentos vivos” do meu passado?

O luto pela perda de algo que amamos ou admiramos se afigura tão natural ao leigo, que ele o considera evidente por si mesmo [...] Se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa capacidade para o amor (nossa libido) será mais uma vez liberada e poderá então ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego. (FREUD, 1916 [1915]/1996, p. 318).

Quando assisti o trailer, não tive desejo de ver o filme. Achei triste, melancólico, “pobre”... talvez “triste e melancólico” tenha sido a minha vivência da “morte”, meu luto do circo da minha infância. Freud, em 1915 [1916]/1996, afirma que para ele, permanecia ainda um mistério o motivo pelo qual o desligamento da libido (capacidade para o amor) dos objetos, o desinvestimento, constitui um processo tão penoso. Agora, à posteriori, entendo que minha falta de desejo de assistir ao filme se devia ao desinvestimento do circo morto, “já enterrado” de quando eu era menina. Fiquei instigada. Resolvi voltar ao cinema e desta vez, em companhia de um menino de 10 anos. Me surpreendi imensamente ao ver uma criança que não está acostumada a ver um palhaço usando nariz de plástico vermelho e que praticamente não conhece um circo de lona, gargalhar com as caretas do palhaço ou quando este finge tropeçar.

Hoje tem goiabada? Tem sim senhor!
Hoje tem marmelada? Tem sim senhor!
E o palhaço o que é? É ladrão de mulher!

Percebi que o circo de lona que eu conheci “está morto” cronologicamente, morto no tempo minuciosamente contado do relógio. No entanto, seu valor permanece na memória de quem o conheceu, e pode ainda se perpetuar para quem vier a conhecê-lo. Minha emoção talvez se deva a surpresa da noção de continuidade. O palhaço de nariz de plástico vermelho ainda faz um menino rir. Apesar do luto por algo morto do passado, fica a esperança. “Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, do modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode ser considerada eterna” (FREUD, 1916 [1915]/1996, p. 317).

O circo é armado em cada cidade que chega. Algumas apresentações são feitas levando alegria, magia e encantamento ao público que ri e se diverte. Desarma-se a lona. No filme, o circo, sua trupe, e toda sua parafernália viajam em um caminhão, uma Kombi e um carro, que ganham a estrada rumo à próxima cidade onde mais uma vez a lona será armada.

Freud não deixou de se encantar diante da beleza da natureza, mesmo sabendo que estava fadada à transitoriedade, com a chegada do inverno. Fica a certeza de que com a chegada da primavera, a natureza reaparecerá. Voltando ao filme, penso que o público do circo também não deixa de se encantar e se divertir com cada espetáculo, mesmo sabendo que a lona será desmontada. A permanência do circo em cada local é transitória.

Quando a lona estava sendo armada em uma nova cidade, Valdemar (Paulo José), dono do circo, perguntou a Benjamim (Selton Mello) se não iriam “enterrar o morto”, uma vez que o terreno era suspeito, ou seja, eles não conheciam. A resposta de Benjamim foi: “Pensei que não precisava”. O dono

mandou então baixar a lona, dizendo: “Não quero ver essa saia rodando... vem um vento aí e derruba o circo!”. Em outro momento uma personagem explica ao delegado (Moacyr Franco) que “morto são as estacas que tem que cravar para prender a lona quando o terreno é arenoso” (MELLO, 2011). O “morto” precisa ser enterrado, mesmo à revelia de Benjamim. Se não estiver bem enterrado, a lona não fica bem armada e o vento pode derrubar. Precisamos enterrar “bem enterrado”, vivenciar o luto, enfim, desinvestir para que possamos nos ligar aos objetos vivos do nosso presente.

“Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura que antes” (FREUD, 1916 [1915]/1996, p. 319). Esta é a última frase do texto “Sobre a transitoriedade”. Assim como Freud, o dono do circo acredita que possa “reconstruir” em um terreno “mais firme”. Caso o terreno seja “arenoso”, usam-se as estacas, com o objetivo de que seja “de forma mais duradoura”, para que o vento não derrube. Assim sendo, a lona fica firmemente armada por um tempo determinado, e findado esse tempo, é desmontada. Acaba o espetáculo. O circo vai embora. Fica o terreno, disponível para outros fins...

A propósito, no filme “O Palhaço”, o circo que constantemente era desarmado em uma cidade, e uma vez “enterrado o morto”, era armado na próxima chama-se: Circo ESPERANÇA. A lona da ESPERANÇA é desarmada em um momento, mas pode voltar a ser armada de novo, em terreno firme.

Se em mim já não há alegria
A esperança me ensina a gritar
Que tudo passa tudo passará (NED, 1969)

Referências

BITTENCOURT, A.-M.L. A regressão ou em busca do tempo: perdido? *Trieb*, (2), 15-20, 1992.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., v. 14, p. 317-319). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1916[1915]).

MELLO, S. 'É um filme analógico', diz Selton Mello sobre 'O palhaço'. Recuperado em 21 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/e-um-filme-analogico-diz-selton-mello-sobre-o-palhaco.html>>.

_____. (Dir). *O palhaço* [filme]. São Paulo: Imagem filmes, 2011.

MORAES, V. de. *Soneto de fidelidade e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

NED, N. *Tudo passará*. São Bernardo do Campo, SP: Discos Copacabana, 1969.

Por que ainda ler Freud?

Why still read Freud?

Porque aún leer Freud?

Berta Hoffmann Azevedo

XXXXXXXXXXXXXX

Resumo

O presente artigo problematiza por que ainda ler Freud e reconhece duas grandes tendências no entendimento da história do movimento psicanalítico que tem efeitos diversos no interesse pela leitura da obra freudiana. A autora afirma a importância de uma leitura implicada e revitalizada de Freud como fundamental para a Psicanálise Contemporânea.

Palavras-chave: metapsicologia; Freud; Psicanálise contemporânea.

Abstract

The following article approaches the question about why still read Freud and recognizes two trends of understanding about the history of the psychoanalytic movement that has different effects on the interest on Freudian readings. The author emphasizes the importance of a revitalized reading of Freud as being fundamental to contemporary psychoanalysis.

Keywords: metapsychology; Freud; contemporary Psychoanalysis.

Resumen

En este artículo reflejase porque aún leer Freud y reconoce dos tendencias principales en la comprensión de la historia del movimiento psicoanalítico, que tiene efectos diversos sobre el interés en la lectura de la obra de Freud. La autora

señala la importancia de la lectura involucrada y revitalizada de Freud como clave para el psicoanálisis contemporáneo.

Palabras clave: metapsicologia; Freud; el Psicoanálisis contemporáneo.

Estimulada a produzir um texto que refletisse as repercussões de um seminário teórico de Freud no espaço de formação analítica, me vi refletindo sobre o ato mesmo de ler Freud. Pareceria óbvio que para o vir a ser psicanalista a leitura de Freud seria indispensável. Com um pouco de observação e inserção nas instituições formadoras de psicanalista percebe-se que esta é uma temática mais complexa e que merece desdobramentos. Não se trata apenas de ler ou não Freud- apesar dessa em si já ser uma questão pertinente- mas o espírito com que se entra nessa experiência modifica radicalmente o resultado.

Ainda vale a pena ler Freud?

Esta pergunta, dificilmente formulada explicitamente, será tomada como eixo de reflexão neste artigo. Trata-se de uma questão aparentemente simples se empreendermos uma visada superficial, mas que pode ser tornar complexa quando levada a sério.

Em uma primeira abordagem do problema, a resposta afirmativa aparece como automática: Sim, Freud é o pai da Psicanálise, e nós psicanalistas devemos lê-lo. A concordância de que os seminários de Freud devem ser parte de uma formação analítica não implica, entretanto, em um trânsito contínuo pela obra freudiana na atuação clínica de muitos de nós.

Seria possível dividirmos esquematicamente duas posturas diante dos movimentos históricos dentro da Psicanálise. Uma delas, que poderíamos nomear como histórico-genética, considera o desenvolvimento da Psicanálise na perspectiva

dos avanços sucessivos ao longo do movimento psicanalítico. Nessa perspectiva, entende-se que há uma sofisticação da teoria que se dá de maneira linear, de forma que os autores mais recentes se prestam melhor a responder aos problemas clínicos atuais. Poderíamos pensar, seguindo esta lógica, em uma evolução das teorias de Melanie Klein, em relação às de Freud, e um progresso ainda mais significativo de Bion com relação à primeira, por exemplo.

A lógica que deriva desta visão aponta para uma leitura de Freud que ganha um caráter de conhecimento histórico, pouco afinado às questões problemas da contemporaneidade, e o que se passa a buscar nas linhas do texto são, portanto, referências de um pensamento já superado, úteis para a compreensão das origens do que se tem hoje, mas não capazes de estimular inquietações ainda atuais. Tal como em uma faculdade de Psicologia, em que nos primeiros semestres os alunos acompanham disciplinas relativas à História da Psicologia, para depois adentrar nas teorias ainda válidas para o trabalho atual, uma leitura história desse tipo torna o contato com o autor menos indispensável, e frequentemente é acompanhada de uma expectativa de que os grandes autores que fizeram escola depois de Freud já tivessem depurado o que há de relevante nele e nos oferecessem uma leitura mais atual e selecionada do que o pai da Psicanálise trouxe de contribuição.

Se prescindirmos de uma leitura direta, perderemos o que é único da experiência de ler Freud, aquela que acompanha a feitura de formulações fundamentais, se deixando tocar pelo que elas têm de mais desconcertante.

O contato com Freud de uma forma direta nos faz testemunhas do que a Psicanálise representou e ainda representa para a sociedade. Em seu texto *Uma dificuldade da Psicanálise*, Freud (1917 [1916]) afirma que sua teoria seria uma das três feridas narcísicas da humanidade. Com as duas primeiras feridas, o homem foi apunhalado por Darwin com a descober-

ta de não ter uma origem especial em relação aos animais, e, por Copérnico, com a notícia de que a Terra não fazia girar o sol a seu redor. Restava-lhe, ainda, a consciência e o controle de suas vontades. Freud com a Psicanálise infligia, então, o golpe derradeiro. Com a descoberta de que não era possível controlar por completo a vida pulsional e de que os processos psíquicos são em si inconscientes, Freud abre uma ferida difícil de lidar.

Ao lermos Freud por suas próprias palavras, nos tornamos cúmplices de tal ferida narcísica e cientes do ato subversivo que é psicanalisar. Acompanhando um paciente no divã, redescobrimos a aventura de despojar o ser consciente do centro das ações, descobrindo a cada análise a força inconsciente do desejo que se faz escutar mesmo na contramão do querer consciente. No contato com seu texto, somos apresentados a uma concepção de psiquismo capaz de produzir efeitos estranhos ao próprio sujeito e com inesgotáveis possibilidades de produção inconsciente que tornam cada um único.

Qual Freud?

O problema seria mais simples se fosse apenas uma questão de ler ou não Freud por sua própria pena. A leitura do Freud em si, entretanto, não fala de qual entusiasmo é colocado nessa experiência. O embate com a obra pode ser realizada de forma viva, ou pode ser feita com o afastamento de quem lê algo histórico, que nada pode dizer sobre o mundo e os pacientes atuais. Essas duas posturas de leitura são vistas quando nos inserimos em uma instituição e nos propomos a estudar.

A segunda categoria de leitura proposta não segue um desenvolvimento histórico linear, mas considera que o pensamento psicanalítico se movimenta com avanços e recuos. Falando a partir desse ângulo, Laplanche (1988) afirma que o

movimento do pensamento psicanalítico se dá “por repetição e ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento” (LAPLANCHE, 1988, p. 52).

Se entendermos que os processos se sucedem na história respondendo não apenas às demandas de seu tempo, mas também reagem ao movimento precedente, vindo a ser substituído por um outro que possivelmente resgatará do primeiro valores a serem adotados de forma ressignificada, no *après-coup*, entenderemos as novidades não como respostas definitivas, nem a origem como superada. Somente com a abertura provocada por uma visão deste tipo é possível compreender o enunciado de Laplanche que indica que “os momentos inovadores são também retorno à fonte” (LAPLANCHE, 1988, p. 52).

Esta mesma divisão de estilos de leitura é observada também em relação à leitura do próprio Freud. É possível pensar que as formulações mais tardias, por terem surgido de um Freud mais experiente, devam receber mais crédito que aquelas surgidas de suas primeiras aproximações com seu objeto de pesquisa. Alternativamente a essa visão, temos aquela que entende os avanços e recuos operando no próprio Freud, que, ao longo do tempo, recuperava temáticas tangenciadas nos primórdios de sua teoria. É possível ver no *Projeto*, de 1895, por exemplo, o esboço de ideias muito sofisticadas que vieram a ser formuladas mais tarde no próprio Freud, ou resgatadas por autores posteriores que lhe deram potência. Na esteira desses pensadores de um Freud não linear encontramos Monzani (1989) que, em seu profundo conhecimento da obra freudiana, oferece ao leitor a imagem da “espiral” e do “pêndulo” para marcar o movimento conceitual na obra de Freud.

O “pêndulo” refere-se ao jogo de forças polarizando a própria teoria freudiana e ilustra a oscilação que é possível encontrar no Freud em relação aos pesos atribuídos a certos

fatores variando ao longo da obra. A sua famosa série complementar, por exemplo, descrita em 1916-1917, apresenta uma cadeia de fatores que recebem uma relevância variada nos diferentes momentos da obra. O pensamento pendular é aquele que avança com oscilações, enfatizando ora um aspecto, ora o seu contrário, muito embora acabe por finalmente integrar tais elementos. O exemplo melhor trabalhado pelo autor diz respeito ao conceito de sedução, que é inicialmente afirmado como um acontecimento real, na sequência temporariamente abandonado para o desenvolvimento de seu oposto, a ideia de algo fantasiado pela criança e, ao final, resgatado na concepção da mãe como primeira sedutora.

Já a “espiral” nos oferece a imagem de um autor que não constrói seu pensamento linearmente, numa continuidade ininterrupta, abandonando velhos conceitos e se aproximando de uma teoria fechada. Trata-se de um movimento complexo que recupera, de maneira ressignificada, em cada volta da espiral, temáticas e conceitos já antes considerados em sua obra. O movimento espiralado aponta para as mesmas questões que são abordadas, esquecidas e, enfim, retomadas, agora em outro nível em relação ao qual estavam sendo tomadas originalmente.

Freud: um clássico

Não pretendo derivar dessa aposta no retorno à fonte freudiana a conclusão de que tudo o que é antigo vale a pena ser resgatado. A máxima de que os autores clássicos são aqueles que permanecem atuais dão a medida do lugar atribuído a Freud neste artigo: aquele dos autores que tem muito a contribuir para as inquietações contemporâneas, não por estarem na origem de uma disciplina, mas por se mostrarem prenhe de perguntas ainda pertinentes, e oferecerem ferramentas para a construção de novas respostas. O que torna

Freud um clássico, portanto, e digno de leitura, a meu ver, não é o fato de ser ele o pai da Psicanálise, senão por trazer em sua pena o ar fresco do constante rejuvenescimento, que resiste a uma apreensão totalizante e bem acabada que sufoca. Seu texto sobrevive às condições históricas das quais deriva, influenciando a posteridade e permanecendo aberto e inacabado.

Em seu livro *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino se propõe a definir os clássicos e discutir a importância de sua leitura, chegando a uma definição que vai na mesma direção aqui proposta: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 2007, p. 11).

Quando se trata de um clássico não falamos, portanto, de um convite ao estagnado, à imobilidade. A marca própria do que é clássico é justamente o oposto, é a juventude que resiste e a novidade que insiste em se fazer presente, permitindo uma apropriação singular a cada leitura.

Em uma apresentação de seu método de transmissão da obra de Freud, Cecília Orsini (2012) destaca um conjunto de ferramentas úteis para acompanhar o leitor em seu mergulho na obra de Freud. A articulação entre tais ferramentas que acompanham o leitor e o necessário mergulho a ser feito pelo próprio leitor fica sensivelmente expresso na imagem trazida por ela de Marilena Chauí, ao tratar da relação do leitor, seu professor e a obra. Chauí (2001) afirma que o professor, tal como em uma aula de natação, pode apenas acompanhar o aluno na água, mas não pode enfrentar por ele o embate com ela. Esse terá de ser feito diretamente com a água.

No método proposto por Orsini (2012), o professor-leitor de Freud não se oferece para fornecer uma versão definitiva de Freud. O professor-leitor, nesse caso, sabe que não pode substituir o mergulho próprio do aluno-leitor e apenas transmite elementos que auxiliam seu contato com a obra. As

próprias ferramentas propostas para auxiliar o chamado colega-leitor em sua expedição pela obra de Freud- Dicionários de Psicanálise, biografias de Freud, notas de James Strachey, comentadores e boas traduções- não substituem a própria experiência com o texto.

Uma leitura burocrática de Freud, que não passe pela experiência própria de corpo-a-corpo com o texto ou realizada para cumprir um compromisso de erudição, corre o risco de perder a dimensão do que há de mais radical da Psicanálise: o poder do inconsciente e da sexualidade na vida psíquica.

Um sopro de ar fresco

Freud costuma ser, para mim, um fio condutor que oferece sopros de novidade ao que perde frescor com o tempo, onde é possível buscar brechas para construir saídas próprias. Atualmente minha principal inquietação clínica diz respeito à possibilidade de escutar o arcaico, sem perder a dimensão da terceiridade. Em minha pesquisa de mestrado, estudei casos de histeria escutados no atendimento de pacientes diagnosticados pelos neurologistas com crises pseudoepilépticas. Neste período, fui surpreendida pela constatação da falta de interesse teórico e clínico pela histeria em grande parte dos psicanalistas, e do lugar atribuído a ela em certas instituições de Psicanálise como a que eu me via inserida.

Em um capítulo do livro *Crise Pseudoepiléptica* (2011), aproveitei do caso de uma paciente cuja história fazia lembrar a cinderela para perguntar se seria a histeria a gata borralheira do século XXI. Ela, que fora a princesa da clínica freudiana, após a morte dos pais que a consagraram, teria sido relegada às cinzas da cozinha.

Hoje percebo que junto às cinzas da cozinha estariam também as temáticas edípicas, aquelas que denunciam a existência inequívoca da sexualidade infantil. Nesse movimento

de desmerecimento das descobertas inauguradas com os *três ensaios*, a sexualidade, sobretudo a edípica, vai perdendo seu papel como fundamentando a compreensão dos processos de subjetivação.

Em 1995, André Green lança um texto cujo título provocador pergunta *Tem a sexualidade alguma coisa a ver com a Psicanálise?* Essa genial pergunta reflete a impressão de um psicanalista experimentado de que mesmo na Psicanálise a sexualidade teria perdido espaço, não seria mais tão reconhecida na clínica, estaria sendo substituída por explicações em termos de relação de objeto. Em sua avaliação, a frequência na clínica de pacientes borderlines, com patologias do narcisismo ou outras estruturas não-neuróticas poderia favorecer a ideia de que seus sintomas teriam pouca conexão com a sexualidade, precisando ser explicados por fatores independentes dela, como a falha na satisfação das necessidades de equilíbrio, tranquilidade emocional ou confiança interna. As fixações são entendidas, afirma Green (1995), como reprodução de uma relação primitiva mãe-bebê aparentemente assexuada, e mesmo as fixações orais, muitas vezes evocadas, são tomadas mais à luz de uma fonte sagrada do que como fonte de prazer.

Em seus *Três ensaios*, que apresenta a recém nascida teoria da sexualidade, Freud (1905) já afirmava a prevalência, em sua época, do objeto encobrindo a pulsão em si. Era como se a pulsão ficasse justificada pelos atributos do objeto. Segundo Freud (1905), na Antiguidade a ênfase recaía, ao contrário, sobre a própria pulsão, que era celebrada entre os antigos.

É justamente a teoria das relações de objeto, desenvolvida por duas linhas principais, uma de Fairbairn e outra de Melanie Klein, a responsável pela dessexualização da Psicanálise, segundo Green (1995).

Fairbairn foi um psicanalista britânico conhecido por se opor sistematicamente à teoria das pulsões de Freud, que considerava mecanicista e pouco humanista. Como alternativa, passou a se referir a objetos e não a pulsões. A fase oral, por exemplo, muito bem poderia ser nomeada como fase do seio, segundo ele, já que o objeto é que tem importância para a criança, sendo a boca apenas o instrumento para uma estratégia particular de relacionamento com o objeto (HINSHELWOOD, 1992). Fairbairn substitui a busca do prazer pela busca de objeto, o que implica para Green (1995) uma dessexualização da teoria.

Em relação a Klein, as críticas de Green (1995) são dirigidas principalmente em duas direções. Por um lado, em Klein, a precedência da destruição fez com que a oposição prazer/desprazer perdesse cada vez mais espaço para aquela protagonizada entre objeto bom e mau. Na obra kleiniana, portanto, a temática da sexualidade infantil progressivamente foi sendo substituída pela da destrutividade. Esta crítica, no que concerne à busca por ressexualizar a Psicanálise, é legítima. Não é possível, entretanto, que nos furtemos de fazer a ressalva de que o estudo da destrutividade tem sido fundamental para a ampliação do campo analítico, com a inclusão das problemáticas introduzidas desde o *Além do princípio de prazer* (1920), com a pulsão de morte. Neste quesito, tanto crítico quanto criticada aportaram contribuições fundamentais, ao buscar, no terreno clínico, fazer trabalhar esse conceito freudiano tão abstrato.

Já no âmbito da sexualidade, e nesse sentido dirige-se a segunda crítica de Green (1995), Klein parece dar ênfase maior à oralidade, em detrimento de outras formas de prazer. Em sua teoria, a dama da Psicanálise elevou o seio à posição suprema, cuja influência estendia seu modelo para a fase genital, tornando o pênis um órgão de doação e alimentação que, nas palavras de Green (1995, p. 222), “o torna um seio”.

Vemos, portanto, que ao debater com a obra kleiniana, Green (1995) o faz destacando, por um lado, o desvio de atenção que cede espaço da sexualidade para dedicá-la à destrutividade e, por outro, o privilégio dado à sexualidade oral. Neste ponto, o autor reclama pela importância do pai, tal como encontramos em Freud que, na obra kleiniana, passa a uma posição secundária. O que ele parece estar reivindicando, portanto, é importância da terceiridade e da temática edípica que aparecem como estruturantes no pensamento freudiano e perdem peso quando o interesse teórico repousa na relação mãe-bebê. A reivindicação pela importância do pai está ligada, então, à constatação científica de que o Édipo é estruturante e implica uma terceiridade, o que marca sua concepção de processo de estruturação psíquica.

Em seu artigo sobre o pai na teoria e na clínica contemporânea, Fernando Urribarri (2012b), psicanalista argentino estudioso da obra de Green, nos oferece subsídios para pensar o Complexo de Édipo tal como entende André Green.

Para Green, todo sujeito, independente de sua estrutura, alcança o Édipo, já que a centralidade deste está no fato de a criança, mesmo antes de seu nascimento, ocupar um lugar no Édipo de seus pais. Mesmo que inicialmente a relação principal do bebê seja com a mãe, a situação já é triangular, uma vez que o pai se inscreve como figura de ausência (URRIBARRI, 2012b).

O que Green entende como questão na estrutura não-neurótica não é a passagem da díade para a tríade, mas a transição de uma “terceiridade potencial (enquanto o terceiro está presente apenas na mente da mãe) à terceiridade efetiva, interiorizada e estruturante” (URRIBARRI, 2012b, p. 150). Com sua noção de *outro do objeto*, Green aponta para uma função terceirizante que não é exclusiva do pai, podendo ser ocupada por outra figura como, por exemplo, alguém da infância da mãe. Com esse esquema triádico originário, Green

dá abertura para um “reconhecimento de organizações triangulares, nas quais se inscreve um terceiro efetivo, onde existe separação primária e alteridade, mas não uma estruturação ou organização edípica (com reconhecimento estável da diferença entre sexo e gerações)” (URRIBARRI, 2012b, p. 151). A matriz triangular do psiquismo seria, então, a fantasia da cena primária, que, juntamente com o complexo de castração comporia o núcleo da estrutura do Complexo de Édipo.

Em seu artigo “A mãe morta”, Green (1980) afirma a triangularidade em estruturas não-neuróticas, considerando que o fantasma fundamental não está ligado ao seio primordial, mas ao protótipo do Édipo ligado à fantasia da cena primária, não sendo possível, portanto, extirpar o complexo da mãe morta voltando-se para a relação oral.

A partir das leituras de Melanie Klein, é possível perceber que, embora herdeira de algumas das formulações de Fairbairn, que introduziu a questão das relações de objeto varrendo da cena o pulsional, ela não perdeu o elemento pulsional em suas formulações. É difícil, portanto, sustentar que esteja ausente em Klein a pulsionalidade. Ela está viva em seus casos clínicos e em suas formulações teóricas acerca dos casos. Se tomarmos seu livro *A Psicanálise de crianças*, encontraremos inúmeras referências à temática sexual. Ao trabalhar a deflexão da pulsão de morte e sua influência na relação da criança com seus objetos, por exemplo, Klein afirma: “suas fantasias sádico-anais, que parecem formar uma ligação entre o estágio oral de sucção e o estágio oral de morder, têm um caráter bastante definido e contém ideias de que ela toma posse dos conteúdos do seio da mãe por meio de suga-lo e de esvaziá-lo” (KLEIN, 1975, p. 150). Vemos, então, que mesmo a pulsão tendo recebido um lugar muito particular em Klein quando relacionada ao conceito da fantasia, tal elemento está presente e de uma forma bastante violenta, recuperando, inclusive, a dimensão pulsional da agressividade.

Por outro lado, há em Green (1995) uma crítica interessante sobre pensarmos nossos pacientes como bebês e equacionarmos o mais primitivo e profundo com o mais importante. Sua afirmação de que a relação mãe-bebê é frequentemente evocada de uma maneira assexuada é digna de ser considerada. Um aspecto em que me afino com Green (1995) em sua crítica à dessexualização é aquele que reconhece uma tendência à transformação, na escuta, de nossos pacientes em bebês aparentemente assexuados, com cujas mães estabelecem relações igualmente pouco pulsionais. Essa transformação é acompanhada da desvalorização dos elementos de conteúdo edípico, supostamente mais superficiais em uma análise.

A leitura do primitivo como assexual e opondo-se a um manejo considerando a terceiridade têm implicações clínicas radicais. Não é o mesmo considerar ou não o Édipo como organizador psíquico, ter ou não uma terceiridade na escuta. A sexualidade se faz presente, por exemplo, quando é possível reconhecer no arcaico a pulsionalidade que lhe é devida.

Afirma Freud (1940 [1938]) em seu esboço de Psicanálise:

Este primeiro objeto se completa logo na pessoa da mãe, que não só nutre, mas também cuida e desperta na criança tantas sensações corporais, tanto prazerosas como desprazerosas. No cuidado do corpo ela se torna a primeira sedutora da criança. (FREUD, 1940 [1938], p. 188; tradução nossa).

Quando Freud afirma a sexualidade envolvida na relação arcaica com a mãe, ele nos aponta uma saída para a colocação em opostos entre o sexual e o arcaico. A vinculação com o materno em Freud não está, nem de longe, alheio ao sexual. Ela, ao contrário, o desperta.

Tangenciamos, então, três diferentes questões que aqui busco apenas pinçar, mas merecem desenvolvimentos próprios. O desprestígio dos interesses por Freud, da atenção pelas questões edípicas e do olhar para a histeria: três problemas separados, sem necessária relação entre si. Ou não. Talvez tais inquietações não estejam tão afastadas. O interesse investigativo pela histeria e pelos sofrimentos psíquicos frutos do recalçamento e dos enredamentos nas tramas edípicas quem sabe possa ter tido o mesmo destino do interesse pela leitura de Freud.

Freud revitalizado

Em apresentação oral, realizada em 2012 em São Paulo, Fernando Urribarri, apresentou as ideias de Green e o incluiu em uma classe de psicanalistas que nomeou como pós-lacanianos, aqueles que seguiram o retorno a Freud, proposto por Lacan, sem necessariamente passar por Lacan para a realização deste resgate.

Urribarri (2012a) apresenta uma forma de ler Freud encontrada nesse grupo de psicanalistas que vai ao encontro do que eu tentava formular nesse trabalho, aquela da qual sinto falta: não é aquela dos primeiros discípulos, que aplicavam os aportes freudianos com pouca liberdade de modificação; nem a degradada, que encontramos entre as chamadas escolas de Psicanálise, que se apropria da parte que interessa da obra freudiana e nega valor a todo o resto. A leitura em questão é a que entende Freud como um grande autor, que mesmo quando se equivoca é muito interessante e pode ter seus impasses tomados como ponto de partida para investigação. Esta é a leitura, que, segundo minha avaliação, tem a potência de revitalizar o que há de mais radical na Psicanálise e fazer trabalhar a teoria e a clínica lado a lado.

Também em 2012, Urribarri (2012c) publicou um artigo em que aborda as transformações ocorridas na clínica psicanalítica contemporânea. Nele, é apresentado um recorte proposto por Green (1975) que destaca três movimentos históricos sucessivos na evolução da teoria e clínica psicanalíticas, cada um deles correspondendo a um modelo teórico-clínico específico.

Os três movimentos- freudiano, pós-freudiano e contemporâneo – são desenvolvidos por Urribarri à luz do conceito de contratransferência, e a leitura histórica complexa e não linear é possível de ser acompanhada na discussão de cada etapa. O segundo momento, nomeado como o movimento pós-freudiano, é aquele marcado pelas escolas de Psicanálise, que partiram dos impasses ligados ao movimento freudiano, permitindo aberturas em direções pouco exploradas para, na sequência, operarem um fechamento reducionista que dificultava a circulação de ideias.

Ao constituir-se como dogma, o modelo pós-freudiano, ao invés de dialogar ou articular-se ao modelo freudiano, tende a excluí-lo e a substituí-lo. Assim, o objeto substitui a pulsão como polo de referência conceitual. O self substitui o Ego. A destrutividade predomina sobre o sexual. As ansiedades prevalecem sobre o desejo. As angústias precoces sobre a angústia de castração. O afeto sobre o representativo. O pré-verbal sobre a linguagem. O diádico sobre o triangular. O arcaico sobre o edípico. A neurose fica esmaecida após a referência à psicose. A figura da mãe obscurece a importância (estrutural) do pai. Uma perspectiva genética e evolutiva ignora o estrutural cancelando a dialética entre sincronia e diacronia. (URRIBARRI, 2012c, p. 54).

O modelo contemporâneo proposto me parece ser ainda um esforço diante de uma forte impregnação atual deste segundo modelo. Esse esforço propõe uma leitura renovada de Freud, que atribui valor à metapsicologia e ao método freudianos como fundamentando a Psicanálise. Não propõe, entretanto, um retorno ao primeiro modelo, negando as fundamentais contribuições que se deram desde então. Com relação aos aportes pós-freudianos, a tentativa seria de uma apropriação crítica e criativa em diálogo com autores contemporâneos de diversas correntes.

Há nesta proposta de um modelo terceiro um esforço fundamental para a superação dos impasses ligados ao fechamento dogmático das ideias que reduz o fazer psicanalítico. Muito embora não se proponha o retorno a um primeiro modelo, o lugar de Freud e sua metapsicologia fica ali revalorizado e constitui uma aposta na esperança de diálogo entre polos hoje colocados como opostos.

Os grandes autores que, depois de Freud, desenvolveram obras elaboradas a ponto de ganhar seguidores- Klein, Winnicott, Bion e Lacan- foram aqueles que se debruçaram de uma forma muito íntima e pessoal com a obra freudiana. Cada um deles construiu contribuições singulares justamente por que tiveram um encontro único com Freud: fizeram trabalhar a teoria a partir de suas próprias experiências e leituras singulares. Considero ser essa a maior prova de que o texto freudiano é um texto mais de aberturas que de fechamentos, um texto que inspira uma postura clínica e cujas ferramentas teóricas oferecidas podem levar a ampliações no campo da Psicanálise.

Por tantos motivos, alguns dos quais tentei examinar aqui, advogo por uma leitura implicada de Freud na formação psicanalítica, certamente isso abrirá para uma movimentação ainda mais rica na obra de outros autores que dele partiram. Se parafraseássemos Green, indagando se teria Freud ainda

alguma coisa a ver com a Psicanálise, eu gostaria de poder responder que sim, que cultivamos na Psicanálise uma leitura vívida de Freud, que o veja não como superado, mas como fonte de inquietações.

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, escreve Calvino (2007, p.11). Freud certamente ainda tem muito a dizer.

Referências

AZEVEDO, B. *Crise pseudoepiléptica: corpo, histeria e dor psíquica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Coleção Clínica Psicanalítica)

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAUÍ, M. Ideologia e educação. *Jornal de Psicanálise*, 34 (62/63), 99-110, 2001.

FREUD, S. (1895). *Proyecto de psicología*. Buenos Aires: Amorrortu, 1950. 24v. V.1.

____ (1895). *Estudios sobre la histeria*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.2.

____ (1905). *Tres ensayos de teoría sexual*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.7.

____ (1916-1917). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.16.

____ (1917 [1916]). *Una dificultad del psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.17.

____ (1920). *Más allá del principio de placer*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.18.

____ (1940 [1938]). *Esquema del psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, [s.d.]. 24v. V.23.

GREEN, A. The analyst, symbolization and the absence in the analytic setting (on changes in analytic practice and analytic experience). *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, v. 56, p. 1-22, 1975.

_____. Sexualidade tem algo a ver com Psicanálise? In: *Livro Anual de Psicanálise*, São Paulo: Escuta, 1995. Tomo XI, p. 217-229.

_____. (1980). A mãe morta. In: GREEN, A. *Narcisismo de vida Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

HINSHELWOOD, R.D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLEIN, M. *A Psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LAPLANCHE, J. É preciso queimar Melanie Klein? In: LAPLANCHE, J. *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.

ORSINI, C. Leitura de Freud: um estilo de transmissão. *Jornal de Psicanálise*, 45 (83), 129-144, 2012.

URRIBARRI, F. *Homenagem a André Green na SBPSP*. São Paulo: SBPSP, 2012a. (Comunicação oral).

_____. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *Jornal de Psicanálise*, 45 (82), 143-159, 2012b.

_____. O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (3), 47-64, 2012c.

Santidade: um funcionamento mental?

A mental functioning?

Espanhol: Santidad: Un funcionamiento mental?

Eliane Souto de Abreu

Analista em Formação. Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFOR). Professora Assistente – Curso de Medicina Universidade de Fortaleza (Unifor). E-mail: xxxxxxxxxxxx

Resumo

Considerando as biografias de alguns santos, particularmente São Francisco de Assis, este trabalho analisa aspectos psicopatológicos e psicodinâmicos presentes na santidade: alterações do conteúdo do pensamento, do estado da consciência, dos impulsos e humor, da sensopercepção e da consciência do eu. A psicanálise pode perceber na santidade elementos narcísicos, histéricos, conflitos com a sexualidade e o fenômeno da resistência, entre outros. Levantamos como elemento central e consistente na santidade o caráter súbito, egodistônico e irreversível. O presente estudo não define santidade nem a propõe como distúrbio mental, mas a considera uma vivência especial, transformadora do indivíduo e, não raro, daqueles que o cercam.

Palavras-chave: xxxxxxxxxxxx

Abstract

Considering the biographies of some saints, particularly St. Francis of Assisi, this study analyzes the psychodynamics and the psychopathology present in sanctity: abnormal thought content, state of consciousness, impulse and mood, perceptual disorders and self awareness. Psychoanalysis

can identify narcissistic and hysterical elements, sexual conflicts and the resistance phenomenon, among others. This study highlights the suddenness, the irreversibility and the egodystonic character in sanctity. Sanctity has not been defined here, nor proposed as mental disorder, but considered as a special experience, transforming the individual, and often, those around.

Keywords: xxxxxxxxxxxx

Resumen

Considerando las biografías de algunos santos, particularmente San Francisco de Asís, este trabajo analiza aspectos psicopatológicos y psicodinámicos presentes en la santidad: alteraciones del contenido del pensamiento, del estado de conciencia, de los impulsos y humor, de la percepción sensorial y de la conciencia del yo. El psicoanálisis puede percibir en la santidad elementos narcisistas, histéricos, conflictos con la sexualidad y el fenómeno de la resistencia, entre otros. Levantamos como elemento central y consistente en la santidad el carácter súbito, egodistónico e irreversible. El presente estudio no define la santidad ni la propone como disturbo mental, pero la considera una vivencia especial, transformadora del individuo y, no raro, de aquellos que lo cercan.

Palabras clave: xxxxxxxxxxxx

1 Vidas de santos

“Visto que pela sabedoria de Deus o mundo não O conheceu, aprouve a Ele salvar, pela **loucura** da pregação, os que crêem.” (Bíblia, 1ª Carta aos Coríntios 1: 21, grifo nosso). Nesta e em outras passagens de sua 1ª Carta aos Coríntios, São Paulo aproxima a experiência religiosa da loucura. O modo de agir e pensar de loucos e santos escapa à razão pura, ao senso comum e à lógica. Ao longo da história cristã, as biografias dos santos (hagiografias) parecem reproduzir o pensamento de

174  Eliane Souto de ABREU. *Santidade: um funcionamento mental?*, p. 173-190.

Paulo de Tarso: os santos têm vivências comparáveis à doença mental e/ou um modo de funcionamento mental distinto.

Clément e Kakar (1997) descreveram o caso de um indiano e de uma francesa, contemporâneos no século XIX. Eles apresentavam os mesmos sintomas: visões, jejuns, fomes devoradoras, suspensão respiratória, catatonias, indiferença à dor e êxtases. Mas enquanto o indiano era exaltado em seu país como santo, a francesa era trancafiada no manicômio como doente mental.

Avaliando pacientes internados com vários diagnósticos psiquiátricos, Dantas, Pavarin e Dalgarrondo (1999) encontraram associação positiva de sintomas religiosos com: comportamento bizarro, desorganização conceitual, excitação, grandiosidade, hiperatividade motora, humor elevado, pensamentos não-habituais e distratibilidade.

Freitas, Farguharson e Furtado (2004) descreveram um *delírio de bondade*: um homem com idéia fixa de que “a realidade era desprovida de crimes e violência, na qual ‘tudo é amor’”. Trazia cachorros e mendigos para dormir e comer em sua casa e supunha que a TV e o rádio “inventavam” crimes relatados. “Curado” de seus delírios com antipsicóticos, sentiu-se “expulso do paraíso” (informação verbal, 2004). Há pontos de contato com o “delírio de amor”, descrito por Janet, em que as experiências francamente eróticas da relação da paciente Madeleine com Deus extravasam para o ambiente: “pássaros que a amam e cantam para ela, as crianças que sorriem, os outros doentes do quarto que têm cabeças divinas e estão cheios de amor por ela” (DALGALARRONDO, 2008). Como no caso Schreber, há ligação do conteúdo religioso com o erótico (FREUD, 1905/1972).

São Francisco era conhecido por avaliar erroneamente as pessoas. Acreditava nas boas intenções e na bondade humana incondicionalmente. Muitas vezes, acolheu em sua fraternidade homens que acabavam por espancar e roubar seus

irmãos (LE GOFF, 2001). Esta característica franciscana poderia ser chamada de “delírio de bondade”?

Santo Antão é um dos “padres do deserto”, e foi grande influência para São Francisco (LE GOFF, 2001). Hieronymus Bosch pintou um quadro impressionante com as tentações sofridas por um pequenino Antão ao centro, esmagado por toda sorte de seres e situações fantásticas. O demônio o tentou com a riqueza, os prazeres da mesa, com reinos e castelos, com lindas mulheres, e finalmente apresentou-se a Antão como “rapaz negro, amante da fornicção”. Antão lutou com entidades poderosíssimas, monstros, criaturas voadoras. Sentiu dores corpóreas terríveis. Mas quando seus seguidores olhavam para dentro de sua gruta, nada viam. (Santo Atanásio, n.d.). Este último dado sugere tratar-se de uma vivência particular de realidade de Santo Antão, com poderosas alucinações visuais, auditivas e cenestésicas, além de delírios.

Parte do processo de conversão de São Francisco de Assis aconteceu durante um surto de malária, e que o deixou acamado por vários meses. Durante sua doença, em meio a grande febre, ouvia a voz de Deus. Hoje daríamos o diagnóstico de *delirium* - alteração da consciência, acompanhada de outros sintomas psicopatológicos, de causa orgânica. Na Idade Média, isso não diminuía o valor das iluminações alcançadas pelos doentes. Ao contrário: estar às portas da morte facilitaria a comunicação com Deus (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003).

As semelhanças entre as mocinhas anoréxicas de nossos dias e as santas de outros tempos são discutidas por psicanalistas e psiquiatras. Muitas mulheres com “anorexia santa” - termo cunhado por Bell (1985), citado por Weinberg, Cordas e Munoz (2005) - foram canonizadas. Santa Catarina de Siena, Santa Teresa D’Ávila, Santa Liduina, Santa Wilgefortis, Santa Verônica, Santa Colomba de Riete, Santa Catarina de Gênova e Santa Maria Madalena de Pazzi são alguns exemplos. A pri-

meira santa das Américas, Santa Rosa de Lima, também era anoréxica. Santa Clara de Assis, a exemplo de seu mestre Francisco, mortificava o corpo com jejuns rigorosos, embora recomendasse moderação às suas irmãs de hábito (WEINBERG et al., 2005). A anorexia pode ter diversas interpretações psicodinâmicas: obsessão ou delírio, histeria ou doença narcísica? Os historiadores lembram que os deuses obesos e hedonistas foram substituídos pelos cristos magros (WEINBERG et al., 2005). A julgar pelas pinturas clássicas, que valorizam a corpulência, a anorexia das santas poderia ser interpretada como uma rebelião ao padrão estético vigente, mas há significados mais profundos: a “anorexia santa” faz a crente igualar-se ao seu Deus desencarnado/descarnado. Ela busca a pureza espiritual, e nisto mostra disciplina exemplar, um modelo de beatitude para seus contemporâneos. Hoje, não existe a busca coletiva da virtude espiritual pela sociedade. Mas há rígidos dogmas de beleza, na prática alcançados apenas por algumas afortunadas, genética ou financeiramente. Mesmo entre essas, as anoréxicas são vistas com espanto, admiração e inveja: elas superam as “mortais comuns” em seu sacrifício sobrehumano para não só atingir, mas ultrapassar o padrão estético vigente. A psicanálise lembra que as anoréxicas são meninas com dificuldade de elaborar o luto do corpo infantil, e encarar a sexualidade (re)-nascente (GORGATI, 1999; WEINBERG et al., 2005). Santa Wilgefortis (virgem forte, segundo alguns) seria filha de um rei português do século VIII, tendo sido prometida em casamento a um homem nobre, porém vil. Pediu a Deus que a fizesse horrenda, e pêlos nasceram em seu rosto e pelo corpo (hipertricrose – um dos sintomas da anorexia) (WEINBERG et al., 2005).

Santa Teresa D’Ávila era adolescente inquieta e cheia de vontades. Aos 13 anos perde a mãe, e sendo a filha mais velha, parece tê-la substituído como objeto de amor do pai. Aos 16 anos vai a bailes, canta, dança e é cortejada. Apaixona-se por

um primo e o pai teme por sua honra. Ele coloca Teresa num convento antes que ela ultrapassasse os limites do decoro permitidos. Lá, Teresa acredita não ter vocação religiosa, mas escreve que “... por outro lado os laços do matrimônio também me assustavam.” No convento, intercalava as paixões mundanas com os jejuns exagerados. Dizia: “Tudo o que quero, quero apaixonadamente”. Mesmo após os votos, apaixonou-se por outro jovem fidalgo que a visitava constantemente no claustro (REYNAUD, 2001; SANTA TERESA D’ÁVILA, 1562/1970). Novamente o pai desgostou-se de tal relação, e pouco tempo depois faleceu. Teresa renunciou aos amores mundanos após a morte do pai, mas a libido parece ter encontrado um canal propício em suas experiências místicas com São João da Cruz. Os relatos de suas irmãs de convento dizem que era necessário atá-los aos móveis para que não saíssem voando durante os êxtases (REYNAUD, 2001). Durante toda a sua vida de hábito, apresentava inúmeras manifestações sistêmicas: febres (incluindo malária), ressecamento da boca e garganta que a impedia de se alimentar, sangramentos, vômitos, dores articulares, perda de consciência. Teria alguma doença sistêmica como o lúpus? (SANTA TERESA D’ÁVILA, 1970/1562; REYNAUD, 2001). Seriam manifestações psicossomáticas? Santa Teresa é campo fértil para interpretações psicodinâmicas. Ilustra o gozo lacaniano, e retoma os sintomas histéricos, agora ressignificados como manifestações de santidade. Santa Teresa não falava em sentido figurado: assegurava que seu gozo espiritual tinha também manifestações físicas (REYNAUD, 2001; SANTA TERESA D’ÁVILA, 1970/1562). Numa só santa, manifestaram-se a possivelmente a histeria, a anorexia, as doenças psicossomáticas e o envolvimento em *folie à deux* (com São João da Cruz).

Alterações do humor também são freqüentes nos santos. Tome-se como exemplo São Francisco de Assis. Seus biografos relatam a prodigalidade de Francisco, que facilmente

gastava o dinheiro de seu pai em presentes, roupas e festas com amigos. A “luxúria” (hiperssexualidade?) também é mencionada. O humor de Francisco era flutuante, com momentos de tristeza em meio a um estado eufórico de base. Ele e seus irmãos eram “*jucundi et laeti*” (jocosos e alegres): “...olhando-se mutuamente, têm dificuldade de conter o riso... é uma epidemia de risos!...” (LE GOFF, 2001). Mas Francisco era também irritável. O famoso sermão aos pássaros pode ter sido uma reação de Francisco às dificuldades impostas por Inocêncio III à sua Ordem, e à devassidão encontrada em Roma. Irritado, teria preferido pregar aos pássaros que aos homens (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003). Na última fase de sua vida, predominou, em meio a doenças e cansaço físico, o humor deprimido. Prodigalidade, hiperssexualidade, humor eufórico/disfórico, além de depressivo, levantam a hipótese de transtorno de humor, possivelmente transtorno bipolar. Até mesmo sua ideia de missão divina poderia ser considerado delírio salvacionista e/ou sintoma de grandiosidade.

2 Santidade e psicanálise

A psicanálise, com exceção de Jung, não tem ostensivamente se dedicado a estudar os fenômenos religiosos. Há trabalhos como o de Cataldo (2007), descrevendo o narcisismo transformado de Francisco de Assis, ou a extensa análise de Yarom (1992), sobre o mesmo santo. Lotufo Neto (1997) diz que há características semelhantes entre psicoterapia voltada para o *insight* e direção espiritual, que acreditamos serem aplicáveis à santidade e à psicanálise: Os candidatos à santidade, assim como os analisandos, apresentam o fenômeno indefectível da resistência, com o desejo de evitar o desprazer (dor, ansiedade, culpa) através de mecanismos de defesa do ego muitas vezes desadaptativos (antigos padrões de comportamento). É muito comum nas hagiografias que a primeira

reação ao chamamento de Deus seja a fuga, sob o pretexto de não estar à altura das expectativas divinas. Moisés argumentou com o próprio Deus tentando evitar a missão de salvar o povo judeu, o que “acendeu a ira do Senhor” (BÍBLIA, ÊXODO, 4:10-14). A aceitação da tarefa costuma acontecer após um período de transição, recolhimento ou doença. A conversão/transformação completa de São Francisco demorou pelo menos 3 anos, desde a prisão pelo exército inimigo, doença grave e longa convalescença. Paulo de Tarso ficou cego, sendo acolhido por Ananias até estar pronto para a pregação (Bíblia, Atos dos Apóstolos, 9). Existem também características importantes para tornar o indivíduo “elegível” para a santidade ou para a psicanálise: o desejo de mudança, a habilidade para reflexão e a capacidade de um compromisso de longa duração (LOTUFO NETO, 1997).

A santidade é um exercício de uma forma particular de narcisismo. O santo, como todo indivíduo narcísico, é um eleito, o perfeito, sem máculas, ou *mutatis mutandi*, se intitula o menor dentre todas as criaturas. Em comunhão com a divindade, incorpora-a à sua personalidade, torna-se capaz de todas as coisas, opera as maravilhas de Deus. Como disse Paulo: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.” (Bíblia, Carta de São Paulo aos Gálatas, 2: 20). Cataldo (2007) sustenta que o narcisismo de Francisco é prévio à sua conversão, e permanece depois dela: inicialmente ele acredita que está destinado a um grande sucesso em suas empreitadas religiosas. Seria o grande investido de Deus. Acredita que deve doar tudo o que tem aos pobres. Mas o verdadeiro dono do dinheiro é seu pai, o comerciante. Francisco então rouba o dinheiro do pai e o doa (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003). Francisco estava atento às suas próprias necessidades, inclusive de expiação da culpa, mas não às necessidades e desejos alheios, pelo menos na primeira fase de sua santidade (CATALDO, 2007). Teresa D’Ávila percebe em si mesma

elementos narcísicos acentuados. Para ser amada vai aos extremos, e mesmo após o hábito, ela continua “terrivelmente orgulhosa, seu maior estímulo para agir continua sendo seu amor-próprio, ela ainda quer ser a mais perfeita, a mais admirada, a mais mortificada, a mais santa...” (RAYNAUD, 2001; SANTA TERESA D’ÁVILA, 1562/1970). São João da Cruz, mordaz, falava: “O impressionante em vós (Teresa), é que sempre que confessais um pecado, dais sempre um jeito de mostrá-lo sob um ângulo que vos seja favorável.” (REYNAUD, 2001).

Outro aspecto a ser considerado nas manifestações da santidade é a paranóia. A psiquiatria clássica define a paranóia como um sistema delirante irreduzível, em que alucinações não costumam estar presentes e onde as funções cognitivas externas ao delírio não estão prejudicadas (JASPERS, 1942/2003; PIO ABREU, 2002). Há colorido paranóide na santidade, uma vez que o santo se vê acuado ante o chamado divino e os poderes de Deus a ele conferidos são para ele realidade inconteste, embora nem sempre compartilhada por outras pessoas. Já para Freud, a paranóia também representa uma defesa contra um núcleo homossexual insuportável para o indivíduo, como pode ser visto em seu estudo sobre o caso Schreber (FREUD, 1905/1972). Yarom (1992) sustenta que o chamado de Deus e a expressão de uma afetividade claramente feminina, maternal, por Francisco de Assis, têm relação com sua homossexualidade. A fusão substancial, corpórea e espiritual do homem com seu Pai revela e sublima a homossexualidade (KRISTEVA, 1987).

Como se vê, a santidade mobiliza tanto a parte psicótica (delírio, paranóia, posição esquizo-paranóide) quanto neurótica (depressiva, necessidade de reparação) da personalidade.

Há quem critique a adoção da psicanálise por seus defensores como uma espécie de religião intelectual. Kristeva (1987) faz uma releitura dessa crítica, argumentando que a

experiência analítica se compara à religiosa na busca de um saber interior, e na identificação com o Outro. Para ela, observa-se na fé uma identificação primária com os pólos parentais (o Pai celestial, Virgem Maria, a mãe perfeita de Deus e dos homens). A autora compara o ateísmo ao recalque, o não querer saber nada disto (KRISTEVA, 1987).

3 A santidade, assim como o inconsciente, está para além da razão.

Parecem existir pontos de contato entre a santidade e fenômenos psicodinâmicos. A santidade pode se apresentar de maneira tão variável quantas são as experiências humanas, impedindo a definição de critérios psicopatológicos ou psicodinâmicos. No entanto, há elementos que nos parecem centrais, que remetem às palavras de Lotufo Neto (1997) sobre a experiência mística, com grifo nosso:

Uma experiência extraordinária, com mudanças nos aspectos formais do pensamento. Pode haver comprometimento do juízo de realidade, euforia, perda dos limites do ego, com sentimento de unidade com o divino e com tudo o que existe, alteração da percepção do espaço e do tempo. **Não há controle sobre o fenômeno.**

Para nós, este último é fenômeno básico na santidade. Portanto, propomos que a santidade, além de ser uma alegada unidade com Deus é frequentemente um fenômeno **súbito, em geral egodistônico, e irreversível. Não é escolhida nem controlada pelo indivíduo. Muda sua visão de mundo e influencia o ambiente ao seu redor.**

Neste aspecto, a santidade causa uma ruptura que lembra a esquizofrenia. Há correspondência com a definição de processo, como descrito por Pio Abreu (2002). Não há retor-

no à funcionalidade anterior, e o indivíduo passa a perceber o mundo de maneira diferente (PIO ABREU, 2002). A fase de transição ou pré-aceitação teria semelhanças com o “trema” dos esquizofrênicos, segundo **Conrad**: um sentimento de estranheza do mundo, de não estar mais confortável dentro da realidade (PIO ABREU, 2002). Depois, na fase de aceitação há o entendimento e a explicação através do divino, assim como o delírio funcionaria para o psicótico como a explicação da estranheza do mundo, da percepção delirante, segundo Jaspers (1942/2003).

No Salmo 139 está retratada essa sensação persecutória, de inescapabilidade do encontro com Deus: “para onde ir, longe do teu espírito, para onde fugir longe da tua face? Se subo aos céus ou se me jogo no *Sheol*, eu te encontro lá” (BÍBLIA, SALMOS, 139).

Este caráter persecutório, inescapável e egodistônico é central em Paulo de Tarso, o construtor do cristianismo. Perseguidor de cristãos, ele é **perseguido pelo divino**, literalmente “cai do cavalo” a caminho de Damasco, e é obrigado a aceitar a santidade imposta “de cima para baixo.” Deus parece escolher alguns santos **apesar** de seus defeitos, e não por suas qualidades. Quando Ananias, incumbido por Deus para cuidar de Paulo cego e confuso, retruca a Deus que Saulo/Paulo era um matador de cristãos, Deus responde: “Vai, porque este homem é para mim um vaso escolhido.” Mas é preciso que Saulo passe pelo período de transição/aceitação, cego e sem comer e beber por três dias (BÍBLIA, ATOS DOS APÓSTOLOS, 9). Em mais uma metáfora ou ironia divina, a cegueira de Paulo para o mundo exterior só é curada quando ele se dispõe a uma jornada interior, enxergando seus próprios erros passados, abrindo seus olhos para uma nova realidade. Francisco também foi “perseguido” por Deus, que precisou aparecer a ele diversas vezes, em sonhos, estados febris e nos caminhos para as guerras nas quais Francisco tinha a intenção de lutar,

até que a mensagem divina fosse compreendida pelo “santo relutante” (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003).

Levando em conta as idéias de Bion (1962/1991), poderíamos descrever a fase pré-conversão, a fase do “chamado inescapável” ou do “trema”, como representante da incapacidade de pensar, com produção de elementos beta e de *acting out*. Na fase pós-conversão, de aceitação do chamado, o santo adquire progressiva capacidade de pensar, de formar vínculos afetivos e de produzir um discurso rico em significados.

De maneira intuitiva, o caráter egodistônico ou à revelia da santidade foi levado às telas de cinema em pelo menos dois filmes: O Terceiro Milagre (*The third miracle*, direção: Agnieszka Holland, 1999), e Fim de caso, (*The end of the affair*, diretor: Neil Jordan, 1999, baseado em livro homônimo de Graham Green). Em O Terceiro Milagre, questiona-se a finalidade de Deus escolher como santa uma mulher simplória, semi-analfabeta, e de seus milagres aparentemente sem sentido. Em Fim de Caso, uma mulher comum, Sarah, com vários amantes e não especialmente religiosa, tem que aceitar seus dons sobrenaturais conferidos por Deus, e por isso renunciar a seu grande amor, Maurice. Este, inconformado com o abandono, investiga a vida de Sarah para desmascarar sua pretensa santidade, motivo que afasta os amantes. Mas quanto mais investiga, mais o amante se dá conta da realidade do fenômeno.

Um mito judeu relata que, a cada geração, existe um determinado número de pessoas, de extrema bondade e justiça, pelas quais Deus poupa o mundo da destruição e de sua ira. Seriam pessoas comuns, anônimas, que seriam santas sem percepção consciente do fato. Entre essas pessoas anônimas há judeus (os 36 de Israel) e não-judeus, os gentios justos (Unterman, 1992). Esse mito expressa a necessidade de conferir sentido à existência humana – existimos não por acaso, mas porque pelo menos alguns de nós merecem existir.

É a ânsia de retirar a experiência humana da banalidade e do acaso naturalista.

A busca de sentido é comum à religião e à loucura. Como dissemos, o delírio pode ser entendido como um sentido para o desconforto e inquietação do indivíduo confrontado com a realidade, que se torna cada vez mais estranha para ele. A religião tenta dar sentido às experiências humanas, especialmente as mais inquietantes, como o sofrimento e a morte. Do ponto de vista racional, qualquer religião tem crenças absurdas, como os delírios. Mas como disse Tertuliano, citado por Dalgarrondo (2008), “creio porque é absurdo”, o que destaca a inutilidade da razão para compreender e aceitar Deus. Há um paralelismo com a verdade do inconsciente, que em seu aparente caos impõe uma nova realidade, que não é aquela do consciente, da razão, da lógica. E é o absurdo do inconsciente, vislumbrado “em toda a sua glória” nos sonhos, nos atos falhos e na associação livre, que interessa à psicanálise.

4 Há um santo para os nossos dias?

Em nossos tempos, a descrença num projeto de revolução social eleva os projetos de realização pessoal acima das prioridades do coletivo. É uma imposição social ser bem sucedido profissionalmente, sexualmente, ser um vencedor, estar em destaque. O mundo atual é de certezas científicas de alta rotatividade, hedonismo, direitos individuais e individualismo sem limite.

Como um produto humano, a religiosidade reflete a sociedade, e o que vemos hoje é a religião da experiência individual. Várias seitas pregam que a fé levará o crente ao sucesso financeiro. O pentecostalismo, as possessões e curas (com fortes experiências emocionais individuais) são parte indispensável de muitas seitas evangélicas.

O individualismo tão cultuado em nossos dias influencia também a devoção católica: o santo “da hora” é Expedito, o “santo das causas urgentes”. A imagem clássica traz Expedito com uma cruz na qual se lê “*Hodie*” – Hoje. No mundo dos valores e direitos individuais não há tempo de refletir sobre as prioridades e necessidades coletivas. Os desejos individuais são urgentes. Eles são “para hoje”. Na oração mais comumente estampada nos “santinhos” de São Expedito, a primeira pessoa está presente pelo menos 15 vezes, num só parágrafo, e há um pedido paranóide de proteção contra “todos os que possam me prejudicar”. Que diferença da Oração da Paz, atribuída a São Francisco! Embora possam ser vistos elementos narcísicos, há nela a esperança da transformação da realidade, a sublimação e uma profunda consciência do Outro. Embora não seja provável a autoria de São Francisco, a preferência por uma ou outra oração denuncia diferentes valores em diferentes tempos históricos.

Em seu poema *Terra Devastada* (*The Wasteland*), T. S. Eliot (1963/2006) projeta no mundo e na natureza a solidão e aridez emocional humanas: “homens ocos” vivendo numa “montanha morta, boca de dentes cariados” onde “nem o silêncio vibra” (ELIOT, 1963/2006). Nunca esta metáfora foi tão real, em nosso planeta agredido e incompreendido pelo homem, poluído, hiperaquecido e exposto à radiação solar pela redução da camada de ozônio, empobrecido pela extinção das espécies e pela utilização predatória dos recursos. Num processo psicodinâmico coletivo, **atuamos** irrefletidamente (o *acting out* da psicanálise), e projetamos no exterior o lixo que em verdade é nosso.

Na Terra devastada em que vivemos, urge reencontrar um modelo de vida mais compatível com a convivência pacífica de todos, e com a sobrevivência do planeta. Considerando que as religiões ainda mobilizam multidões, é inevitável pensar no modelo franciscano de vida para a sociedade. Hoje

Francisco incluiria em sua irmandade a irmã Terra, ou o irmão Planeta, que seria para ele mais um *poverello* (pobrezinho) de Deus.

Francisco foi uma mistura inusitada de soldado, engenheiro (construindo igrejas e conventos), pedreiro, assistente social, ecologista, diplomata (não converteu o sultão, mas aprendeu a conviver pacificamente com o diferente), feminista (incentivando Clara a redigir as regras de sua própria Ordem, não se submetendo a um padre) e revolucionário: “... por essas razões nos preocupamos com o **bem estar** e a salvação de **toda** a humanidade (LE GOFF, 2001, grifos nossos). Não bastasse, foi poeta, e seus escritos foram um marco transformador da literatura italiana (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003).

Francisco de Assis foi uma figura de seu tempo e para além de seu tempo, um homem carismático e surpreendente que encantava seus contemporâneos. Ainda hoje, dificilmente seus biógrafos conseguem manter a neutralidade diante de sua história. Ele é o protótipo da santidade como um estado especial, um fenômeno apenas parcialmente explicado pelas ciências, pela psiquiatria ou pela psicanálise (LE GOFF, 2001; SPOTO, 2003).

É curioso: no momento em que termino a revisão desse texto para publicação, o Papa recém eleito após a renúncia de Bento XVI, nomeia-se pela primeira vez na história do papado como Francisco. Poderia esse gesto simbolizar uma reação ao individualismo e necessidade de acumulação material, crítica feita até mesmo à própria Igreja e ao Banco do Vaticano? A História verá!

Concordamos com outros autores que a santidade não é necessariamente contra a razão, mas atua através de “outra razão”. “Não turva a consciência lógica e científica, mas dela se afasta.” (DALGALARRONDO, 2008). Não chegamos a uma definição psicodinâmica ou nosológica para a santidade, mas destacamos alguns possíveis mecanismos mentais envolvi-

dos. Dentre os santos, São Francisco de Assis nos propõe um modo diferente de sermos humanos, considerando de fato a existência do Outro, neste Outro incluindo a humanidade e o planeta.

Agradecimentos

Agradeço aos Drs. Valton Miranda Leitão e Paulo Marchon pela leitura atenciosa do manuscrito.

Referências

ATANÁSIO, Santo. *Vida de Santo Antão*. Trad. Mosteiro da Virgem. Petrópolis: Cuadernos Monásticos, n.33-34, [s.d]. Disponível em: <www.padresdodeserto.net/antao1.htm>. Acesso em: 8 nov. 2012.

BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Trad. Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 146p. (Obra original publicada em 1962).

CATALDO, L. M. Religious experience and the transformation of narcissism: kohutian theory and the life of St. Francis of Assisi. *Journal of Religion and Health*, v. 46, p. 527-540, 2007.

CLÉMENT, C.; KAKAR, S. *A louca e o santo*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. 272p.

DALGALARRONDO, P. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p.

DANTAS, C. R.; PAVARIN, L. B.; DALGALARRONDO, P. Symptoms of religious content on psychiatric patients. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, p. 158-164, 1999.

ELIOT, T. S. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 313p. (Obra original Collected Poems, 1963).

188  Eliane Souto de ABREU. *Santidade: um funcionamento mental?*, p. 173-190.

FREITAS, M. C. S.; FARGUHARSON, A. O.; FURTADO, E. F. Delírio de bondade – relato de caso. CONGRESSO BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA, 22. *Anais...* Salvador, BA, 13 a 16 de outubro de 2004.

FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (vol. XII, p. 23-107). (Obra original publicada em 1905).

GORGATI, S. B. *Corpos desencarnados* – um histórico da anorexia. 1999. Psychiatry on line Brazil. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano99/anrx699.php>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

JASPERS, K. *Psicopatologia geral*. Trad. Samuel Penna Reis e Paulo da Costa Rzezinski. São Paulo: Atheneu, 2003. Vols. 1 e 2, 1029p. (Obra original publicada em 1942).

KRISTEVA, J. *No princípio era o amor: psicanálise e fé*. Trad. Leda Tenório da Motta. São Paulo: Brasiliense, 1987. 78p.

LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001. 251p.

LOTUFO NETO, F. *Psiquiatria e religião* – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. 1997. 368f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Disponível em: <<http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/20050516-es-drfln-teseFranciscoLotufoNeto.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

PIO ABREU, J. L. *Introdução à psicopatologia compreensiva*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 277p.

REYNAUD, E. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001. 361p.

SPOTO, D. *Francisco de Assis – o santo relutante*. Trad. S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 249p.

TERESA D'ÁVILA, Santa. Livro da vida. In: _____. *Obras completas*. Trad. Pe. Efrem da Madre de Deus. Porto, Portugal: Carmelo do Coração Imaculado de Maria, 1970. 1404p. (Obra original publicada em 1562).

UNTERMAN, A. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 278p.

WEINBERG, C.; CORDAS, T. A.; MUNOZ, P. A. Santa Rosa de Lima: uma santa anoréxica? *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 27, p. 51-56, 2005.

YAROM, N. *Body, Blood and Sexuality: A Psychoanalytic Study of St. Francis' Stigmata and Their Historical Context*. New York: Peter Lang, 1992. 148p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS ESTATUTO SOCIAL

CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO, SEDE, FINS E DURAÇÃO

Art. 1º - A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS – ABC é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com sede na Rua Belarmino Carneiro, número 249 (duzentos e quarenta e nove), no bairro da Torre, desta cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, podendo criar sub-sedes em qualquer unidade da Federação.

Art. 2º - A ABC tem por objetivo congregar e promover a maior integração possível entre os psicanalistas brasileiros em formação, visando o aprimoramento de seus Cursos de Formação Psicanalítica nas sociedades filiadas à International Psycanalistical Association – IPA, assim como representa-los junto a organizações internacionais congêneres.

Art. 3º - A ABC tem prazo de duração indeterminado.

CAPÍTULO II DOS SÓCIOS

Art. 4º - Poderão associar-se à ABC todos os candidatos em formação psicanalítica das sociedades brasileiras filiadas à IPA, interessados em participar dos seus objetivos sociais, podendo essa associação ser estendida além da data de titulação do candidato como psicanalista, desde que não ultrapasse, durante esse período, a data de realização do subsequente Pré-Congresso da ABC.

Art. 5º - São Direitos dos Sócios:

- a) Fazer parte das atividades promovidas pela ABC.
- b) Propor e discutir quaisquer assuntos de interesses da ABC;

- c) Participar com direito de voto das suas reuniões e Assembleias Gerais; e
- d) Participar das atividades da ABC, cooperando com seu desenvolvimento.

Art. 6º - São Deveres dos Sócios:

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto;
- b) Velar pela história e patrimônio da ABC;
- c) Participar das atividades da ABC, cooperando com seu desenvolvimento.

Art. 7º - Serão excluídos, do quadro de associados os sócios que deixarem de cumprir no presente Estatuto, e da Diretoria ou do Conselho Consultivo os sócios que faltarem com os deveres inerentes aos cargos ou funções que exerçam na ABC, devendo as exclusões ser decididas em Assembleia Geral.

Art. 8º - Os sócios não responderão, nem solidária, nem subsidiamente, por obrigações assumidas pela ABC.

CAPÍTULO III DAS ASSEMBLEIAS GERAIS

Art. 9º - As Assembleias Gerais são a instância máxima de deliberação da ABC, sendo constituídas por todos os seus sócios.

Art. 10 - As Assembleias Gerais funcionarão em sessão ordinária uma vez a cada 2 (dois) anos, coincidindo com a realização do Congresso Brasileiro de Psicanálise, e extraordinariamente sempre que necessário, por convocação do seu Presidente, de 2 (dois) subscrito por pelo menos metade de seus sócios, mediante Anúncio de Convocação, com sua respectiva pauta, afixado na sede da ABC, com antecedência mínima de 5 (cinco) dias.

§ Único - As Assembleias Gerais funcionarão em 1ª (primeira) convocação com a presença de pelo menos metade dos seus sócios e em 2ª (segunda) convocação, meia hora após, com qualquer número de sócios, sendo suas decisões tomadas

pela maioria simples dos votos, exceto nos casos previstos neste Estatuto.

Art. 11 - Compete às Assembleias Gerais:

Eleger os membros da Diretoria e do Conselho Consultivo;

- a) Deliberar sobre o relatório de prestação de contas e o balanço financeiro referente ao último exercício social, apresentados pela Diretoria, aprovando-os ou rejeitando-os;
- b) Decidir sobre a exclusão de sócios e membros da Diretoria e Conselho e do Conselho Consultivo;
- c) Avaliar os pareceres técnicos apresentados pelo Conselho Consultivo;
- d) Determinar alterações estatutárias e deliberar sobre a liquidação da ABC, sempre em caráter extraordinário; e
- e) Decidir sobre quaisquer assuntos de interesse social.

CAPÍTULO IV DA DIRETORIA

Art. 12 - A Diretoria é a instância de administração ordinária da ABC, sendo composta por 4 (quatro) sócios, com os seguintes cargos:

- a) Presidente;
- b) Vice-Presidente;
- c) Secretário; e
- d) Tesoureiro.

§ 1º - Os mandatos dos membros da Diretoria terão a duração de 2 (dois) anos, não podendo ser renovados para o pedido imediatamente subsequente.

§ 2º - Poderão ser eleitos Diretores substitutos, nos casos de destituição ou renúncia de seus titulares, para o prazo de conclusão de seus respectivos mandatos.

§ 3º - Os membros da Diretoria e do Conselho Consultivo não receberão qualquer remuneração pelos cargos ou funções exercidos na administração da ABC.

Art. 13 - Compete ao Presidente:

- a) Representar a ABC ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente, em juízo ou fora dele;
- b) Planejar e supervisionar os trabalhos e atividades desenvolvidos pela ABC; e
- c) Praticar todos os atos de gestão social da ABC, assim como abrir e movimentar contas bancárias, atuando em conjunto com o Tesoureiro.

Art. 14 - Compete ao Vice-Presidente:

- a) Assessorar e subsidiar o Presidente no planejamento e execução dos trabalhos da ABC; e
- b) Assumir o cargo de Presidente, em caso de ausência, impedimento, renúncia ou destituição do seu titular.

Art. 15 - Compete ao Secretário:

- a) Lavar as atas e das Assembleias Gerais da ABC; e
- b) Elaborar os relatórios e toda a correspondência da ABC.

Art. 16 - Compete ao Tesoureiro:

- a) Manter escrituração contábil da ABC;
- b) Elaborar o relatório e balanço financeiro da ABC, assim como substituir o Secretário nas suas ausências e impedimentos; e
- c) Abrir e movimentar contas bancárias, atuando em conjunto com o Presidente.

CAPÍTULO V DO CONSELHO CONSULTIVO

Art. 17 - O Conselho Consultivo é a instância de avaliação técnica da ABC, sendo composto de 2 (dois) membros, em igual nível hierárquico.

§Único – Os membros de Conselho Consultivo deverão ser escolhidos dentre os candidatos filiados a instituições de formação psicanalítica brasileira ligada à IPA, devendo ser

indicados preferencialmente pela associação de candidatos de cada instituto, ou por seu representante junto a esse instituto, no caso de ainda não existir ali associação de candidatos oficial, para exercer o mandato de 2 (dois) anos, não podendo ser renovado para o período imediatamente subsequente.

Art. 18 - O Conselho Consultivo deverá elaborar pareceres técnicos sobre as atividades desenvolvidas pela ABC, apresentando-os à Diretoria e, sempre que solicitado, à Assembleia Geral da ABC.

CAPÍTULO VI DO PATRIMÔNIO E DA RECEITA

Art. 19 - o Patrimônio da ABC é constituído por bens móveis e imóveis adquiridos, legados e doações, assim como por bens e valores que vier a adquirir.

Art. 20 - Constituem receitas da ABC as subvenções, auxílios e convênios com entidades nacionais e estrangeiras, públicas ou privadas, a contribuição periódica de seus sócios e as taxas de cursos e congressos eventualmente realizados pela ABC.

§Único – A ABC aplicará integralmente todas as suas receitas no território nacional, para a manutenção e desenvolvimento de seus objetivos sociais, sem distribuir lucros, dividendos, bonificações ou parcelas do seu patrimônio, sob nenhuma forma ou pretexto, entre seus sócios.

Art. 21 - Em caso de dissolução da ABC, seu patrimônio será destinado a outra entidade congênere registrada no Conselho Nacional de Serviço Social – CNSS, definida pela Assembleia Geral que deliberar por sua dissolução.

CAPÍTULO VII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 22 - O exercício social começa em 1º (primeiro) de janeiro e termina em 31 (trinta e um) de dezembro de cada ano.

Art. 23º - As alterações do presente Estatuto e a dissolução da ABC só poderão ser decididas através de Assembleia Geral Extraordinária para esses fins especificamente convocada, contando com a participação de no mínimo $\frac{3}{4}$ (três quartos) de seus associados, pelo voto da maioria absoluta dos sócios presentes.

Art. 24º - Para todas as ações que possam advir do presente Estatuto, fica eleito o foro desta comarca do Recife, capital do Estado de Pernambuco, com renúncia expressa a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

José Roberto F. S. Cavalcanti
OAB/PE: 9.504

Recife, 14 de Outubro de 1993.

Diretoria

Presidente: Evaldo Melo de Oliveira

Vice Presidente: Maria Simões Fonseca

Secretária: Maria de Fátima Leite do Amaral

Tesoureiro: Adailton D'Assunção

Conselheira: Sandra Paraíso Sampaio

Conselheira: Maria Arleide da Silva